





A CULTURA ACADEMICA

SCIENCIAS E LETRAS

Recife, 22 de Setembro de 1904.

Numero especial consagrada á Memoria de Martins Junior

SUMMARIO

Clovis Bevilacqua —MARTINS JUNIOR COMO JURISTA.....	3
Gervasio Floravanti —MARTINS JUNIOR (<i>o poeta</i>).....	17
Arthur Orlando —MARTINS JUNIOR (<i>o philosopho</i>).....	25
Oswaldo Machado —MARTINS JUNIOR (<i>o politico</i>).....	41
Arthur Muniz —MARTINS JUNIOR (<i>o orador</i>).....	47
Theotonio Freire —MARTINS JUNIOR.....	57
Durval de Britto —NO TUMULO DE MARTINS JUNIOR (<i>soneto</i>).....	72
Virgilio de Sá Pereira —MARTINS JUNIOR (<i>intimo</i>).....	73
A. G. de Araujo Jorge —MARTINS JUNIOR (<i>Meio em que appareceu</i>).....	79
Bianor de Medeiros —MATER INCONSOLABILIS (<i>soneto</i>)..	88
França Pereira —MARTINS JUNIOR (<i>sua influencia na vida mental brasileira</i>).....	89
Carlos Porto Carreiro —O ULTIMO POETA DA REPUBLICA	99
Phaelante da Camara —MARTINS JUNIOR (<i>o jornalista</i>)..	103
Martins Junior —DERRADEIROS VÔOS (8 <i>composições poeticas ineditas</i>).....	113
Correio Academico	121

S. Bittencourt & Famalada
off. *A Imprensa*

RECIFE—BRASIL

Imprensa Industrial

I. NERY DA FONSECA

Rua Visconde de Itaparica, 49 e 51--RECIFE

1904

ACADEMIA BRITANICA

Ac. 210993
Ex. 2
8939813

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA
P 137 | 23-1-51



Martins Junior

RECIFE-BRASIL, 22 DE SETEMBRO DE 1904

A CULTURA ACADEMICA

Numero especial consagrado á Memoria de Martins Junior

SCIENCIAS E LETRAS

Martins Junior como Jurista

Il voulait retrouver à tout pris dans la vie
et dans l'histoire la haute raison des choses.

M. Aguilera.

I



ESTE momento de angustiosa surpresa, em que a alma se retráe e se abriga na contemplação da fragilidade humana; em que não temos olhos sinão para perceber o vacuo aberto, pela morte de um brasileiro eminente, na vida intellectual de nosso paiz; em que toda a nossa sensibilidade vibra dolorosamente impressionada por se ter afundido na escuridão apavorante do nada o involucro material de um espirito que nos habituaramos a estimar por suas qualidades de caracter e a admirar pela possança de seu talento, não poderemos encontrar a serenidade precisa para desenhar-lhe o perfil literario e juridico violentamente destacado pela morte.

Haverá, porem, nos nossos escriptos a emoção da sinceridade que nada perde porque a estimula um acontecimento luctuoso. É a circumstancia de vivermos onde o illustre extinto desferiu os primeiros vôos de sua poderosa intellectualidade apura-nos a faculdade da visão, porque nos permite acompanhar, com sympathy, a marcha ascendente de seu espirito para o cimo da montanha que o sol da verdade illumina.

II

Embora o curso academico de JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR fosse dos mais brilhantes, é certo que a sciencia do direito não tinha para elle, a principio, as refulgentes bellezas e a gloriosa amplitude que mais tarde lhe reveláram as licções de TOBIAS BARRETO e a meditação dos livros, fortes pela concentração das idéas e profundas pela vasta erudição, dos grandes mestres allemães e italianos.

A poesia, nos primeiros momentos, em sua feição socialista, e, mais tarde na sua modalidade scientifica, offerecia estimulo sufficiente às faculdades creadoras que começavam a desenvolver-se no jovem estudante. A literatura, com as suas perspectivas seductoras, alargando os horisontes intellectuaes, e as generalizações philosophicas de COMTE, LITTRÉ, S. MILL e consocios, offerecendo soluções promptas ás duvidas que costumam assaltar a juventude intelligente, davam plena satisfação ao seu desejo de saturar-se de idéas novas e fecundas e de fazer-se forte para o glorioso combate em prol do progresso mental de seu paiz, combate a que o chamavam a sua nobre ambição de elevar-se, o

amor pela terra que lhe sustivera os primeiros passos e a consciencia de seu valor.

Foi com o espirito formado pela emoção esthetica que a sciencia desperta; pela harmonia altisona das phrases cantando em alexandrinos triumphaes; pelo methodo severo do positivismo em sua feição puramente scientifica; e pela concepção do mundo deduzida da observação dos phenomenos em interminio encadeiamento que desce das alturas do mundo estellar para as obscuras combinações da vida social ou prende as subtilizas do pensamento humano aos estos grandiosos da materia multiforme; foi com o espirito assim formado que MARTINS JUNIOR se entregou ao estudo do direito, que se lhe afigurava um aspecto da natureza, uma face da phenomenologia social.

Eis porque se observam em seus trabalhos juridicos, por um lado, a phrase adornada e tropologica do poeta, e por outro, a preocupação de subordinar as questões juridicas ás soluções ministradas pela philosophia, collocando-as no quadro geral a que logicamente pertencem.

A primeira das qualidades indicadas foi-se modificando, no correr dos annos, como um instrumento flexivel que, pelo uso, melhor se adapta aos misteres a que o applicam, e o estylo do jurista, tal como se revela nas suas ultimas produções, na *Historia geral do direito*, por exemplo, sem perder a energia de expressão, a originalidade, a opulencia da phrase e as galas do dizer, é mais adequado e mais transparente.

Os seus estudos de jurisprudencia continuaram a ser, pela forma cuidada que os distinguia, verda-

deiros trabalhos literarios; o escriptor juridico tinha as elegancias que a Academia de letras devia esperar de seu preclaro associado. O que houve apenas foi uma adaptação do estylo, que, originariamente forjado para outro apprehendimento, se teve de amoldar á exposiçāo da doutrina e da historia do direito.

III

As obras juridicas de MARTINS JUNIOR sãõ: *Fragmentos juridico-philosophicos* (1); *Historia do direito nacional* (2); e o *Compendio de historia geral do direito*.(3)

Nãõ está certamente, nessas obras, tudo quanto, ao progresso scientifico do direito no Brazil, deu o fecundo talento do illustre pernambucano. Haveria que accrescentar a transmissãõ oral dos seus conhecimentos, feita da cathedra de professor. Cabe a algum de seus discipulos dizer-nos qual a influencia da palavra do mestre sobre a intelligencia de seus ouvintes. Deve ter sido consideravel, porque MARTINS JUNIOR era eloquente e persuasivo.

JACOB GRIMM e ARNDTS referiram, em palavras unguidas de uma doce emoçãõ, filha da estima, da admiraçãõ e da saudade, a impressãõ que lhes causou o ensino oral de SAVIGNY, um falando do grande mestre nos annos ardorosos de sua juventude, lembrando o outro a quadra placida da maturidade. Diz o primeiro: «Nãõ sei de lições que

(1) Recife, 1891. Typ. Apollo.

(2) Rio de Janeiro, 1895, Empreza democratica ed.

(3) Pernambuco, 1898, Ramiro M. Costa & C. ed.

tenham feito sobre mim mais profunda impressão do que as de SAVIGNY.» O segundo, encontrando-se, vinte e cinco annos depois, entre os ouvintes do sabio auctor do *Systema de direito romano*, se expressa por este modo: «Tambem eu não ouvi jamais, em parte alguma, ensino de belleza mais completa.»

JHERING, por sua vez tambem, depoz a este respeito: «A voz era melodiosa, sonora, e se propagava sem esforço; a elocução calma, segura, regrada, deixando-se ouvir como a palavra mesma do evangelho. Mas não encontrei o que STAHL possuia em alto grau, o que SAVIGNY naturalmente possuiu, quando moço:—o calor do discurso, que nasce do interesse com que o professor desempenha as suas funcções e se occupa de seu assumpto. (4)

Não quero fazer aproximações que seriam inadequadas, mas, deixando-me levar pelas solicitações de uma reminiscencia associativa de idéas e de sentimentos, tive apenas em mente dizer que, avaliando pelos seus dotes oratorios, MARTINS JUNIOR devia ter tido, na cathedra de professor, aquella ardente vivacidade de expressão, communicativa e convincente, que para JACOB GRIMM constituia o encanto das prelecções eruditas de SAVIGNY e que JHERING assignala como uma das qualidades do ensino de STAHL.

Haveria mais que falar da parte que tomou nas discussões do *Congresso Juridico* reunido no Rio de Janeiro em 1900, como representante da Faculdade

(4) *Melanges*, trad. Meulenaere, Paris, 1902, pag. 65—66.

de direito do Recife. O brilho de sua palavra e o vigor de sua intelligencia se fizeram notados pela sociedade selecta que ali lhe serviu de auditorio. (5)

Haveria, finalmente, que dizer, para completar estas indicações, dos trabalhos forenses e dos escriptos dispersos entre os quaes merece especial menção o que tem por titulo—*Soberania e Acre*, versando sobre o litigio em tempo levantado, nas regiões do direito, a proposito do tractado que fixou os limites entre o Brasil e a Bolivia. (6)

Esta lacuna forçosa não é, porém, demasiado sensível, porquanto foi nos seus livros, nos seus trabalhos de maior reflexão e de surto intellectual mais notavel, que a sua mente pousou mais demoradamente, que o seu pensamento se fixou de modo mais nitido.

Ahi melhor se poderá ver a florescencia e a fructificação do seu talento.

IV

Nos *Fragmentos juridico-philosophicos* destacam-se tres estudos de real valor: *O conceito da equitas*; *intuições romana e germanica do direito*; e *o crime de injuria aos mortos*. Estes primordios impressivos, onde a elevação dos conceitos se envolve nos atavios dos periodos sonoros, reclamam do analysta mais demorada attenção, por-

(5) MEIRA E SA—*Relatorio sobre o Congresso juridico americano*, Natal, 1904, pag. 11; *Congresso Juridico americano*, publicação feita sob a direcção do dr. SA VIANNA, Rio de Janeiro, 1902-1904, I vol., pag. 65-66 e 104-106.

(6) Publicado primeiramente em jornaes, este estudo foi depois distribuido em folheto, Rio de Janeiro, 1903.

que não constituem simples ensaios de quem começa a deletrear as dificuldades da sciencia do direito, e sim meditadas observações de quem procura descobrir um aspecto novo nos assumptos estudados.

Apesar da sentença de M. VOIGT, para quem a *æquitas* dos romanos é um enigma ainda não decifrado pela sciencia—*ist unserer Wissenschaft ein noch nicht ungelæste Raethsel*, MARTINS JUNIOR não esmoreceu e, antes, redobrou esforços para penetrar o segredo desse problema ethico-juridico. O resultado do seu labor foi plenamente satisfactorio. A *æquitas* foi um elemento propulsivo da evolução do direito, foi a expressão das modificações por que passavam os estados sociaes quando estes reclamavam alterações correspondentes na ordem juridica. Por isso variou o seu conceito, adquirindo maior largueza e exercendo influxo mais directo sobre as soluções do direito stricto. «*Nasce com o jus gentium para protestar contra o jus civile e cresce com o jus naturale para espiritualizar o jus gentium*», diz elle em synthese (7), ponderando, entretanto, que «em nossa epocha, se tornou um appendice inutil no grande organismo do direito.» (8)

Esta ultima observação sobre o atrophiamiento da equidade ha de ser comprehendida restrictivamente. Quer dizer que a sua intervenção ostensiva no funcionamento do direito positivo se foi pouco a pouco limitando até desaparecer, mas não pretende affirmar que estejam inteiramente baidos da consciencia juridica, em nossos dias, a noção e o sentimento da equidade.

(7) *Fragmentos juridico-philosophicos*, pag. 36.

(8) *Fragmentos* cit. pag. 36.

A *intuição romana e germanica do processo* é uma feliz condensação de idéas expendidas por TOBIAS BARRETTO aos seus alumnos do quinto anno juridico para as quaes MARTINS JUNIOR foi pedir roboração aos ensinamentos de JHERING, COGLIOLO, SAVERIO DE CILLIS, CARLE E SCHULTE.

O processo germanico apresenta uma modalidade extra-judicial que o romano desconhece; no primeiro, a prova é direito do réo e, no segundo, compete ao auctor; aquelle é syncretico e este analytico; o germanico desconhece a separação romana das funções judiciarias nas duas ordens de jus e judicium. (9)

Estas conclusões parciaes a que leva o estudo dos dois systemas juridicos servem de base a esta conclusão mais geral: *em Roma a lucta juridica é socio-nomica ou estatunomica; na velha Germania ella se manifesta autonmica ou demonomica.* (10)

No ensaio que tem por objecto—*o crime de injuria aos mortos*, a intelligencia do escriptor se mostra mais livre da influencia dos mestres, mais confiada na investigação directa dos phenomenos juridicos e mais temeraria nas construcções doutrinarias.

O exame do assumpto, na sua parte puramente especulativa, marcha com regularidade e firmeza. Quando um morto é offendido na sua dignidade e reputação, escreve MARTINS JUNIOR, « ha, pela natural solidariedade de sentimentos, uma delegação presumida do direito do morto, em virtude da

(9) *Fragments*, pag. 67-73.

(10) *Fragments*, pag. 74.

qual os cognatos podem pôr em acção esse direito.» (11) E, accentuando mais o seu pensamento, accrescenta : «Entendo que, presentemente, o direito prehencherà os seus fins e cumprirá o seu dever, si, *ad instar* do que fez com os corpos collectivos, reconhecer, no individuo fallecido, uma *personalidade ideal*, capaz de um direito passivo, mas exigivel por intermedio de terceiros que se refiram ao seu *status illæsa dignitatis et existimationis*. (12)

Passando a encarar a questão do ponto de vista do direito constituido que então se corporificava, quanto ao caso examinado, no código criminal de 1830, o jurista forçou algum tanto a extensão da lei punitiva, para dar satisfação aos nobres reclamos de sua consciencia.

Os seus argumentos, porém, si não conseguiram implantar no organismo juridico, então vigente, a nova figura juridica, muito contribuíram para facilitar-lhe o advento e valem por um lucido commentario ao art. 324 do Código penal.

Enfrentemos agora os livros mais extensos que escreveu MARTINS JUNIOR sobre materia juridica. O primeiro delles, a *Historia do direito nacional*, é uma forte e luminosa synthese da evolução do direito patrio, desde o momento decisivo na vida da humanidade, em que a civilização antiga, de que os romanos eram, então, os representantes, se deixou fecundar pela corrente de idéas e de sentimentos que os barbaros traziam de suas florestas e de suas montanhas, até a epocha memoravel para nós, em que rompemos os ultimos elos politico-adminis-

(11) *Fragmentos*, pag. 91.

(12) *Fragmentos*, pag. 200.

trativos que nos prendiam á metropole portugueza e reclamámos o nosso posto entre as nações soberanas.

O assumpto ainda não fôra explorado, na parte referente ao nosso direito, e MARTINS JUNIOR tinha de colher os seus materiaes nos livros de historia politica, coordenal-os segundo o plano que concebera, injectar-lhes a vida de seu pensamento e dar-lhes o toque de luz do systema philosophico a que subordinára o espirito.

« Nem um ensaio, dizia elle, por mais ligeiro, nem um esboço, por mais imperfeito, conhecemos até agóra, visando a historia geral do nosso direito positivo (13). A empresa, por isso, era tam seductora quanto fragosa. Della sahiu-se galhardamente o cathedratico do Recife, ainda que, aos seus olhos, não fosse o seu trabalho mais do que um primeiro esboço que esperava mais tarde transformar « num quadro immenso e forte onde palpitasse, larga e poderosamente, a alma da patria, na gloriosa labuta da elaboração do seu direito » (14).

Como escreveu uma vez SCHIATARELLA, « a idéa de serie, de processo continuado, de relações ininterruptas nas phases da evolução, é a idéa mãe da philosophia monistica » (15) MARTINS tomou essa orientação do evolucionismo, da theoria genealogica e procurou traçar a filiação historica do direito patrio, destacando as phases mais fecundas pelas innovações ou transmutações engendradas, e unindo cuidadosamente os elos da immensa cadeia.

(13) *Historia do direito nacional*, Advertencia previa.

(14) *Hist. do dir. nacional*, l. c.

(15) *Presupposti del diritto scientifico*, 2.^a ed. p. 148.

O plano foi, portanto, concebido segundo os moldes da sciencia social e da sã philosophia.

Si é possivel notar que a documentação de algumas passagens não é tam abundante quanto fôra para desejar e que ao livro falta a parte, incontestavelmente muito interessante, da historia juridica que se desdobrou após a proclamação da independencia, força é reconhecer que alguns capitulos foram construidos com aquelle criterio que somente o estudo demorado pode dar e que por outros se desprendem lampejos rutilos denunciadores da superioridade intellectual de quem os urdiu.

As bellas paginas destinadas a expor a *protoplasmia ethnico juridica e o peregrinismo do direito nacional* têm esse cunho de elevação.

Ellas resaltam a questão, na sua profundidade e largueza, como si a immergissem num banho de luz. A concepção é verdadeira e a phrase que a transmite aos leitores vibra com energia e calor.

E', porém, na *Historia geral do direito* que eu vejo a obra culminante de MARTINS JUNIOR.

Segurança de conceitos, clareza de exposição, concatenamento dos factos juridicos em desdobramento evolutivo, todos os predicados de um desses compendios bem organizados, que condensam os resultados das investigações eruditas e das especulações philosophicas, ahí se encontram.

Começa o livro expondo as leis que dominam a evolução do direito, ou as que ao escriptor se apresentaram como taes, pois, neste dominio, ainda não chegamos a resultados definitivos. Lança em seguida um olhar investigador para os primordios do direito objectivo nas raças inferiores; eleva-se

desse inicio vacillante e obscuro para as grandes monarchias antigas da raça amarella e da America precolombiana, para prehencher o elo perdido que devera ligar o homem prehistorico ás robustas civilizações da Assyria e do Egipto; prosegue através das construcções juridicas dos arianos e dos semitas demorando-se um algum tanto mais entre hellenos, romanos e germanos; estuda os differentes factores que, na edade media, concorreram para a transformação do direito, permeiando-se reciprocamente; e attinge, porfim, ao direito moderno, que no pensar do auctor, tende, ao mesmo tempo, a universalisar-se e a individualisar-se. E esta é a conclusão do livro: « O movimento moderno vae todo no sentido de alargar, de generalisar, de universalisar o direito; concorreram para isso, a principio, o espirito dos direitos romano e canonico e as aspirações dos philosophos e juristas dos seculos XVII e XVIII; concorrem agóra as novas necessidades sociaes, os ideaes de fraternisação internacional e humana, o espirito generalizador e social da sciencia, a expansão commercial e industrial. Mas, a par disso, o referido movimento vae tambem no sentido de especialisar o direito de cada povo, de fixal-o, de demarcar-lhe as fronteiras, de condensal-o emfim, de modo a poder tornar-se possivel o seu conhecimento por meio da escripta e da imprensa entre todos os povos civilizados do planeta. E' esse o papel dos codigos." (16)

A impressão que deixa a leitura deste substancioso livro é a do viajante que, depois de per-

(16) *Historia geral do direito*, p. 232.

correr diversos paizes, onde apreciou os costumes diversos dos povos e os diversos aspectos da natureza, chegasse ao vizo de uma cordilheira de onde avistasse, a um tempo, o caminho percorrido e a patria idealizada de suas aspirações e anhelos. Vê-se o direito surgir, avançar, lutar, succumbir, reerguer-se, e porfim desprender o vôo poderoso pelo futuro a dentro. E' um compendio digno de um mestre e que honra a Faculdade em cujo ambiente se formou.

Tem-se falado na eschola do Recife, uns para censural-a por não ter realizado o typo da preferencia dos criticos, outros para louvar-lhe os intuitos reformadores, a predilecção por certos mestres, em sua maioria allemães, e a sua tendencia a infiltrar, nas questões juridicas, o criterio e a vida que promanam da philosophia e das sciencias.

Pode ser que aos censores não escasseiem motivos para os reparos que têm feito, mas é incontestavel que a fecunda renovação das idéas juridicas, que já conquistou amplas sympathias no Brazil pensante, pariu d'aqui. A' Faculdade de direito do Recife não é possível recusar essa precedencia no movimento que mais tarde se generalizou. Iniciou-o TOBIAS BARRETO; continuaram-no os seus discipulos no sentido largo da expressão. E, entre estes, salientou-se, por seu talento e por seus esforços, MARTINS JUNIOR, cujos livros de historia juridica, geral e especial, se contam entre os mais valiosos productos da litteratura brasileira, no dominio particular em que se enquadram, e entre os factores mais vigorosos da restauração dos estudos do direito entre nós.

Quando outros vierem, mais tarde, completar a obra historica por elle iniciada, o seu nome ha de refulgir entre os dos operarios benemeritos desta interminavel construcção do direito scientifico, e os seus livros hão de ser assignalados como socalcos por onde estacionou o pensamento juridico brasileiro na tentativa de se conhecer a si mesmo, nas suas origens, na sua razão de ser e na sua capacidade, para mais seguro aventurar-se na conquista de novas formas e de uma organisação mais conforme aos altos destinos da patria.

CLOVIS BEVILAQUA.





*Martiņs Junior aos 15 annos (1876).
estudante de humanidades.*



Martins Junior

(O POETA)



ÃO é um estudo, não é uma critica, não é senão um juizo muito pessoal, o que se vai lêr nestas linhas.

Os estreitos limites d'*A Cultura Academica* e os mais estreitos ainda dos dias, que o seu devotissimo Director nos assignou para que rendessemos homenagem ao poeta do «Livro de Elisa», me não deixaram, estes, sequer o tempo de relêr tudo o que Martins Junior produziu em verso e naquillo que elle chamava a Poesia Scientifico-Philosophica, aquelles, de certo, não comperariam os detalhes que a imparcialidade do critico impõe em assumptos desta natureza.

Porquanto, em verdade, julgo impossivel destacar das multipias feições de um individuo, esta ou somente aquella para pô-la em relêvo. Um estudo, pois, sobre Martins Junior, o poeta, seria para mim, ao mesmo tempo, um estudo sobre Martins, o orador, o jornalista, o jurista, o philosopho, o intimo, ou, mais resumidamente, sobre Martins, o *homem*.

Este proprio tom de homenagem, isto é, de assentado elegio, que devemos fazer ao Grande Morto, tira-me, no momento em que escrevo, parte d'aquella antiga sinceridade, com que em assumptos menos gratos eu me autorizava dizer-lhe :—Poeta, vaes errado—

Imaginem os leitores d'*A Cultura* de quanto as nossas longas intimidades espirituaes foram cheias e de porque não chegamos a brigar mesmo no capitulo desta explorada e nunca pobre Arte rimada.

Não porei um pouco de latim na minha carta, nem citarei, por emquanto, os autores estrangeiros, que hei de lêr logo que tiver dado a minha noticia sobre Martins Junior, o *Poeta*.

O principal é o meo assumpto, e devo acabar com elle.

— Martins Junior teria sido realmente um Poeta ?...

Versos fez elle. E', comeffeito, um indicio. Recolho os dados que a memoria me traz, mas não posso ainda, com segurança, indicar a data certa em que Martins começou a ser um poeta *em verso*.

Sei, porque muitas vezes elle me disse, que na cidade do Cabo, em 1870, aos dez annos de sua idade, já perpetrava a Musa, ao mesmo tempo que fazia os seus cavallos de flecha e brigava pelos Francos contra os Prussianos, numa luta desigual, de que, talvez por coincidência, sahia sempre apanhado.

Este entusiasmo pelo mais fraco, esse pendôr latinista, que fêl-o, desde ahí, irmanar uma forma politica de Governo com a propria terra em que a seos olhos ella definitivamente se affirmara, conduzio-o durante toda a vida, forçando-o até, por uma solidariedade simplesmente emocional, a fazer-se positivista e, a não deixar de sêl-o, mesmo no tempo em que Tobias Barretto dardejava sobre os ultimos de seos discipulos aquellas apostrophes relativas á insanidade mental de Comte e á inutilidade de uma *pretendida* sciencia nova — a Sociologia.

E' possível que en: esteja vendo muito depressa; mas encontro, desde alli, isto é, desde aquellas primeiras explosões de revolta sentimental, a tara decisiva de um Poeta.

O proprio Martins exclama, naquelles versos das *Visões de Hoje*:

..... Musa,
Em pequeno, eu já via a tua branca imagem
Na onda, no vergel, na estrella, na paisagem
Nos amôres pueris, nos risos, nos folgares;
E agora, encontro-a sempre em todos os logares,
Onde ha que levantar um corpo da Miséria!

— Quanto á França, não deixou mais de ser para elle a sua patria intellectual—a França Vencedora—que não esquecia até por entre a *viração silvestre das florestas de sua terra*. E confessa:

-- Eu nunca me esqueci da minha reverencia,
Ao longinquo solar da Gallia soberana!

-- Chegou, porém, a época em que Martins matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife.

Desde logo, por uma necessidade de sua natureza irradiante, começou a grupar em torno de si uma porção de satellites e a revelar-se como a mais exuberante intellectualidade de Pernambuco. Realmente, enquanto outros faziam esforços para serem philosophos, oradores, juristas e até politicos republicanos, Martins era tudo isto e, sobre tudo, um Poeta.

Aquelle idealismo, avassalador e dominante em a sua natureza, espontou sempre como uma aresta de ouro em todas as proteiformes manifestações de sua individualidade.

-- Na Academia, elle deo-nos os seos primeiros versos, os *Estilhaços*, que ao depois, em 1885, reunio em edição definitiva. Este livro soffre todas as preocupações de uma escola; desde a

esthetica de suas creações, até a plastica de sua linguagem. Os *enjambements* constantes, os rípios immoderados, a technica insistente de certos termos que Junqueiro puzera em voga, tiram muito á belleza de conjuncto de certas composições.

Uma vez por outra, o poeta rasga a tunica de Nessus de sua escola e brilha assim :

— Sorvi por muito tempo os halitos da Noite ;
Depois, ebrio da luz, dos sons que a natureza
Ajuntava em redor em vivida grandeza,
Eu disse p'r'a amplidão : Permite que eu me acoite
No teu collo feliz, ó languida sultana !.
Consente que eu me aninhe em teu regaço enorme
— Aqui, junto ao teu seio, é só que a gente dorme,
Sem sentir o amargor da ruindade humana...

O curioso é que estes versos são de uma poesia intitulada *Lyrismo*. O poeta comprazia-se em desdenhar da *Musa Antiga*, como se a verdadeira poesia podesse ter idade, e, quando menos esperava, ella pregava-lhe a peça de fazel-o escrever os melhores de seus versos.

A ideia preconcebida de que o romantismo, e o que é mais, o proprio lyrismo (!) estavam mortos, resalta da maioria das composições dos *Estilhaços* e é como uma flammula de batafha que o poeta julgava-se obrigado a exhibir sempre, na qualidade do maior dos pares de uma *corrente nova* na poesia brasileira.

Guerra Junqueiro tinha inscripto esta bandeirola, que Martins levanta no portico de uma de suas poesias de combate :

— O Romantismo sombrio
Morreo á noite passada ;
Expirou como um vadio
Num catre d'agua furtada...

Dahi por deante, ninguem mais deixou de sentir-se autorizado a dizer nomes feios a um pobre morto, que, por signal, viverá sempre. Elle, como todas as formas em que a Inspiração transluzza, ou todos os brilhantes em que a Poesia se engaste.

Arregimentada a escola, era natural que todos fossem com ella. O maior, ou antes, o unico bastante notavel de seus adeptos para ser, entre nós, citado, julgava-se com a responsabilidade de affirmar-a todas as vezes. Ainda quando Martins se dirige a *uma actriz*, uma hespanhola, sente-se obrigado a repetir que não tem :

..... a lyra rendilhada
Das bonitas canções amenas, dulçurosas,
Que os poetas de amor, da magica toada,
Costumam dedilhar em vibrações chorosas.

E insiste :

Não tenho. A minha lyra é quasi que um clarim
Tocando uma alvorada eterna—a da Verdade.

Só esqueceo-se o poeta, de que a verdade é o que estava no fim, de accordo com a emoção que o fazia cantar e fóra das *ficelles* obrigadas da preconcebida escolastica :

..... Eu temo que um sabiá,
Vendo quanta harmonia alaga-te a garganta
Aos labios te vá ter.... crendo que o ninho é lá !....

Paro aqui, quanto aos *Estilhaços*. Já, sem procurar, encontrei mais de seis versos bonitos para desmentir os receios de Taine que exclamava : *Descobrir seis bellos versos! Eu preferia commandar um exercito... Casos têm havido de os soldados, só por si, ganharem a batalha... mas, descobrir seis bellos versos !...*

— Ainda na Academia, Martins deu-nos as *Visões de Hoje*, cuja 2.^a e ultima edição é de 1886. Este, sem ser o mais glorioso de seus titulos como poeta, é o seu maior titulo de gloria.

De facto, toda a vez que se falar dos grandes momentos litterario-poeticos de nossa terra, isto é, das feições mais culminantes que a Poesia Nacional assumio em todo o desdobrar de suas correntes, caberá ao livro de Martins o papel de um marco, exactamente como no dominio das sciencias naturaes — a *Origem das Especies*—de Darwin ou no da Juristica—a *Lucta pelo Direito*—de Ihering.

E' simplesmente uma comparação, para significar como quaesquer que sejam os caminhos os mais inesperados, por que o espirito humano enverede, nunca poderão ser esquecidos os germens propulsivos de certas creações originarias.

E, se no campo restricto da belletristica nacional, Martins tem atraz de si a influencia exotica de Sully-Prudhomme ou mme. Ackermann, tambem Darwin não pode ser comprehendido sem Lamarck, nem Ihering sem Savigny. Isto quer, apenas, dizer que todas as manifestações do espirito humano se encandeiam, e, de tal modo, que a originalidade, em absoluto, se existisse, seria um phenomeno teratologico.

— No Prefacio das *Visões*, o poeta resume os fundamentos da Poesia Scientifica : —*A arte de hoje, creio, se quizer ser digna de seu tempo, digna do seculo que deo ao mundo a ultima das seis sciencias fundamentaes da classificacão positiva, deve ir procurar as suas fontes de inspiracão na Sciencia; isto é, na generalisação philosophica estabelecida por Augusto Comte, sobre aquelles seis troncos principaes de todo o conhecimento humano.*

Desde logo, salta aos olhos o que ha de artificial na formula de Martins. Porquanto, nem a Sciencia pode nunca ficar enquadrada na angustiosa moldura comteana, nem, muito menos, a Poesia pode deixar de bater azas para alem desse cêo de seis estrellas, com que o sabio francez limitou o nosso systema planetario intellectual.

Em realidade, a Poesia pode casar-se com a Sciencia ; mas, com a condição que o officiante nesse consorcio seja a

Verdade. Ora, a Verdade continua no *fundo do poço* e nenhuma systematização philosophica deu-nos ainda o espelho magico em que Ella se possa mirar. Parece até que, se isto alguma vez succedesse, a Sciencia, isto é, a pesquisa da verdade, não teria mais razão de ser e a Poesia, depois de ter corrido com sua irmã gemea atraz do *vellocino de ouro*, se empedraria, como a mulher de Loth ou, quando muito, ficaria como Hécuba a chorar [e só com seis filhos !...] a tomada de Troya.

Não; a Sciencia tem poesia, como tudo aquillo com que a emocionalidade humana possa ser dispartada. Quando Newton destruiu o encanto do *arco-iris*, reduzindo-o simplesmente a um prisma, não nos tirou o de admirarmos a harmonia daquellas sete côres, nem o de sentirmos umas gottas d'agua cahidas enganosamente do Céu, nem até os receios infantis de uma farça androgyna, passando debaixo do semicirculo septi-côlor.

Não chegarei como Gœthe e Schelling a pensar que sem *mysterio* ou sem *superstição* não pode existir verdadeira poesia; mas, é incontestavel, que toda a vez que se rasga a penumbra que envolve a belleza de certas cousas, a mais dolorosa das surpresas faz-nos exclamar: *era isto o que eu achava bonito?!...*

— Nas *Visões* Martins reúne em quatro syntheses—a Sciencia, a Politica, a Religião e a Arte. São os quatro polos em torno dos quaes gyra a imaginativa do poeta.

Não descerei a detalhes para cascavilhar o que ha de fraco na feitura de alguns desses versos, lidos atravez da lente parnasiana. Hoje que [o parnasianismo autorisou todo o mundo a fazer o seu soneto, e difficil comprehender como se teinha escripto, ainda ha pouco tempo, um poema inteiro, sob o rutilar de uma idéa constante. — As *Visões* são o compendio rimado das aspirações de uma epoca. Eu que não tenho a mesma idiosyncrasia artistica do poeta sou incompetente para applaudil-o; não para admiral-o.

— Preciso, porem, acabar justificando um epitheto, que destoa dos consagrados pela critica indigena e escapou em começo ao desalinhave com que venho escrevendo estes trechos.

A bibliographia em verso de Martins é longa de mais para, como preveni, ser aqui completamente passada em revista.

Não falarei, por isso, dos *Retalhos*, um feixe de poesias vermelhas, obedecendo sempre á orientação de combate do poeta. Nota-se aqui a transfusão do chefe litterario em chefe politico e a impossibilidade para o crítico de separar essas duas figuras que se alagam reciprocamente. Só quem viveo nesse tempo e ainda menino copiava na capa de seus livros os versos desse poeta e ainda pode repetir de côr, que:

Uma data immortal é como um vinho forte
Que embebeda de gloria o povo que a possui;
E o Povo embriagado esquece-se da morte
— E' como o turbilhão que inconsciente rúe;

comprehende a segurança com que a sinceridade de um verso grava as impressões de um momento, do mesmo modo por que um trecho de musica faz-nos passar de memoria todos os incidentes de uma occasião. A's vezes o trecho não obedece ás regras da grammatica musical, como a estrophe ás imposições da metrica; mas desde que um e outra deram-nos o mais que nos é dado querer, a emoção ou a saudade, estão salvos o Musico e o Poeta.

Acredito, pois, muito nas falhas de metrica de alguns versos dos *Retalhos*, mas acredito, ainda mais, naquella força de combate que elles diffundiram sobre toda uma geração.

— E eu ia com ares de critico esquecendo de justificar um conceito e de cumprir uma promessa.

Nunca vi o *Juizo Final* de Miguel Angelo, nem a *Virgem* de Raphael. Aqui, em cima da mesa em que escrevo, tenho uma tela velha de que ha muitos annos tomo as juntas com umas palmas seccas e que deo-me sempre a impressão profunda da *solidão*.

Um parnasiano que aqui chegasse notaria logo que a tela não está acabada e que as arvores sobem mais alto do que deviam para o Céu; um scientificista chocar-se-hia por não divisar os rolos de fumo de um trem de ferro rompido e embastido daquellas sebes; um romantico extranharia porque o berço de vimes de Moysés não desce como o *ninho de uma pomba branca* na frescura daquella onda. E até Horacio e Boileau, se se debruçassem aqui junto, indignar-se-hiam de que a *unidade de acção* não tenha sido respeitada por esse artista anonymo. Ergo, porém, os olhos para a mudez dessa paysagem e tenho a emoção de que estou só.

É' possivel que um rei não troque o seu reino por um cavallo; mas um artista ha de sempre trocar a sua vida por uma emoção.

Quando hoje lemos este montão de versos de que o esquadro marcou os angulos, só não nos podemos indignar porque a *vingança* é certa.

Ninguém repetirá nunca essas estrophes difficeis, por mais que as letras maisculas nos ajudem a preencher o vacuo de suas concepções. Entretanto, nenhum de nós ha de esquecer nunca de que houve uma *Inah*, uma *Moça franzina*, uma *Adornecida*, uma *Lindoya*, uma... de quem, quando chegou a quadra do amor:

O olhar saudoso iriou-se como um lago...

—O *Livro de Elisa* faz a primeira parte da Tela Polychroma, ultima collecção em verso (é de 1893) que Martins nos deixou publicada.

A segunda parte da Tela traz a epigraphé—*Multicolores*. Estas são composições destacadas obedecendo a inspirações de momento, mas ainda em grande parte lembrando a genese espiritual do poeta. Aqui a Gallia ainda conta com umas bellas estrophes em francez, Victor Hugo é proclamado Mestre e o *Padre Eterno* e a *Poesia Velha* tomam ainda as suas peiadas. Ha, porem, cousas verdadeiramente saborosas. Leiam aquelles versos no Album de um Advogado, *contrariedade* rimada opposta pela Musa

a um libello. São doze quadras; é impossivel transcrevel-os. Leiam aquella *Paysagem* e aquella *Aquarella*, dois sonetos no feitto dos de Crespo e em que, apezar de muito objectivos, o poeta tem o condão de fazer-nos enxergar pelos seus proprios olhos.

Leiam, sobretudo, aquella *Sub Nocte Vasta* e vejam e sintam como o poeta nos veste de uma *saudade vaga, debaixo de uma noite murmurante* e como elle sabe tanger...

... ..em notas encantadas
Uma doce cantiga sem ruidos
Pura como o nascer das alvoradas !

—Já encontrei o poeta; podia parar. Mas, não; falta o resto; que ainda é mais do que tudo !

—O *Livro de Elisa* é a Biblia do amor e o missal da viuvez de Martins. *Già pur pensando pria ch'io ne favelli...*

A psychologia de um artista não pode ser feita de um modo destacado; primeiro, porque não ha uma Arte; segundo, porque não ha um Artista. Ha, sim, a Humanidade e só o que existe é o Homem.

Um pouco de eloquencia e de correccão podem illudir por instantes. A sinceridade de uma verdadeira emoção durará sempre. Toda a philosophia, toda a sciencia, toda a politica da Edade Media [sem excluir até o Direito Penal] estão no poema do grande Florentino.

Mas, só o que nós sabemos de cor são os episodios vividos de Francesca e Pia de Siena, do Conde de Ugolino e sobre todos pairando aquelle em que a figura de Beatriz *movida pelo amor* desce do céu para onde tem pressa de voltar só por *fazer andar* o seu Poeta.

Explica-se: a sciencia da Edade Media passou, como a nossa passará; mas, a *donna di virtù* ha de sempre fazer cantar os seus poetas.

Eliza, já morta como Beatriz, fez Martins cantar assim:

Diz-se de mim que vivo, e a ti julgam-te morta !
 Ingenuo e pobre mundo !
 A verdade é que és tu quem vive intensamente
 De minh'alma no fundo;

Emquanto eu vou morrendo á mingua de tu'alma
 De teo' amparo á mingoa,
 N'uma luta da qual para conter os transees
 Não ha voz, não ha lingua !

Ha dois annos, já dois ! que preferiste, Santa,
 Viver dentro de mim
 A viver, junto a mim, de todo o mundo á vista
 Num enlevo sem fim...

E, desde então, se crê que ando sosinho e que anda
 Meo coração deserto,
 Como um ninho sem ave ou como sem Madona
 Um nicho grande e aberto.

Deixa que o creiam. Tu sabes que vives sempre
 De minh'alma no fundo...
 —Emquanto eu vou morrendo e o mundo diz que vivo...
 —Ingenuo e pobre mundo!

O verzejador desapareceu, definitivamente.
 Enterreinos, agora, com lagrimas sinceras o poeta:

Morreo contigo tudo, tudo quanto
 Me avigorava e me floria a vida!
 De tanto nobre estímulo, querida,
 Só me ficou o estímulo do pranto.

Amor do estudo, entusiasmo santo
 Pelo labor, pela fecunda lida,
 Gloria, energia, sonhos, a atrevida
 Marcha ao porvir, que encorajavas tanto,

Nada sobreviveu á tua morte!
 —E agora está meo coração tão frio,
 Tão esteril meo cerebro e sem norte,

Que nem posso dizer-te num sombrio
 Verso arquejante, dolorido e forte,
 Como deixaste este meu ser vasio!

Choro emquanto copio estes versos. Restitúo ao Poeta
 aquillo que elle me deo:
 Uma lagrima!

GERVASIO FIORAVANTI.





*Martins Junior Acadêmico de Direito
(1879)*



Martins Junior

(O PHILOSOPHO)



DIR-SE-IA que o mar se encantara em uma estrada de flôres para dar passagem ao esquife de Martins Junior.

Qual a significação dessas myriades de corôas mais numerosas do que os milhares de estrellas, que brilham no céu?

Occupando-se da morte de Mirabeau, escreve Edgard Quinet: « A 2 de Abril de 1791, pela manhã, passavam de bocca em bocca, sobre todos os bancos da Assembléa constituinte, estas palavras: « Ah! Elle morreu! » e os olhares consternados voltavam para seu logar vasio. A admiração unanime se manifestou immediatamente. A França se mostrou em sua nobreza nativa, quando os adversarios mais declarados de Mirabeau, aquelles que elle mais tinha humilhado, Barnave, Baumetz, Goupil, vieram de todos os lados saudal-o com o nome de grande homem, que era então muito novo e não fôra dado senão a elle. »

Como explicar tão faustosa admiração? Alegria

de se ficar livre de um rival ou de um inimigo terrível?

« Não, responde Edgar Quinet, naquelle tempo não se conhecia a hypocrisia nas lagrimas e nas apotheeses. »

Na historia dos cortejos funebres o enterramento mais engalanado de flôres foi o de Francisca Pichon, uma pobre rapariga, que não deixara outros bens de fortuna que sua tocante historia.

Aos dezoito annos de idade era Francisca Pichon amada, com todos os fogos da alma, por um joven militar, de nome Bories.

Condemnado á morte, como fazendo parte de uma conspiração, o desventurado noivo pediu ao confessor para, no dia da execução, entregar á sua querida Francisca um *bouquet* de violetas.

O padre cumprio a promessa feita.

Infelizmente, poucos momentos depois da morte de Bories, sumio-se como por encanto a razão de Francisca Pichon.

Dahi em diante, por espaço de quarenta annos, em que foi arrastando a existencia, Francisca Pichon jamais deixou de trazer no seio um *bouquet* de violetas.

No dia de sua morte, milhares de *bouquets* foram encontrados dentro de um grande armario, representando cada um delles mais um dia de fidelidade á ardente paixão falha.

E' a mesma representação symbolica, a mesma linguagem perfumada em um e outro caso.

A Republica Brasileira pôde não ser o que em moço sonhou o auctor das « Visões » ; mas

nem por isso a fé republicana de Martins Junior será menos indefectivel.

Alguem já disse que muitas vezes para não mudar de idéas, é preciso mudar de partido.

Martins Junior foi mais adiante: para se conservar fiel a seu ideal republicano, teve de, mais de uma vez, abandonar o poder aos adversarios.

Tal é o traço caracteristico de sua extraordinaria individualidade, quaesquer que sejam os logares communs ditos sobre sua inaptidão politica; tal é a razão de ser dessa maravilhosa apolo-gia feita sem distincção de partidos e credos politicos.

Em Martins Junior não apothecosam os amigos o vencedor, entoando os adversarios o *morituri te salutant*; mas uns e outros glorificam o patriota que, para realizar seu ideal de justiça, não hesitou um só instante sacrificar sua saúde, seu repouso, seu bem estar, seus proprios amigos. Elle possuiu essa bravura moral, que eleva um caracter acima do amor proprio, das opiniões dos partidos, das relações de amizade.

E' o mais bello elogio, que se póde fazer, de um moço que, pobre de fortuna, mas possuidor de um immenso talento, bastaria escolher o partido mais conforme ás suas inclinações e sympathias para subir ás mais elevadas honras.

Edmundo Scherer, que dissecava as fibras da alma como um histologista disseca os tecidos de um organismo, que fazia critica philosophica como Sainte — Beuve fazia critica litteraria, Renan critica philologica, Taine critica historica, Sabatier

critica religiosa, distingue duas categorias de espiritos: *individualistas* e *meditativos*.

Para os *individualistas* a natureza inteira não foi creada senão para servir o homem. Sua concepção do mundo é anthropomorphica, sua philosophia idealista.

De modo bem diverso pensam os *meditativos*. O que lhes interessa não é o governo e sim a explicação do mundo. Importa-lhes menos uma tarefa a cumprir do que um problema a resolver.

Martins Junior era uma organização psychica accentuadamente individualista, sem esses cambiantes de ideas, sem esses matizes de sentimentos, que tornam o ser humano um complicado labyrinth, senão um profundo enigma.

Delle se póde dizer o que de Alexis Tocqueville disse Edmundo Scherer: «sua personalidade é perfeitamente transparente, porque é perfeitamente una.»

Nessas condições não será difficil determinar as tendencias de seu espirito, as correntes de sua alma, os arabescos de seu ideal, seu temperamento de pensador, de escriptor, de poeta, de politico, sua concepção das Coisas e dos Homens, sua visão do Universo e da Sociedade, sua interpretação das metamorphoses sem fim da Vida e da Morte, em uma palavra, sua PHILOSOPHIA.

Ha espiritos que parecem um mar furioso atirando vagas contra o céu, outros um lago sereno em que se miram as estrellas.

Martins Junior não será um voltairiano, escarnecendo de tudo e de todos, nem um byroniano, revoltado contra a sociedade, nem um baudelairiano,

aspirando o perfume das *Flores do Mal*, nem um schopenhauriano, atormentado pela fome satanica do nada; mas seu cerebro offerecerá o espectaculo de um campo de batalha, sim, batalha de ideas, porque no terreno da pratica o luctador como que perde o senso da direcção e se transforma em cavalheiro errante do romantismo politico.

Mas o romantismo politico, essencialmente individualista, é por isso mesmo inorganico. Dahi a grande phantasmagoria, a grande decepção, o grande desgosto final para aquelles que vivem sob a allucinação do radicalismo.

Martins Junior foi uma das mais mystificadas victimas do prejuizo individualista:

A miseria o commovia, a injustiça o indignava, a iniquidade o revoltava; mas não basta ser profundamente humano para fazer politica.

Esta, alem de um profundo conhecimento dos homens e das coisas, exige qualidades especiaes de mando para dirigir a despeito das resistencias, o que nem todos os espiritos activos possuem.

Diz um critico que Guizot fóra da politica militante não era mais Guizot. De Martins Junior vemos affirmar justamente o contrario. O poeta das *Visões de Hoje*, dentro da politica militante, não é mais Martins Junior.

A razão é que elle foi antes de tudo um doutrinario; mas um doutrinario que teve a ventura de vêr realizado seu ideal.

« Na manhã de 25 de Fevereiro, escreve Louis Blanc, estavam occupados com a organização das *mairies*, quando um formidavel rumor subio ao Paço da Camara Municipal. Sem demora, a porta

da sala do Concelho se abriu com fracasso, e entrou um homem, que parecia um espectro. Tinha um fusil na mão, e seu olhar azul, fixado sobre nós, sciintillava. Quem o enviava? Que pretendia elle? Apresentou-se em nome do povo, mostrou com um gesto imperioso Gréve, e fazendo retumbar o assoalho com a coronha de seu fusil, pediu o reconhecimento do direito ao trabalho. »

No dia seguinte a 15 de Novembro foi Martins Junior quem se apresentou no palacio do Campo das Princesas, pedindo o reconhecimento da Republica em Pernambuco.

Falou com impavida coragem em nome de um povo, que vinha affirmando sua fé republicana desde os tempos coloniaes, e cujas crenças democraticas se tinham depurado atravez dos seculos como gottas de agua atravez das camadas de um filtro.

Os animos se exaltaram, os facciosos do regimen decahido cerraram os punhos contra Martins Junior; mas o dr. Sigismundo Gonçalves, presidente da Provincia, não perdeu a calma, e á noite passava o governo ao coronel Cerqueira Lima, então commandante das armas, lavrando o dr. Rodolpho Araujo o respectivo termo, que durante dias fez questão por assignar o capitão-tenente Castro Menezes, inspector do Arsenal de Marinha, aquelle mesimo que, durante as impaciencias do dia, pretendera prender-me porque havia censurado uns tantos projectos de reacção, desde que a Republica já era um facto consummado.

A feição da arte oratoria de Martins é o cunho individualista. Sua eloquencia não se nutre

de logares communs, mais comprehensíveis que a sciencia ás intelligencias menos cultas, porque formam o fundo rudimentar da razão uuiversal.

Martins Junior não abordava a tribuna sem grande provisão de dados positivos e documentos concretos. E' o iniciador dessa eloquencia toda moderna, em que o orador procura mais dominar a divagação do que o proprio auditorio.

Falando em nova oratoria, é preciso não esquecer Sylvio Roméro, que na legislatura passada assombrou o Congresso Federal com uma eloquencia tão original quanto suggestiva. Seu modo de dizer especial em nada se parece com os modelos no genero, evitando todo jogo de phrase, todo artificio de rhetorica.

Sylvio Roméro fala, como escreve, não pedindo á palavra senão a expressão exacta, rigorosa, do pensamento.

Dahi esta simplicidade de dicção, que é um encanto irresistivel para quem escuta, e uma victoria decisiva para quem discute. E' uma eloquencia em que o orador se esforça principalmente por não cançar a attenção do ouvinte, eloquencia movimentada, tão abundante de saber quanto impregnada de sobriedade.

Se da oratoria passarmos á poesia, descobriremos a mesma trama philosophica. Que digam as *Visões de Hoje*.

Na « Synthese religiosa » Martins Junior faz a apotheose da humanidade, mas da humanidade que tem o culto dos grandes homens e proclama a soberania do individuo na ordem da natureza.

- « Ao pé disto porem se eleva uma figura,
- « Feita de magestade e feita de brancura,
- « E' a nova expressão da religiosidade,
- « A fé moderna e sã: o Culto á humanidade.

Sim, culto de fôrma anthropomorphica em opposição ao sociomorphismo das massas, que subordina o individuo á communhão.

Nós não podemos separar nosso destino da collectividade a que pertencemos. E' o facto de seu nascimento que faz o homem branco ou negro, selvagem ou civilizado ; porém a solidariedade, que é um facto brutal em a natureza e uma obrigação religiosa no mundo moral, não exclue a autonomia do individuo.

Que é o proprio devotamento, a propria abnegação, o proprio sacrificio senão a mais elevada affirmação da consciencia pessoal, da dignidade individual ?

Martins Junior era um espirito que não sabia duvidar, que sentia necessidade de dizer sim ou não, como sentia anciedade de esforço. Tambem não fazia praça de imparcialidade ; pelo contrario, tomava sempre um partido, aquelle que elle julgava servir a boa causa. Elle mesmo se dizia parcial, perfilhando o pensamento de Baudelaire, para quem « a critica, para ser justa, deve ser parcial e apaixonada. »

Segundo Martins Junior o que repugna ao homem não é ser governado e até mesmo dominado ; mas se sentir inferior a uma casta, classe ou corporação. Por isso á Realeza, governo de hierarchias, se substituirá a Democracia, governo de igualda-

de, e a «synthese politica» será a Republica, que immaterializa o poder, tornando-o, por assim dizer, impessoal, diffuso, impalpavel, espalhaudo-o pelo ar, que a nação respira.

«Fitemos essa aurora: Enchendo d'ouro o espaço,
«Como enche de calor os ares o mormaço,
«Ou como enche o luar a terra de brancura,
«Vê-se erguer-se dali, daquella enorme altura,
«O vulto marcial, nu, da Democracia,
«Crispando o labio bom num riso de alegria!

Na «synthese scientifica» vemos os sabios fazendo sciencia, não por simples dilettantismo intellectual, mas porque a miseria e a injustiça são filhas da ignorancia. A Moral é a Verdade em acção. O Idéal uma visão antecipada do Progresso.

Referindo-se aos sabios, canta o poeta das *Visões de Hoje*:

«Tratam de eliminar a fome estertorante
«Que róe o ventre nú dos tristes operarios.
«Pensam em arrasar os turbidos calvarios
«Da miseria, nos quaes a cruz do Capital
«Martyrisa os Jesus do trabalho. Do mal
«Andam a derrancar as morbidas raizes.
«Em lugar de illudir os seres infelizes
«Com miragens fataes de ethereas esperanças
«Dando-lhes deuses, céos, bemaventuranças
«Eternas como o tempo e brancas como a lua,
«Elles mostram ao povo a magestade crua
«Imponente e viril das forças naturaes,

- «E buscam diminuir os impetos fataes
 «Dessas forças!... Estão, alem, com a sua calma
 «Polindo e renovando a sciencia da alma;
 «Estudando o actuar dos meios sobre as raças;
 «Procurando encontrar as apagadas traças
 «Dos primeiros avós, dos homiens miocenes;
 «Provando que a materia é uma soberba phenix:
 «Que, quando alguem a julga morta, resuscita;
 «Mostrando que a Moral não é cosmopolita;
 «Buscando demonstrar pela transformação
 «A origem das especies; crendo na *selecção* :
 «Crendo na lei geral na lucta da existencia.
 «Emfim, reconstruindo á luz da experiencia
 «O vetusto castello informe do Direito
 «Que precisa de ser, no seu todo, refeito!...
 «E assim *elles* nos dão a synthese suprema.
 «Decremos estrophe á estrophe esse poema.

Sylvio Romero, cujas ideas alevantadas em critica philosophica tocam as raias da genialidade, escreveu ultimamente que um exaggerado numero de poetas, num povo dado, é claro indicio de sua defeituosa organização social e seriedade de sua cultura.

« O Brasil, diz o incomparavel mestre, é a mais eloquente prova deste facto nos modernos tempos: se uma immensa multidão de fazedores de versos fosse prova de força, cultura, progresso, adiantamento, riqueza e bem estar, seria o primeiro paiz do mundo.

«Dá-se aqui com os poetas o que acontece em Hespanha com os oradores. Lá pullulam estes e nem por isso aquella famosa gente caminha des-

assombrada aos sons de tantas e tão eloquentes discursivas. Aqui os poetas representam egual papel : quanto mais se multiplicam, mais cantigas brotam de todos os lados, mais escolas borbullham por toda a parte, mais o desventurado Brasil manqueja. . . Só por ahi se vê que versalhada e manqueira social e politica, não são cousas incompativeis ; ao contrario, aquella é uma das manifestações desta. E não é porque sejam todos maus poetas : são, ao envez, bons em grande numero.

.

«Nas relações intellectuaes um tal estado social reflecte-se com toda a intensidade. A geral indolencia nacional não supporta os trabalhosos estudos das sciencias, especialmente em sua feição pratica. E até nos que se denominam sociaes, a maioria, a grande maioria dos jovens estudantes evita as arduas pesquisas da historia, as penosas indagações da erudição, do manejo de documentos, o difficil traquejar da linguistica, da philologia, do direito historico e comparado, da critica religiosa, de toda indagação, em summa, que demande annos e annos de aturada applicação. Atiram-se os que se suppõem mais habéis aos devaneios da bella litteratura. No periodo academico é a *poesia* que mais ostenta por ser a mais facil e illusoria das bagatellas. Todos os versos possiveis, até os mais bellos, dizia Proudhon, já estão feitos, formou-os a lingua quasi naturalmente pela simples attracção sonora das palavras. E' uma fascinação para todos os espiritos agitadiços e incapazes de esforço serio. Mais tarde muitos dos que não acharam emprego para des-

fructar, agglomeram-se nas capitães, nas cinco ou seis cidades populosas do paiz, e arrojam-se á imprensa.

«Nesta nova occupação juntam, de ordinario, á poesia outra forma de peraltice espirital : a *chronica*. Esta é politica, litteraria ou de costumes. Em qualquer dos tres casos não passa, por via da regra, de acervos de banalidades em estylo rendilhado mui do gosto de todos os superficiaes e ignorantes. Outros juntam ás duas formas precedentes uma terceira : o *conto*, quasi sempre scenas do mais bandalho realismo ou das mais pulhas inventivas de hystericos e desequilibrados.

«Existem escrevinhadores typicos que são homens representativos da fofice brasileira nos tres generos : *verso, chronica e conto*. Raro é o dia em que não apparecem, sob qualquer das formas, nas paginas dos jornaes. E o mais curioso é que existem tolos que tomam essa *actividade negativa, essa productividade esteril* por prova de talento. Não passa tudo de geitosa mecanica de alinhar logares communs. Ora, pois, bem se está a ver donde dimana a *legião de poetas*, que ali se pavoneiam á luz dos patrios céos, na ingenua e doce illusão de ousados e extraordinarios genios, que já hoje fazem e hão de fazer cada vez mais a admiração ou assombro dos mundos...»

Sentimos orgulho em estarmos de perfeito accordo com o prodigioso critico, e nada temos a modificar no que affirmamos, cerca de vinte annos atraz, relativamente á funcção da poesia.

Um poema é sempre uma crystallização de todos os conhecimentos e sentimentos do tempo de seu auctor.

Admittindo a existencia de um Homero, vê-se que elle é ao mesmo tempo astronomo, geographo, politico, medico, philosopho, guerreiro; por elle sabe-se o que os gregos pensavam sobre a esphera celeste, sobre a figura da terra, qual a sua tactica e estrategia, quaes os seus usos, costumes, divertimentos, em uma palavra, toda a civilização grega.

Da mesma sorte Lucrecio: o *De natura Rerum* é um espelho de todas as luctas, de todas as paixões, de todas as doenças moraes, que affligiam a alma do povo romano.

Com a *Divina Comedia* seria facil reconstruir toda a idade media.

Mas estes gigantes do pensamento, que outr'ora falavam a linguagem das Musas (o que fez Aristoteles dizer que a poesia é mais philosophica e mais seriamente verdadeira do que a historia) escrevem hoje em prosa. No campo das idéas apparecem sobraçando o *Cosmos*, a *Historia Natural da Creação* ou a *Variação das Especies*; no terreno dos sentimentos se apresentam com *Eugenie Grandet*, *Mme. Bovary* ou *Guerra e Paz*.

Em prosa escrevem-se hoje as grandes syntheses intellectuaes e emocionaes da humanidade.

Banido do dominio da sciencia, o verso tambem o foi do terreno da philosophia, da historia e da politica.

Relativamente á philosophia, emquanto todas as antigas cosmogonias e theogonias foram escriptas em verso, os modernos systemas philosophicos são architectados em prosa.

Na politica, antes de Demosthenes fulminar seus adversarios em prosa, já Archiloquio, o inventor do

inúto, forçava seus inimigos ao suicídio com as suas satyras.

Menippo servio de transição entre a politica em prosa e a feita em verso. As *menippeas*, metade em prosa, metade em verso, são a marca exterior desta transição.

Houve um tempo em que Athenas fez politica em verso e em que mais de uma vez os abusos do côro foram postos em discussão. O poder publico teve necessidade de promulgar leis restrictivas contra a liberdade do verso, como os governos modernos as publicam contra os abusos da liberdade de imprensa.

Nas tragedias e comedias gregas o côro representava o mesmo papel que a imprensa de hoje: era um órgão social, que tinha por função a censura do fanatismo, da superstição, dos maus costumes e, sobre tudo, dos abusos do poder publico.

A prosa na politica, como em todas as produções do espirito humano, marca já um grande adiantamento no desenvolvimento dos conhecimentos.

Com Pericles, o advogado de Aspasia, começa uma Grecia nova, a Grecia da prosa, em que a philosophia, a historia, a politica e a sciencia sacodem o jugo do verso e alteam tanto mais o seu vôo quanto mais correcta é a prosa.

A descoberta do papyro matou o verso e operou uma grande revolução social, dando origem á prosa, cuja razão de ser ainda mais se accentuou com a invenção da imprensa, que tornou facil e prompta a transmissão do pensamento, cuja conservação era nos tempos antigos confiada ao rythmo, o amigo da memoria, no dizer de George Perrot.

Para provar que a prosa tende a substituir o verso em todas as manifestações do espirito, basta lembrar que na epocha em que dominava o gosto das pastoraes, então escriptas em verso, Sannazar publicou a *Arcadia*, mistura de prosa e poesia, que foi muito applaudida e que obteve um tão grande successo que o levou a escrever a sua *Daphnis e Chloé* toda em prosa.

A poesia perdeu toda sua antiga função social; hoje representa um papel puramente esthetico.

Por isso, não tem que ser socialista, religiosa, philosophica ou scientifica: basta que seja bella, ainda mesmo occupando-se com philosophia, historia, politica ou religião, porque, alem de um Bello physico, existe um Bello moral e intellectual, um Bello na hisioria, na politica, na philosophia.

Verdade é que não falta quem affirme que o Bello é o Verdadeiro, o que levaria á conclusão de que o axioma — o todo é maior que as partes, despertaria em mais alto gráo o sentimento do Bello do que a Venus de Milo, uma symphonia de Beethoven ou as magestosas linhas das cathedraes gothicas.

Tambem o Bello não é o Util, como ensina Bentham. Alem dos actos de sacrificio inspirados pelo sentimento da belleza, notaremos com Herbert Spencer que muitas vezes não é senão quando os objectos deixam de prestar utilidade que elles se tornam assumpto de arte.

Spencer eleva esta observação á altura de principio esthetico, e faz vêr entre muitos outros exemplos, que os castellos que, a principio, serviam de defesa aos senhores feudaes, hoje são theatro de *pique-niques*.

Não tem outra explicação a febre moderna de colleccionar objectos antigos, que já não prestam a menor utilidade.

Como os objectos são os habitos, usos e costumes antigos, themas constantes de poesia.

O Bello é para o sentimento o que a Verdade é para a intelligencia e o Bem para a vontade.

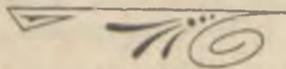
Moral, Esthetica e Sciencia são coisas differentes, que não se confundem nem podem ser explicadas uma pela outra.

Alem de orador, critico, jurista, Martins Junior foi philosopho, com direito a imperar em qualquer patria intellectual, mesmo na *Republica* de Platão, da qual foram excluidos os poetas.

· E do coração transformado em lagrima, faço ponto

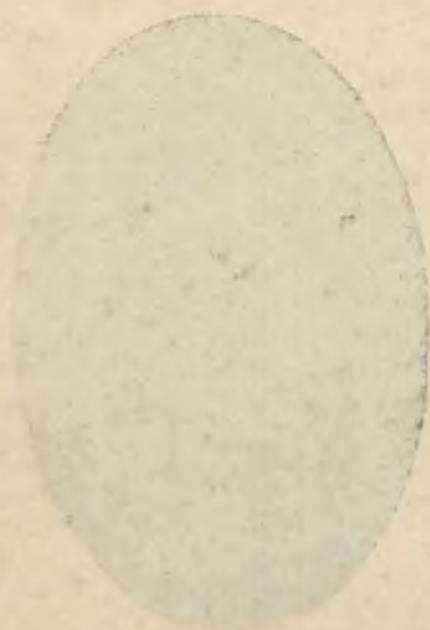
- «N'um espasmo de angustia, espasmo de quem fica
- «Solitario na vida após a lenta morte
- «De um ser que muito amou. . .

ARTHUR ORLANDO.





Martins Junior
Bacharel em Direito (1883).



Martins Junior

(O POLITICO)



DIVIDO á nimia gentileza do illustre Dr. Frota e Vasconcellos, cabe-me a honrosa missão de deixar estereotypada nas paginas desta revista a individualidade de Martins Junior, como politico, tarefa tanto mais difficil quanto por um lado fallece-me tempo para consultar documentos e, por outro, devo attender aos espinhos de um assumpto delicado, capaz de desencadear tempestades, provocando ardente polemica, embora a minha firme resolução de não terçar armas com quem quer que seja que na arena me appareça contradictando.

Recusei a principio o nobile convite; mas forçado fui a vencer as minhas hesitações, já pelas instancias d'aquelle cavalheiro, já porque nesta hora em que a justiça se está fazendo, nesta hora em que o vulto gigante do illustre morto occupa o lugar conquistado na galeria dos homens notaveis, honra e lustre da Patria Brasileira, a todos e a cada um de nós incumbe o dever civico de dizer a verdade toda, quando o momento se apresenta.

Um artigo como este que vou tracejando, *currente calamo*, sem preocupações de forma nem de estylo, não pode deixar de reflectir as idéas e sentimentos de quem o escreve, como os corpos transparentes a imagem dos objectos, significando isto ser para mim profundamente verdadeiro o que vae ser conhecido dos leitores.

Synthetize nestas linhas a minha opinião sobre Martins Junior politico e emitto-a com aquella coragem e confiança dos velhos anglo-saxões, tão admirados por Phiarete Charles, o eminente critico da geração de 1830.

Disse não ter tempo de consultar documentos e, felizmente, de tal estudo não ha necessidade, pois a acção de Martins Junior na politica é toda contemporanea e na memoria de todos, como numa chapa photographica ferida pelos raios da luz, ella apparece facilmente, rapidamente, logo que é evocada.

Indicando este papillo bosquejo sobre o morto querido, desde já resumo nas seguintes palavras a minha apreciação sobre o seu modo de agir politico: Martins Junior tinha brilhantes qualidades de propagandista, mas não era um chefe de partido na verdadeira acção da palavra.

A sua intransigencia, a sua lealdade levada a excessos e a falta de golpe de vista seguro para conhecer os homens e as cousas, determinaram o aniquilamento do seu partido, um dos mais pujantes que já teve o Estado.

Diversos indicios, já o disse alguém, Holtzendorff se não me engano, podem fazer descobrir a personalidade talhada para o meneio politico; todavia o principal é que o caracter reuna dous elementos aparentemente contradictorios: a firmeza na resolução e a agilidade na execução.

O morto querido, se algumas vezes teve o primeiro, jamais possuio o segundo e d'ahi os desastres de sua vida politica, mar revolto de paixões e interesses, na qual conservou, porém, immacula a sua honra, facto que tanto o recommenda á admiração de todos.

Em politica o *triumpho* completo de um plano demanda aquella ductilidade de vontade que sabe tirar partido do proprio facto e classificar logo que occur-

rem, segundo a sua influencia favoravel ou perturbadora, as circumstancias imprevistas.

A maxima *confiar desconfiando* é em politica um grande factor e Martins Junior deixou-se arrastar innumeradas vezes por sua bôa fé e muitas outras por uma confiança cêga nos seus planos.

Ocasiões houve em que não teve coragem de impôr a sua opinião e outras em que não soube deixar-se vencer pelas circumstancias de occasião.

Como todo homem de talento de escol, Martins Junior via tudo atravez do sonho, buscava sempre um ideal que morreu sem poder attingir.

D'ahi essa differença profunda entre Martins Junior, apostolo da Republica, doutrinador das massas populares e Martins Junior, homem de governo, carregando aos hombros o pesado madeiro da direcção de um partido.

Na campanha da propaganda republicana, a phase mais aurifulgente da vida do emerito cidadão, elle jamais sentio o animo fraquejar-lhe, jamais sentio o espinho agudo de crueis desillusões ferir-lhe o amago do coração, isto porque o poeta das *Visões de Hoje*, o fogoso jornalista d'*O Norte*, fazia da Republica um ideal, uma forma de governo em que as injustiças cessassem, essas mesmas injustiças que elle atirava ás faces da monarchia, o governo corrupto e corruptor, o governo responsavel por essa crise de character que ora atravessamos e que tanto mal tem causado á Patria.

Ainda, por isso, Martins Junior foi um valente e abnegado abolicionista, devendo-lhe a emancipação de uma raça infeliz inolidaveis serviços, como aliás aos republicanos de fina tempera, sendo um facto que o nome de Silva Jardim foi encontrado escripto nas paredes das cabanas, onde os escravos se refugiavam nos quilombos de Santos.

Enthusiasta, cheio de fogo pelos grandes problemas da vida nacional, o grande morto bateu-se pelos negros como luctou pelos brancos, sem treguas, sem desfallecimentos e, na occasião do perigo, quando Silva Jardim aqui aportou, no vapor em que chegara o Principe Consorte, Martins Junior jamais o abandonou.

mesmo quando aquelle martyr foi apedrejado e ainda no momento da prohibição do *meeting* annunciado para a Praça Saldanha Marinho, no dia 22 de Julho de 1889.

Na propaganda ninguem o excedeu, ninguem bateu-se com mais energia pelo triumpho salutar da nossa obra, positivada em facto diante a gloriosa revolução novembrina, revolução que longe de ser um levante de quartéis, tem a sua filiação em nossos antecessores historicos.

A tão bello procedimento deveu o bastão de chefe quando fez eclosão o movimento libertador, pois todos o proclamavam o *primus inter pares*.

Quizera cercar Martins Junior, em tal posição, das mesmas referencias dispensadas ao valente apostolo da Republica, mas fazel-o seria mentir á minha propria consciencia, seria demonstrar ausencia completa de senso critico, tornando este rapido estudo um panegyrico ao morto querido sem valor, porem, diante a verdade.

Sem falar na lucta com o Marechal José Simeão de Oliveira, o grande erro de Martins Junior, a sua falta de firmeza quando ella não lhe devia faltar, foi ter accitado o Capitão Alexandre José Barbosa Lima para governador deste Estado.

A isto tenho a accrescentar a ausencia de habilidade para se sahir da situação perigosa que para si mesmo creou, deixando-se bater por Annibal Falcão, um republicano da velha guarda, como elle cheio de serviços á Republica.

Desde então começou o calvario do *Partido Republicano Historico* do qual era o morto chefe, embora ainda tivesse dias gloriosos como foram todos os que marcaram a lucta titanica sustentada com o Sr. Barbosa Lima, traduzida no embate dos poderes legislativo e executivo.

Todos nós sabemos o que foi essa lucta que teve como resultado a morte do poder legislativo entre nós e o esphacelamento do Partido Autonomista.

O Dr. José Marianno apoiou o regulo, pagando bem

caro o erro commettido, pois vio o seu partido desagregar-se e mais tarde teve a deplorar a morte do mais esforçado dos seus amigos.

Erros politicos de semelhante natureza são irremediaveis e o exemplo é bem illustrativo.

Não posso ser acoimado de suspeito referindo-me assim ao morto querido; a seu lado estive na lucta e na *Gazeta da Tarde* e na *Cidade* fiz opposição ao Sr. Barbosa Lima, o homem mais nefasto que tem estado á frente da publica administração e cujo governo despotico ainda por muito tempo prejudicará o nosso progresso e desenvolvimento.

Foi nessa rude campanha que Martins mostrou grande firmeza, mas ao mesmo tempo nenhuma argucia e finura para dirigir os acontecimentos a desenrolarem-se com vertiginosa rapidez.

Um pouco mais de tino e o Sr. Barbosa Lima deixaria o governo, vencendo o movimento que se pretendia fazer--*A Bernarda*--como o chamavam os adversarios.

As suas hesitações deram como resultado o que se sabe: a victoria do Sr. Barbosa Lima.

Na revolta da esquadra, quando o Almirante Custodio de Mello se insurgio contra o governo legal, si Martins Junior agio bem collocando-se resolutamente ao lado do Marechal Floriano, não procedeu correctamente sacrificando o partido todo ao Coronel Correia da Cruz, não só porque áquelle membro do partido faltava competencia para occupar uma cadeira na representação nacional, como porque em politica caprichos de tal ordem não são admissiveis.

Perdeu um momento azado para tomar posição e esmagar o Sr. Barbosa Lima, tido então como revoltoso nas altas rodas governamentaes.

Como esse, outros factos poderia adduzir em apoio da opinião que sustento, não o fazendo, porem, por julgar sufficientes os que tenho apontado.

Ultimamente Martins Junior levantou a bandeira da revizão, sustentando a necessidade da magistratura una e da nomeação dos governadores dos Estados.

Como sempre, nesse papel de propagandista elle

sentia-se bem e as suas qualidades de apóstolo affirmaram-se de modo brilhante.

E agora, ao terminar, seja-me licito deplorar a perda do eminente amigo que, si erros teve na vida politica, commetteu-os sempre dominado pelo desejo de servir ao Paiz, seu unico amor, sua unica religião.

Cahio o luctador, mas ao morrer poude dizer: Conservei immaculada a minha reputação e só tive uma ambição: Servir á minha Patria.

OSWALDO MACHADO.





*Martins Junior, Martiniano Veras, Raymundo Bandeira, Silva Jardim,
Maciel Pinheiro (1889)*

Martins Junior

(O ORADOR)



UARDO ainda no espirito e na memoria visual, apesar da caligem dos annos, a oração e a physionomia de Martins no dia em que, pela primeira vez, o contemplei no alto da tribuna.

Chegava-me aos ouvidos, naquella epocha ruidosa, o seu nome estemmado de realces, nimbado de alacridade, e eu sentia, e eu fremia, e eu ambicionava como gloria immensa para mim, vel-o e ouvil-o e procurar—numa synergia de forças psychicas—fazer minhas as suas idéas, decorar as suas phrases, copiar os seus gestos, para depois de tamanha ambição realizada, julgar-me feliz e grande.

Não sei como explicar o pendor irresistivel que se sente por certas organizações intellectuaes, a ponto de arrastar cada um de nós a amal-as, a seguil-as religiosamente, em verdadeiro extase eucharistico.....

Quem não ha exclamado:—o Creso é o meu poeta, o Alencar é o meu romancista, o José Bonifacio é o meu orador, sem conhecer desses brasilienses mais do que as suas obras espelhando a formosura da alma de cada um?

E mais ainda: quantos não existem sem mesmo haver lido os trabalhos desse ou daquelle cerebral de nota, que não tenham, muita vez, se apaixonado por

simples mysterio de esthetica auditiva--da musica de um nome ?

Eu fui empolgado assim, sem saber como explicar, a não acreditar na existencia duma lei gemea da suprema lei do Amor que conduz o homem ao sitio onde deve colher a semente das *grandes idéas* para as quaes o destino não o traçou como sementeador !

Esta confissão aos olhos de todos, não é resultante da suggestão poderosa que a consciencia nacional está exercendo, está imprimindo suavemente, nas consciencias dos que até agora não pensavam, como sempre pensei, não sentiam, como sempre senti, em todos os altibaixos da minha obscura vida publica.

Por 1890, quando o querido Theotonio Freire dava-me o seu coração em troca do meu, numa pagina intima para elle trabalhada, deixei as phrases seguintes : « Nos bancos collegiaes, quando não tinha noticia absoluta de litteratura, um companheiro offereceu-me as *Visões de Hoje* para ler, e francamente, ellas me despertaram vontade de conhecer o que se passava alem, fóra das quatro paredes da casa de educação. Comecei então a me relacionar intellectualmente com Martins Junior, e devo dizer sem ambages, foi quem me estimulou á leitura. Essa impressão ficou gravada para todo o sempre no meu espirito e foi-se avolumando com o conhecimento dos outros trabalhos sahidos de sua penna privilegiada, ao mesmo tempo que seu nome se agigantava no cosmos das letras. Acompanhei *pari-passu* a trajectoria descripta pelo talento de Martins Junior, segui-o espiritualmente em todas as lutas donde sahia sempre enrolado no pavilhão rubro da victoria e sentia todos os sentimentos de sua alma.»

Mais tarde, tres annos depois, as phrases acima vieram á luz na *Revistinha*--periodico litterario fundado por Leovigildo Samuel e mantido por Tito Franco, --quando me encarregaram de esboçar o valor litterario do Pernambucano a quem me reporto cheio de saudades, em lagrimas, só Deus o sabe como...

Observa-se de completo, e assegurar posso de frente alta, que comecei a admirar-o desde a alva dos seus triumphos, quando o astro do seu nome despontava no estellario das letras ; e não no momento em que a Ami-

sade lhe cerrou as palpebras sem vida, a Patria fechou a tampa do seu feretro, e o seu espirito ascende para a sagração serena, luminosa e eterna da Historia.

O poeta das *Visões de Hoje* me dominara pelo imperio do verso, e mais, começara a ser a Chanaan ideal para a qual a minha alma partira cheia de sonhos, cheia de illusões, cheia de amor!

Mas, não o conhecia senão como poeta, só havia recebido d'Elle as ideas por meio da austeridade da palavra escripta; era pouco para mim isto! queria ouvil-o falar, desejava ter a certeza de ser Martins na tribuna a imagem do orador que sonhara elle fosse, vencendo o auditorio pela evangelização da palavra sonora, pura, verdadeira, encantadora por todas as faces!

Eu o sonhara assim, eu o queria assim, portanto, na realidade!

A imprensa indigena noticiou uma festa academica, não me recordo qual, porque no periodo academico de Martins — o *velho ninho de aguias* — solemnisava todas as datas celebres e todos os feitos homericos.

O orador era Martins! Offerecia-se-me afinal oportunidade de ir vel-o, de ir ouvil-o, de saber se todos experimentavam por elle, como eu, a mesma admiração e enthusiasmo anciando por expandir-se!

O salão da Escola de Direito tinha espectadores demais para sua area, uns adheridos aos outros formavam grande massa compacta, e quem escreve estas linhas estava premido num dos angulos, esquecido de si mesmo, esperando o momento de ver correr o *flumen* dos labios do orador.

Assomou á tribuna calmo, sereno, e depois do minuto de silencio que lhe foi sempre habitual antes de começar as orações, eriçou a cabelleira com os dedos, passou o olhar por sobre o auditorio atravez dos vidros do *pince-nez*, e começou, compassadamente, a quebrar um rosario de joias de custoso preço. Pareceu-me, no principio da emoção, ser a arte de sua palavra vasada nos moldes da oratoria ingleza, grave, sem ondulações dos gestos, sem *eloquentia corporis*, de frieza esculptural; mas ainda semelhante raciocinio não estava acabado, o enthusiasmo inflammou-o e elle me appareceu

como um orador romano do *Forum* ou um orador grego do *Pnyx*, attingiu a culminancia do brilho.

Não soube nessa occasião o que mais lhe admirar: se a cultura scientifica, se o rythmo da phrase castiça, se a imaginação poderosa, se a voz que, ás vezes, modulava como uma orchestra de violinos e outras como estridulos de clarim de guerra, se por fim a gesticulação de belleza natural, da qual se destacava um gesto muito d'elle, que consistia em acompanhar os periodos vibrantes com a dextra estendida no espaço, depois traçar com esta um semi-circulo como quem procura alguma cousa e leval-a por fim á cabeça, para, sem demora, espalmar-a de novo sobre os ouvintes! Experimentei a sensação de um homem que visse um outro arrancar do cerebro um punhado de perolas!

Apresentou-se-me o morto querido, como eu o sonhara. Desceu da tribuna para os braços dos collegas, e sahi levando na retina a sua physionomia sympathica e insinuante, na retentiva trechos do seu discurso, na auditiva a musica de sua voz. Para usar a eloquencia academica, voar nas suas azas, é mister dispor de cultura cavada em bons minerios, estylo de artista de raça, imaginativa millionaria, porque ella só cura de assumptos maximos nas occasiões atiloquas das letras.

Martins já dispunha, naquelle tempo, de grandes syntheses scientificas, seu espirito recebera toda luz descida da evolução do Occidente.

Nelle madrugaram os talentos, pois era da raça intellectual dos Alvares de Azevedo, dos Fagundes Varella, dos Castro Alves, dos Junqueira Freire e tantos — para somente citar brasileiros.

.....

Todos os genios da eloquencia se lhe encarnavam! Vi-o na tribuna academica, na tribuna popular, na tribuna judiciaria, na tribuna parlamentar, e em todas conservava o mesmo esplendor, em todas manteve o mesmo ideal da Patria, ideal que só mais tarde, ultimamente, pude conhecer e admirar! A Patria para o orador extincto foi todo o principio e todo o fim da sua vida! Na tribuna academica era bello ouvil-o engrandecer o futuro litterario nacional; na tribuna popular era commovente ouvil-o pugnar pelos interes-

ses dos que nasceram na sua terra ; na tribuna judiciaria era attrahente ouvil-o patrocinar os principios do Direito como garantia dos seus patricios ; na tribuna parlamentar era encantador ouvil-o manter o nome de sua Patria acima de interesses de partidos, de interesses pessoaes, de quaesquer interesses que não representassem a *Alma parens*.

Como é bello recordar isto !

Mas, quanto me custa de tristezas amargas levantar a penna para enchugar as lagrimas, e ver na minha frente, sobre a mesa onde trabalho, o seu retrato, o retrato d'aquelle que tantas flores teve nos seus dias de governo... as quaes hoje rolam murchas no chão, reclinam sob os pés do transeunte indifferente...

A tribuna popular bastante perigosa nas *crises sociaes* para quem a occupa, que exige muito sentimento e muita verdade da parte do orador para comunicar ao auditorio—formado quasi sempre pelos *ignorados do bas-fond* social—deu a Martins victorias estrondosas.

E como não ser assim, se elle cultuou durante a peregrinação planetaria a *religião do amor*—o altruismo,—ao contrario de muitos que só cultuam a *religião do odio*—o egoismo ?

E como não ser assim, quando esposou o sentir dum povo, a necessidade vital de uma nacionalidade que bracejava para a Democracia ?

A sua palavra nos comicios populares não era o *plaqué* da conveniencia do *momento* em troca do *ouro* do applauso ; porque nessas occasiões nunca revestia os discursos de principios que não tivessem por escopo senão preparar uma sociedade nova, expurgada de vicios, dominada em absoluto pela Liberdade. Podia dizer como Demosthenes aos athenienses : « Em nome do Ceu ouvi-me ; eu não falo senão para vos salvar. »

As suas campanhas conhecidas foram a da Abolição e a da Republica feitas na tribuna e na imprensa, quando era ousio immenso dizer na praça publica verdades contra a escravidão dos negros e contra a escravidão dos brancos.

Custaram-lhe martyrios profundos essas campanhas, golpearam-lhe o intimo ; mas, a *sua alma era como a*

arvore de sandalo da lenda oriental: perfumava o ferro que a golpeava!

Que lhe importava a luta quando sabia plantava com o seu verbo democratico o *devotamento dos fortes aos fracos e a veneração dos fracos pelos fortes?*

E era necessario, para vencer, possuir como elle o estoicismo dos martyres, porque « toda idea nova, por isso mesmo que é nova, passa primeiro por ser um paradoxo; os preconceitos, as ideas recebidas atiram-lhe lama á face até o dia em que, tomando o character da evidencia, inunda o mundo com a sua luz deslumbrante. Então todos aquelles que a insultavam, saudam-na com as suas mais vivas acclamações, e cada um reivindica para si a honra de ter sido o primeiro a presentil-a. O publico pouco esclarecido attribue sempre a descoberta e a prioridade da idéa áquelle que grita mais alto e que é o ultimo a gritar: Christovão Colombo ha de ter eternamente Americo Vespuccio a passar-lhe a perna por cima.» A ninguem, melhor do que ao inesquecido Martins, se pode applicar com justeza os conceitos referidos.

Contestem os que o invejaram!

A tribuna que levantou na Academia para si, nessa Academia onde o seu nome permanecerá sempre como uma legenda para os que dão á vida moral horas de merencoria saudade pelo passado, foi a mesma em todos os embates da sua acção de homem publico. Sempre a mesma paixão pela Patria, sempre a ver desencadear-se sobre a cabeça tempestades: mas, sempre o mesmo cidadão *da cidade ideal do Direito*, blindado por *um character forjado num barrote de ferro batido!*

Esperaram os apostatas de todos os tempos, os Sicambros de todas as epochas, quando o viram sahir da Academia para a vida publica, que elle teria, fatalmente, de se submeter à tyrannia da maioria, de apodrentar o character a bem dos interesses materiaes.

Infelizes! Não conheciam, não sabiam ser Martins capaz de atravessar os espinhos de todos os obices afim de realizar os principios defendidos por sua palavra—que não tinha apenas a coloração do talento, e sim todas as energias do seu sangue e todas as vibra-

ções do seu cerebro; e mais, e sobretudo, ser um gigante como Flaubert—*que botava abaixo uma floresta para fabricar um cofre!*

Quem chegou pela oração civica a conseguir um altar no coração do povo, fazendo deste a apologia, provando ser este a maior força social, exaltando a *grandeza moral do remendo e a philosophica austeridade da nodoa*, no dizer do meu Eça de Queiroz, manteve ao chegar á tribuna parlamentar a mesma direitura do caracter politico.

A tribuna parlamentar, maximé, em plena mocidade, pode representar de *Capitolio* ou de *Roch: Tarpeia*, ou sagra ou dispenha no abysmo a individualidade do orador. Nella as paixões se chocam, os interesses de partido se attritam, as armas aceradas dos adversarios ferem pelas costas, os apartes desviam o objectivo das questões em debate, a politica sordida foge do recinto das discussões e agacha-se com as suas miserias atraz dos reposteiros; para occupal-a faz-se necessario, portanto, alem de solida disciplina moral, possuir uma fibra de lutador *imbaronizavel, inconderavel*, como Martins a possuia, na opinião do genial Ruy Barbosa.

Na tribuna parlamentar, onde oradores inglezes, como um Murray, perdem o brilho, um Festus é esmagado pelos sarcasmos de Pitte, um Erskine cahie sem palavra, o querido morto alliou á eloquencia de caracter argumentativo, demonstrativo, logico, o fulgor de filho de uma raça que se move sob a intensidade das chispas de um sol abraçador, da harmonia de selvas seculares, do verde esmeralda de prados infindaveis, da musica intangivel do azul dum céu sem egual.

Martins, orador como o descrevo, está no fecho dum discurso pronunciado na Camara de Pernambuco, no periodo historico que encrava a celebre luta do poder legislativo com o poder executivo de então, onde, entre o sussurro hostil das galerias a annunciar o naufragio do seu prestigio de chefe politico, elle exclamava: «Sim, meus senhores, é preciso que fique hoje exuberantemente provado nesta Casa que probidade, civismo e amor aos principios temos nós em nosso seio, quer collectiva quer individualmente, para poder-

mos afirmar a qualquer Governador, seja elle filho de onde for, venha de onde vier, que somos capazes de, desdenhando as fascinações do poder, apearmos-nos das alturas delle, para não ceder perante a nossa dignidade offendida. »

Este modo de encarar as situações politicas sob prisma diverso ao dos principios, esta altivez « em descer voluntariamente as escadas do poder, de abandonar as nuvens do Olympo governamental sem saudades do Jupiter tonante que lá ficava a desferir os raios do seu capricho. » conforme elle mesmo o disse, conservou na Camara Federal onde teve occasião de provar uma vez quando se referia ao Governador deste Estado, ao qual naquella epocha se collocara em franca dissidencia : « O vosso poder e a vossa força não assentam na lei nem no patriotismo ; o pedestal em que vos firmaes não tem a rijeza granitica dos principios ; não è feito do marmore immaculado dos grandes sentimentos humanos : assenta na lama e tem a inconsistencia das construcções ephemeras, fundadas no capricho e na desorientação, na incompetencia e na inconsciencia. »

O orador que no parlamento se manifestara com tamanha independencia, era o homem que obedecia a um programma traçado com segurança e observado á risca. Vêde-o nos comicios populares : « Ha uma pratica ritual antiga, muito commum entre todos os povos, em epocha primitiva e systematizada principalmente pelos gregos e pelos romanos : era o culto dos deuses lares, dos penates, personificados não só em divindades ou personagens historicos, mas tambem nos antepassados, nos chefes de familia, que tinham altares nas habitações, em verdadeiras igrejas domesticas. No momento das grandes convulsões politicas, dos graves perigos sociaes, em cada casa ia-se pedir ao deus tutelar conforto para supportar desgraças, protecção contra inimigos que ameaçavam. Temos nossos mortos sagrados, nossos avós deuses, nossas divindades politicas que invocamos a cada hora e que nos fortalecem a cabeça e o braço. »

E quanto basta para documentar a perfeição do character oratorio de Martins que foi, sem oscillação,

o reflexo do seu caracter moral, muito egual, puro de mais para o seu tempo.

O admiravel em tudo isto, o que prova ainda mais a segurança das suas idéas, está no seguinte: Martins não escrevia os discursos, não se submettia á tortura de trabalhar periodos no silencio do gabinete, afim de armar effeito perante aquelles que o ouviam; as suas orações eram o producto do improviso, eram oriundas de emotividade do momento, e as que a litteratura da oratoria guarda foram apanhadas pela estenographia.

Ao contrario de Bossuet que ia aos theatros para ver e ouvir os actores recitarem pedaços escolhidos das obras de Racine e Corneille afim de educar a voz, a *pose* e o gesto; de Cicero que, não satisfeito da intimidade com o actor romano Roscius de quem copiava a dicção, trabalhava com vagar as suas orações, concertava-as muito, comparava-as aos modelos celebres da Grecia, recitava-as aos amigos, submettia á critica dos seus competidores e mestres; ao contrario de tudo isto, Martins só podia subir á tribuna sem um schema sequer, para entregar-se á improvisação, obedecendo assim á fatalidade do seu temperamento que era este.

Ainda me lembro do *meeting* que elle fez no Theatro Santa Izabel, com o fim de manifestar a solidariedade do povo pernambucano á Republica, e no qual eu tive, depois d'elle, de representar a mocidade academica do meu tempo. Sahimos juntos, e Martins disse-me que tinha pensado o seu discurso, tomado mesmo notas, mas, perdera tudo, por não lhe ser possivel delinear o rumo antes de principiar as orações. Mostrou-me as notas, e de facto, estas não lhe haviam servido para as duas horas que estive a prender a attenção de mais de duas mil pessoas que o applaudiam. Partiu d'ahi—desse dia sempre preso ao meu coração—a intimidade com o Mestre, pois, ao despedir-se, disse-me com extremo carinho: — « a nossa intimidade está feita. »

.....

Outros dirão sobre a psychologia de Martins orador melhor do que eu venho de dizer, mas nenhum dirá com affecto maior, nem com sinceridade mais vivida.

Mesmo não é facil, quando a Dor soluça no intimo, escrever sobre um patricio que, como Platão ao nascer, as abelhas lhe voejaram sobre o berço e lhe pousaram nos labios em busca de mel.

Por ora, carreguemos a cruz da Saudade pelo calvario das tristezas immensas !

ARTHUR MUNIZ.





*Martins Junior e sua 1.ª esposa D. Elisa
Quinteiro Martins (1890)*

Martins Junior



SEMELHANÇA do que se passa no universo,—astros maximos a servir de fóco a um dado systema planetario,—assim no mundo intellectual se verifica a existencia de cerebros superiormente organizados, dos quaes se irradia poderosamente a luz fecundadora e serena dos ensinamentos, nas differentes modalidades espirituzeas, tornando-se verdadeiros centros de força synergica, a elaborar parallela-

mente a vida emocional e mental, num desdobramento continuo de multiplas e variadas manifestações.

Para esses não ha necessidade de esperar a morte para se lhes applicar a maxima conteana: os mortos governam os vivos; pois, mesmo em vida, attingem á culminancia da montanha da luz á superioridade intellectiva e moral, impondo-se como exemplo a seguir pelos de sua geração, e como justo modelo áquelles que, a travéz das idades, vêm conservando no ciborio mystico da tradição a imagem de quantos, no passado, souberam dignamente, pelo talento ou pelo character, honrar a terra que lhes foi berço.

Ao numero desses pertenceu José Izidoro Martins Junior. [1] Manifestando-se desde cedo por um trabalho simultaneo das faculdades imaginativas e analyticas, poeta e philosopho, qualidades a que mais tarde se viéram justapôr as de tribuno e jornalista, propagando, com entranhada coragem, os ideaes que agitavam a sociedade brasileira, norteando-a para a solução dos magnos problemas, social e politico,—a abolição e a republica; a sua in-

[1] Filho de José Izidoro Martins e da exm. sra. d. Francisca Martins. Casado a 14 de Junho de 1887, em primeiras nupcias, com a exm. sra. d. Elisa Quintero, e em 1894, em segundas nupcias, com a exm. sra. d. Claudina Nogueira, de cujo consorcio deixa uma filhinha de nome Celina. Irmão dos bachareis Samuel Martins e Henrique Martins e do Pharmaceutico Graciliano Martins.

dividualidade espiritual se assemelha a um diamante de pura agua, de multiplas e limpidas facetas. cada uma com brilho proprio, é certo, mas de irradiação estonteante, quando apreciadas em conjuncto, na complexidade prismatica de planos e de arestas a se combinarem, dando em resultado a intensidade deslumbradora de uma gemma preciosa a fulgir desmesuradamente no meio de trevas, ou melhor, a ser sempre a mais bella e a mais lucilante, embora entre clarões de auroras e fulvos lampejos de cristaes feridos pelo sol.

Nascido a 24 de Novembro de 1860, encoetou muito jovem os seus estudos primarios com seu avô professor Victorino Martins, e o de humanidades com professores particulares, terminando no collegio do Dr. Jesuino Lopes de Miranda, e durante esse periodo o seu espirito de combatividade logo se manifestou com a fundação de um jornalzinho—*O Progresso*—(1875-77), onde lhe abrolharam os primeiros sonhos e floriram os primeiros ideaes.

Matriculou-se na Academia de Direito em 1879, findando o seu brilhante curso juridico a 13 de Novembro de 1883. Durante esse quinquennio, seu talento desdobrado em variadas manifestações poz em relevo as subidas qualidades de poeta, escriptor, tribuno e jornalista, que o exalçaram, dando-lhe logar de desta-que entre os collegas e de distincção aos olhos dos mestres. Em dia com o movimento politico, philosophico, artistico e juridico, logo se declarou convictamente scientificista em poesia, positivista heterodoxo em philosophia, republicano em politica, abeberando-se em direito nas fontes da reforma da velha sciencia que, se entroncando na vetusta arvore do direito romano, bracejou por toda a Europa e chegou actualmente ao estadio de maximo adiantamento, com a intuição de von Jhering e consortes.

Refractario, por indole, ao conservatorismo professoral, teve de discordar, e o fez com desassombro, de umas tantas pragmaticas bolorentas, umas tantas sentenças fechadas a sete sellos, trazendo o distico fulminante do *magister dixit*, o que lhe valeu a perda da distincção no quinto anno.

Ainda em obediencia a certos principios dos quaes fizera pontos de fé, recusou-se prestar juramento, por occasião de receber o grau de bacharel, declarando da tribuna:—Meus paes são pobres, obscuros, mas honrados: não pouparam sacrificios para elevar-me até aqui; mas não aceitarão um sacrificio de minha parte, elles que, sendo catholicos, nunca puzeram peias á livre manifestação das minhas idéas.

Uma vez bacharelado, sem recursos, entregou-se aos azares do ensino particular e aos lucros problematicos da banca de advogado. Chherente com os seus principios de intransigencia republicana, jamais desceu a mendigar uma collocação, por meios escusos e indecorosos.

Ao contrario, sentindo lhe escacciar os recursos necessarios á subsistencia, perigando, porventura, os seus ideaes, entregou-se com muito mais ardor ao trabalho, regendo effectivamente a cadeira de francez da Escola Propagadora da Boa Vista, interinamente, a de Historia Natural da mesma Escola, e abrindo um curso nocturno de direito para os alumnos do 1.º anno, no collegio dos Irmãos Porto Carreiro, que fidalgamente o acolheram, cedendo

do-lhe uma sala illuminada para funcionamento das aulas, e dando-lhe por sua vez o exercicio da cadeira de francez do seu Instituto, ao corpo docente do qual já pertencia, na regencia da cadeira de philosophia. Nesse periodo teve provas constantes da leal amizade do Conselheiro Pinto Junior, então Director da Academia, o qual, em virtude do alto conceito em que o tinha, o nomeou para o exercicio interino da cadeira de Historia do Curso Annexo.

Em Outubro desse mesmo anno concorreu ao lugar de lente substituto da Faculdade, dissertando sobre a these: *Ha crime na offensa á memoria dos mortos?*—sendo a prova escripta publicada na revista litteraria *Homens e Letras*. Classificado em segundo lugar, obteve nomeação o Dr. Adolpho Cirne, que o fôra em primeiro. Em Maio de 1888 entrou em segundo concurso, sendo-lhe these:—*Pode-se admittir uma dupla intuição romanica e germanica da lueta juridica ou do processo? No caso affirmativo, quaes os caracteres de uma e outra?* Classificado em primeiro lugar, obteve nomeação o Dr. Oliveira Escorel, que o fôra em segundo. Em Agosto do mesmo anno, entrou em terceiro concurso, dissertando sobre a these:—*O conceito da æquitas foi sempre o mesmo nos diferentes periodos da historia do Direito Romano?* Sendo o unico classificado, mandou o ministro do Imperio completar a lista, cabendo a nomeação ao Dr. Adelino de Luna Freire Filho, collocado em terceiro lugar, na segunda classificação. As suas tres dissertações constam da obra publicada em 1891 sob o titulo de *Fragmentos juridico-philosophicos*.

Durante grande parte da epocha de preparatorio, depois na Academia e em seguida na vida publica, sempre se voltou, denodadamente, á questão do abolicionismo que, no momento, agitava a consciencia nacional. Seu alvo principal era, porem, a Republica. Em 1888 fundou um Directorio Republicano, para melhor incrementar o movimento, dando-lhe uma sabia orientação, ao mesmo tempo que um nucleo cohesivo, fomentando, concomittantemente, a criação de directorios parciaes, por freguezias. Em Julho de 1889, fundou *O Norte*, em companhia de Maciel Pinheiro, e neste posto de combate não regateou esforços no duello tremendo e decisivo travado com as olygarchias partidarias de Pernambuco. Ameaçado na sua vida, na expectativa de lhe ser destruida a typographia, durante a estada de Silva Jardim nesta cidade, elle sempre foi o abnegado de todos os instantes, doutrinando pelo escripto, convencendo pela palavra.

Foi nesse lugar de sacrificio que o veio encontrar a republica, proclamada a 15 de Novembro de 1889, sendo um dos primeiros e mais honrosos actos do Governo Provisorio nomeal-o lente da Academia, por Decreto de 28 de Novembro do mesmo anno. Representando, genuinamente, a tradição republicana em Pernambuco, por meio da propaganda escripta e oral, foi-lhe, pelo Governo Provisorio, entregue a direcção politica do Estado, em cuja incumbencia, se não teve a habilidade de um politico adestrado, a revelar tino e superioridade de vistas, no sentido de imprimir movimento uniforme e produtor ao machinismo governamental, manteve-se, todavia, de maneira a não se lhe poder apontar um só acto de deshonestidade e de inconherencia, radicado,

como estava, a principios que julgava, para elle, intransigentes' immutaveis.

Das faltas que porventura tenha commettido como politico, deve-se mais accusar o seu coração do que o seu talento. Na memoravel noite de 16 de Novembro, ao receberem os republicanos o governo de Pernambuco das mãos do Dr. Sigismundo Gonçalves alguem, com uma lealdade a toda prova, lhe disse mais ou menos isto:—O senhor é moço e cheio de esperanças e de ideias agora traduzidos em realidade. A republica é um facto e os partidos monarchicos se dispersarão d'aqui por diante, por um trabalho de desorganização que virá fatalmente. Fuja das olygarchias que governam Pernambuco: fuja de dar corpo ás ambições que, recalçadas agora, subirão á tona depois, mais ferozes e mais cheias de odios; faça a larga politica da aggrémiação dos melhores elementos, mas sobretudo trate de organizar um partido forte e poderoso que lhe sirva de esteio.

De tão memoraveis palavras se esqueceu o novel chefe, tendo a breve trecho a prova de quanto é mutavel a face da politica. A 19 de Novembro foi nomeado Chefe de Policia, desenvolvendo no exercicio desse cargo os recursos de que largamente dispunha, ao mesmo tempo que se consagrava á organização dos negocios politicos, tendo de se manter em posição capaz de reagir contra a campanha que lhe movia o partido apeiado, tendo por órgãos *A Provincia*, sob a direcção de José Maria e *A Lanceta*, redigida por Phaelante da Camara. Notumultuar de uma vida agitadissima, dividida entre a direcção partidaria e os deveres do cargo, não lhe passavam despercebidos os de propagandista, agora que a republica, ensaiando os primeiros passos, necessitava das luzes dos seus proceres: e, assim pensando, faz a 24 de Fevereiro do anno seguinte (1890) uma notavel conferencia no Theatro Santa Izabel, sendo-lhe thema a proclamação da republica e a sua ligação á corrente do movimento republicano nacional.

A 9 de Maio foi nomeado fiscal da emissão do Banco Sul Americano, e a 13 fez nova conferencia no Santa Izabel, em comemoração á *lei aurea*. Retirando-se do governo do Estado o general Simeão, substituiu-o o Dr. Albino Meira e a este o Dr. Ambrosio Machado, que o entregou ao Barão de Lucena, a 4 de Agosto. Este, ao assumir o exercicio, declarou vir fazer uma politica de conciliação na familia pernambucana.

Effectivamente, logo após o inicio de seu governo, esse titular cuidou em reunir as forças vivas dos diferentes grupos politicos representados por seus maiores, na organização da chapa de deputados e senadores á Constituinte. Martins, regeitando a idéa conciliatoria, recusou incluir o seu nome, continuando por em no seu lugar de hora, collaborando na organização do novo estado, nomeadamente na sua lei constitucional, de cuja commissão foi presidente.

Encetando o Barão de Lucena politica francamente reaccionaria ao grupo chefiado por Martins Junior, este se remetteu á vida da imprensa, entrando para a redacção do *Jornal do Recife* a 2 de Abril de 1891. De então por diante, accesas as antigas discordias, tornou-se renhida a campanha empenhada entre o *Jornal* e *A Provincia*. A 17 de Maio, sob sua presidencia, é fun-

dado o *Novo Partido Republicano de Pernambuco*. Continuando ora latente, ora ás claras, a lavrar a discordia entre os nucleos que tentava colligar, sem resultado superior, o Barão de Lucena resigna o cargo a 12 de Setembro, sendo eleito para substituí-lo o Dr. Corrêa da Silva (17) ao mesmo tempo que o era para Prefeito do Recife o Dr. José Marianno. A 23 de Novembro dá-se no Rio o golpe de estado que eleva o Marechal Floriano Peixoto á magistratura suprema do Paiz ; e a 18 de Dezembro é deposto o Barão de Contendas que substituiu ao Dr. José Maria [e este ao Dr. Corrêa da Silva] no governo do estado.

As condições politicas de Pernambuco haviam se extremado de maneira intensa, maxime depois que o Dr. José Maria, a 1.º de Dezembro, declarara *haber desde 23 do mez anterior se collocado á frente do movimento patriótico que deveria inutilizar o pensamento dos inimigos da patria de attentar contra a autonomia do estado*, valend-se para isto dos recursos pecuniarios proprios. A deposição do governo deu logar a uma Junta Governativa, que dissolveu o congresso do estado. Si bem que fóra da acção directa do governo, contudo Martins continuava a orientar o partido, e a propria Junta não se dedignava de ouvi-lo no que dizia respeito á administração suprema.

A 4 de Fevereiro de 1892, effectuada a eleição de deputados ao congresso estadual, são eleitos os candidatos do partido republicano, os quaes a 4 de Março, reunidos no Palacio do Governo, resolvem consultar ao Marechal Floriano sobre a escolha do Governador a eleger, tendo em resposta o celebre telegramma :—«O Capitão Alexandre José Barbosa Lima acceta e agradece.»

Por essa mal entendida deferencia, Martins Junior estava longe de suppôr que immediatamente começaria a lavrar a discordia no seio de seu partido, declarando a 7 o Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos, membro da Junta, que deixava de fazer parte da mesma em virtude da intervenção indebita do Presidente da Republica nos negocios do estado. Eleito Barbosa Lima, aqui chegou a 19 e assumiu o governo a 20, ainda de Março, apoiado pelo Directorio do partido republicano que, a 25, apresenta Martins á deputação estadual.

Entretanto, o partido autonomista, reorganizado e fortemente arregimentado, bate-se desabaladamente contra o republicano, pelas columnas d'*A Provincia* ; a seus ataques responde Martins pelo *Jornal do Recife*. Já o tendo como membro, e sob sua influencia, o Congresso do Estado rompe as hostilidades contra o governador a 18 de Junho, e a 19, pelo *Jornal*, Martins enceta uma serie de artigos explicando a sua attitude e a do partido ao que retorquiu o Governador, a 24 de Julho, fazendo publicar no *Diario de Pernambuco* o celebre manifesto *Aos verdadeiros republicanos*, respondido vantajosamente por Martins a 7 de Agosto.

Durante esse tempo, o Dr. Barbosa Lima, fazendo irradiar sobre os que se lhe approximavam, as auras do governo, iniciava com vantagem a fundação de um partido reaccionario, avolumado posteriormente com a adhesão dos autonomistas que a elle se ligaram, por intermedio de José Marianno, embora a pronunciada reluctancia de José Maria. A 15 de Agosto são dissolvidos os conselhos municipaes, a 17 o Municipio do Recife lança um pro-

testo ao qual se seguiu o do Partido Republicano e o de dezeseite associações representadas por cem delegados que se declararam solidarios com o Directorio republicano.

Influindo assim directamente sobre a corrente politica de reacção contra o Governo, Martins ainda se dividia entre a redacção da *Gazeta da Tarde* e a *Directoria da Faculdade de Direito*, deixando o *Jornal do Recife* a 30 de Setembro. Entretanto, explodira o movimento reaccionario do interior, contra o acto prepotente da dissolução dos conselhos. A noticia alarmante de terem sido as tropas do governo derrotadas pelos revolucionarios de Triumpho, determinou a 23 de Outubro a prisão de Martins Junior, no goso de imunidades, como deputado estadual, prisão effectuada pelo capitão Ottoni, por ordem do Governador do estado, reduzindo-se o incidente a simples explicação trocada em Palacio, graças á attitude altiva de Martins.

A situação politica do Estado tornara-se intoleravel. Boates alarmantes de que as forças federaes interviriam a favor do partido republicano, depondo o governador, traziam a cidade em sobresalto continuo, augmentado com a falsa noticia de que os revoltosos do Rio Grande do Sul haviam se declarado monarchistas. O partido autonomista, agindo sob a acção immediata de José Marianno, põe-se francamente ao lado de Barbosa Lima, apresentando neste sentido a moção de 4 de Março. A 6 abre-se o Congresso do Estado e Martins Junior propõe uma moção de adhesão ao governo federal, a proposito dos acontecimentos do Rio Grande do Sul. A scisão do partido republicano augmenta, e Martins, á frente do grupo de reaccionarios, enfrenta o governador, levando a Camara a promover, a 27 de Abril, a accusação deste magistrado, acto que foi secundado pelo Senado a 6 de Maio, por officio intimativo. A decisão do Congresso foi energicamente repellida pelo Governador, apoiado como estava pelo grosso do partido autonomista, os bandeados dos arraiaes republicanos, contando alem disto com a força publica do estado, que elle soubera captar pela concessão de favores habilmente dispensados. A situação firme do governo determina o adiamento das sessões do Congresso, o qual declara não poder funcionar sob a pressão dictatorial. A 11 de Maio o Presidente da União telegrapha a Barbosa Lima, reconhecendo-o governador do estado, determinando tal facto grandes manifestações de solidariedade e apoio do partido autonomista.

A oppressão do partido republicano continuava, a ponto de ser suspensa, por uma simples ordem verbal da Questura, a publicação da *Gazeta da Tarde*, a 13 de Junho. Martins, porem, não fraquejava, e já imprimindo direcção ao movimento opposicionista, já revigorando-o nos comicios populares, animava e fazia crear forças á corrente de reacção ao governo; sendo notavel o discurso sensacional que a 1 de Julho pronunciou na sessão promovida pela *União Civica* em memoria de Silva Jardim. Entremes, um combate de inimigos encarnizados se travara entre José Maria e Martins Junior, que, mais do que nunca, se incompatibilisára com o governo e com o partido que o mantinha firme no poder, e do qual mais tarde se teria de desligar, como aconteceu.

A 6 de Setembro explóde a revolta da Armada Nacional, que tanto sangue custou á nação, prendendo o Marechal Floriano, em suas malhas de ferro, amigos e adversarios da situação, em Pernambuco. A 17 de Novembro, Martins publica um manifesto de adhesão ao governo do Marechal, acto que lhe valeu nova ruptura no seio dos seus proprios amigos dando signal de alarme o Dr. Bernardo José da Camara, cuja argumentação principal foi o facto da interferencia do Marechal na eleição de governador de estado. Em Janeiro de 1894, Martins pede e obtem a organização de um batalhão sob o titulo de *Seis de Março*, em cujas fileiras serviu, no posto de capitão, desde que foi constituido, por acto do Commando do Districto de 13 daquelle mez, até o seu licenciamento, a 3 de Maio do mesmo anno.

A esse tempo José Maria abriu em franca opposição ao governo e com elle o partido autonomista, a respeito do que esse jornalista lançára um bem elaborado manifesto, accusando Barbosa Lima de connivencia com o Almirante Custodio, contra o Presidente da Republica. Faltando-lhe assim o auxilio dos dois partidos arregimentados, — republicano e autonomista, — o governador lançou as bases de um terceiro partido, engrossado dia a dia com as adhesões voluntarias e com as deserções compradas e pagas pelas graças das prebendas dinheiras e dos pinguez empregos.

Por então, Martins rompera com o proprio partido, reformando a chapa de deputados federaes a apresentar nas eleições que iam se proceder a 1.º de Março, ao que o Directorio retorquiu por meio de um manifesto, mantendo a chapa primitiva. Eleito pelo primeiro districto, segue para o Rio de Janeiro, sendo na sua ausencia, em Setembro, refundido novamente o partido e organizado novo directorio.

Dahi por diante se torna mais rara e mais enfraquecida a sua acção sobre o movimento politico de Pernambuco, tendo nos ultimos annos fixado residencia no Rio, entregando-se ahi á advocacia e ao exercicio de uma cadeira na Faculdade Livre de sciencias juridicas e sociaes.

Os consequentes acontecimentos da libertação de José Mariano, preso por occasião da revolta da Armada, a attitude francamente hostilizadora do partido autonomista, a creação do partido da Concentração, tendo por orgão o jornal do mesmo nome, dirigido por Phaelante da Camara, e ultimamente a do partido Revisionista de que se fizera extrenuo paladino; em todos esses acontecimentos esteve elle envolvido, ora directa, ou indirectamente, no fastigio de uma posição momentaneamente galgada, ou na obscuridade de um ostracismo a que o remetiam aquelles mesmos que outr'ora lhe haviam jurado fidelidade e protestado seguranças!

Eleito por duas vezes representante do seu estado na Camara Federal, a primeira em 1894, e a segunda no triennio seguinte, por duas vezes attestou na mesma Camara a variedade de conhecimentos profundos, perfeita coherencia de principios, e sobretudo uma honorabilidade somente igualavel á dos caracteres puros, rectos, inflexiveis, dos antigos romanos. Na sua carreira politica, findada obscuramente, depois de ter tido o seu estado

natal sob as mãos, sujeitando-se mais tarde ao simples secretariado de um governo estranho; na sua carreira politica, ia dizendo, apontam-se, de certo, graves erros, mas nem um só crime, e daquelles foram mais culpados os que o cercavam, do que mesmo a sua intuição e o seu talento, que nunca se transviou. Ao subir os degraus do poder, levou consigo o coração sem se recordar da inutilidade desta viscera, que è quasi sempre um estorvo, na solução das grandes causas politicas e sociaes.

Foi sempre honrado, e isto basta á sua memoria, largamente glorificada pela morte que, roubando-o tão moço, o encontrou no momento final na mais extrema penuria, sem que o pobretão que tivera, por tres vezes, ensejo de despejar os cofres do estado, tivesse querido manchar a ponta dos dedos com o azinhavre maculador dos dinheiros publicos.

Como poeta, Martins Junior se filia á escola scientifica, inspirando-se nos moldes de Lefevre, Berthezene, Stupuy, Mme. Arckemann, Sully Prudhomme, e outros, recebendo de cada uma nota emotiva que melhor assimilava o seu criterio esthetico, dando-nos em seu poema *Visões de Hoje* a affirmação de quanto póde um talento real, forte e sincero, ao serviço da philosophia, cujos meandros explora e aprofunda, servindo-lhe a arte de instrumento de indagação e analyse.

Veze, o seu trabalho poetico se resente de falhas, no sentido puramente technico; a sua concepção, porém, è sempre grandiosa, altioquente, assombrando pelo arrojado e pela phrase vasada num estylo de bronze repolido, a vibrar sonoramente no espaço, por longo tempo. Seus versos, muitas vezes, dão-nos a sensação de um toque de alarme, prolongado e forte, nos arraiaes de um acampamento de guerra, ao começar um combate renhido em que o sangue vá ensopar o solo e os batalhões tenham de ver abertas as fileiras e rotos os estandartes.

Não lhe monopolizaram, porém, a musa os problemas scientificos. A chamada poesia social foi o seu primeiro estadio, como se deprehe de das *Vigilias Litterarias*, publicação collaborada com o seu amigo Clovis Bevilaqua, encarregando-se este da prosa, e elle do verso. Deram a lume dois folhetos [1879-1882], e nelles Martins enfrenta a questão proxima e febricitante do abolicionismo e a, então remota, da republica. De livros de versos publicou, alem dos trabalhos contidos nas *Vigilias Litterarias*, mais tarde reeditados, os seguintes:—*O Crime da Victoria*, 1880; *A proposito da conversão de Littré*, 1881; *Visões de Hoje*, 1.^a edição. 1881; *Retalhos*. 1884; *Estilhaços*, 1885; *Visões de Hoje*, segunda edição correcta e augmentada de uma synthese artistica, 1886; *Tela Polychroma*, 1892.—

Ao tempo em que surgiu com a formula da poesia scientifica, as escolas poeticas, no Brasil, como elle mesmo nota, se dividiam em quatro grupos: sentimentalistas, lyristas puros, condoreiros e realistas. O primeiro grupo, de raros exemplares, pela excepionalidade do typo doentio, a chorar e a gemer estrophes no regaço das mulheres e a verter copiosas lagrimas sobre o tumulo das illusões mortas pelo desdem de alguma Elvira delambida, ou de qual-

quer pallida e alambicada Marcia, era quasi desapparecida para a grande arte. O segundo tambem tinha rarissimos representantes desde que Fagundes Varella, porta-bandeira da escola, deixára cahir no solo o estandarte, azul do sentimento puro, crescido e revigorado na concepção do grande poeta fluminense que, mais do que nenhum, explorou o riquissimo filão da lyrica nacional.

Dos terceiro e quarto grupos se contavam decididos e habeis representantes, uns se filiando á *manière* do glorioso exilado de Jersey, a travéz dos mediadores plasticos chamados Tobias Barretto, Castro Alves, Palhares, Castro Rebello Junior, e bem poucos mais; e outros se ligando, de perto, ao realismo vibrante, cheio de derrocadas sociaes e soerguimentos de edificios novos, mirabolantes, phantasticos, para a arte e para a esthetica, remontando-se a Guilherme Braga e logo após a Guerra Junqueiro, o apostolo do novo codigo, o demolidor terrivel, o combatente feroz das velharias, assombrando os de seu tempo com a verdadeiramente superior concepção d'*A Morte de D. João*.

Os dois ultimos, se bem que necessarios e resultantes do seu meio e do seu tempo, contudo a sua obra, por meramente revolucionaria, era de resultado negativo. Martins sonhava uma obra mais duradoura, uma formula em que vasasse toda a concepção cosmica, do mais ao menos, desde as grandes leis da gravitação astral, até as pulsações do coração e os matizes da psyché, tudo sujeito ao methodo rigoroso da analyse scientifica a desdobrar os factos e as leis, o sentimento e a phantasia, das raizes mais reconditas ao bracejamento da arvore colossal da humanidade a cobrir a terra, na faina trabalhosa e digna de encaminhar a especie á perfectibilidade.

Para isto era mister um novo processo que, mantendo intactas as esthesias, dêsse, contudo, por uma cenogenese de fonte inspiratoria, um resultado differente do até então obtido pela poesia. Na sua concepção de arte, o poeta, o *vate*, devia ter a visão das grandes cousas do futuro, não por uma especie de qualidade divinatoria, mas por uma comprehensão logica de analyse do passado, para a historia, de syntheses e leis para a sciencia, de esthesias desdobradas, a evoluir a travéz das éras, para a arte.

D'ahi a sua formula de *poesia scientifico-philosophica*, troncando-a. elle mesmo, no scientificismo didactico do autor do *De Natura rerum*, e seguindo-lhe a «ontogenese brilhantissima, na qual, abstrahindo dos artistas contemporaneos, se pode notar os nomes e os trabalhos de Lucrecio, de André Chenier, de Gœthe, de Fontane, de Le Brun e de Delille. »

No desdobraimento de sua formula, porém, queria-a a se alimentar dos sentimentos philosophicos do nosso tempo, mas cantando-os sem tratadizar, no poema ou na ode, uma sciencia particular de uma ordem de conhecimentos especiaes. Assim se exprimindo no prologo das *Visões de Hoje*, deixou mais claro o seu pensamento no opusculo *Poesia Scientifica*, do seguinte modo:

—« A poesia *scientifico-philosophica* é a meu ver o dogma que a mentalidade actual impõe á Imaginação e Sentimento modernos. A poesia scientifica, podendo romanticar, isto é, engrandecer e aformosear por meio de transformação creadora, já as *idéas*, já os *sentimentos* de nossa epoca, alarga o circulo da actividade artis-

tica e tem a vantagem de fazer sempre do poeta um homem util, um producto serio. Ahi a teem, a nova intuição poetica. Comprehensiva, sensata e forte, ella se estende por toda a area da emocioalidade humana, abrangendo tudo. Desde a lei astronómica da attracção até o evolucionismo biologico e social, desde as generalizações da philosophia até os factos particulares do amor, da dedicação, da coragem, do civismo, da paz, da familia, da felicidade, da miseria, do crime, do patriotismo, desde a lucta pela vida nos vegetaes e nos animaes até o conforto doce de um *menage* alegre e honesto; vae, ou antes, deve ir a poesia de hoje. E essa poesia, grande, elastica, imperecivel, correcta, harmoniosa, sonora, não é, não pode deixar de ser outra senão a scientifica, a arte rythmica, moldada pela concepção positiva do mundo.»

Essa formula, porem, vantajosamente praticada. só a empregou o poeta nas *Visões de Hoje*, complexo de quatro syntheses: philosophica, politica, religiosa e artistica, nas quaes elle fez, realmente, poesia scientifica, sentindo o influxo da concepção philosophica do universo, que domina em seu tempo, enunciando as verdades geraes que decorrem para a vida social dessa concepção, mas vestindo sempre os seus ideaes com as roupagens iriadas das facultades imaginativas, e nunca deixando de obedecer á emoção poetica que dá nascimento á obra d'arte.» Seria, de certo, mais largamente explorada a sua formula poetica, gyrando suas facultades creadoras em maior esphera, no poema *Evolução*, já concebido, e no volume de versos philosophicos:—*Templa Serena*, ambos infelizmente nunca levados a effeito.

Nos demais livros de versos, Martins Junior foi um poeta essencialmente socialista, ferindo sempre a corda bronzeeada dos combates e das revoltas contra o despotismo, agitando as questões palpitantes, actuaes, inadiaveis, sempre a servir-se, porem, de processos novos em arte, imprimindo á toda sua poetica o verdadeiro cunho de uma escola remodelada,—na forma pelo arrojo, o deslumbramento das imagens, a emotividade palpitante e rugidora em cada estrophe; e na essencia, pela synthese das tendencias sociaes do tempo, batido pelas tempestades desencadeiadas dos grandes ideaes patrios a realisar, consubstanciados na dupla emancipação das raças negra e branca.

Dessa forma, por esse combater sem treguas, elle se collocou, indubitavelmente, na lista dos poetas maximos, que fazem da arte, não uma cousa futil, vasia de sentido, esculptural, hieratica, na forma, porem nulla quanto ao sentido e quanto ao effeito a produzir como elemento educativo; mas antes um instrumento de analyses perucientes ou syntheses audazes, a serviço de um ideal que, pela sua grandeza, concatena e resume toda a vida tumultuosa e vária de um povo, num dado periodo, entrevista superiormente, atravez do prisma da esthesia superiormente orientada do artista.

Em 1883 escrevia elle, em nota á *Poesia Scientifica*:—«Sou ainda hoje o mesmo sectario convencido e entusiasta do grande *systema philosophico architectado* na França por Comte. Até

hoje, entretanto, não pude ainda substituir Littré por Laffitte, e Wiroubouff pelo Dr. Robinet. Quer isto dizer que, em face do vertiginoso movimento scientifico da actualidade, faço-me com Roberty um *positivista independente*, e, escudado no fecundo principio da relatividade dos conhecimentos humanos, procuro agrupar ao redor da Lei dos tres estados e da Classificação hierarchica das sciencias todas as conquistas definitivas do evolucionismo spenceriano, do transformismo darwinico, do monismo haeckelista e do realismo scientifico-materialista. »

Firme a esse auto de fé, em tudo quanto, no mundo especulativo, se liga á sciencia philosophica e em tudo quanto, nas relações sociaes e humanas, se relaciona com o direito, Martins gyrou dentro do circulo das suas convicções mentaes, coherente com a formula uma vez enunciativa, ou a doutrina uma vez erguida a principio, sem que, todavia, deixasse de se fazer no seu espirito o movimento de exosmose intellectual compensado pelo de endosmose respectiva, no justo equilibrio de receptividade do que mais profundo se escrevia em direito e philosophia, transformado brevemente em corpo de outras tantas doutrinas, ou postulados de sciencia, a cuja demonstração elle sabia impôr o sainete de um pensador de raça, duplamente forrado de conhecimentos multiplos e de criterio analytico sagaz e profundo.

De character profundamente demolidor, e ao mesmo tempo creador, lembrando as *Farpas* de Eça e Ramalho, publica em 1881 *O Scalpello*, estudo critico de politica, letras e costumes, 3 fasc. ; a 7 de Setembro de 1882 *O Stereographo*, estudo de critica genetica, collaborando em ambos Clovis Bevilaqua; em 1883, *A Poesia Scientifica*, esboço de um livro futuro; e em 1886 uma traducção de *Jesus e os Evangelhos* de Jules Soury, feita juntamente com João Freitas e Clovis Bevilaqua.

D'ahi por diante já é outra a sua directriz; enriquecido com a seiva haurida largamente no largo terreno da cultura moderna, seu espirito se volve para horisontes mais largos, dando a lume em 1891 os *Fragmentos Juridico-Philosophicos*, em 1896 a *Historia do Direito Nacional*, e logo após a *Historia do Direito*, sendo os dous ultimos escriptos para a cadeira que regia na Faculdade. A sua *Historia do Direito Nacional* foi superiormente analyzada por França Pereira, nas paginas da *Revista Contemporanea*, e todo o valioso merito da obra se pode resumir nestas phrases do critico: « Sabia o moço jurista, que a falta de producção juridica e a existencia de institutos apenas enfrutecidos pelo calor patriotico, não bastam para uma historia do direito nacional. Sabia perfeitamente que uma tal historia entre nós terá de satisfazer-se com o simples e magro rebotallo que no banquete do Direito deixaram as cobertas servidas a Afonso, Felipe, Manoel—o Venturoso, João II e ao Marquez de Pombal. Ainda sabia que tanto a primeira Carta Constitucional como a segunda, a colleccção de tratados internacionaes celebrados, o primeiro Codigo Criminal, o do Processo, o Commercial, a Reforma Eleitoral, a Lei do Ventre, a Lei 13 de Maio, a de separação da Igreja do Estado, o decreto declarando civil o casamento, toda a resma de leis, decretos, avisos, consultas, regulamentos que constituem o acincado apparelho da legislação brasileira desde o colonato á instituição

da republica,—merece tanto o nome de *direito nacional*, que o seu proprio *livro* precisou abrir-se com a propedeutica do direito em geral, capitulando os melhores principios geraes da historia do direito moderno entre Germanos, Romanos e povos romanizados para dar dessa forma corpo de sciencia a uma materia sem sciencia e a uma sciencia sem materia. »

Além desses livros de prosa, correm publicados innumerous artigos sobre critica litteraria, que elle pretendia enfeixar em volume sob o titulo de *Brados e Golpes*, alguns dos quaes reeditou a *Revista Contemporanea*.

Quando ultimamente se agitou, em 1903, a questão de limites do Brasil com a Bolivia, envolvendo ao mesmo tempo a de saber se poderiam intervir os Estados limitrophes, Amazonas e Mattó-Grosso, nas resoluções do tratado, elle, num luminoso artigo publicado no *Jornal do Commercio*, e mais tarde em folheto, sob o titulo *A soberania e o Acre*, provou á sociedade que reside na União toda a soberania nacional; e tão substanciosa foi a sua argumentação que servio de ponto moral a quanto teve que resolver, no attinente ao assumpto, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, tornando-se, de então por diante, um dos maiores admiradores, e devotado amigo do illustre morto.

No desdobramento da individualidade espirital de Martins, o escriptor findava nos limites fronteiriços do jornalista. Dir-se-ia que um completava o outro, pela mesma unidade de intuição, pelo mesmo ponto alvejado, pela identidade absoluta de doutrinas, escrevendo, como philosopho, uma prova de concurso sobre a existencia das leis sociaes, ou tracejando, em côres sombrias, como jornalista, os edictoriaes d'*O Norte* sobre *O Caso Chrispim*, *Sinistro Epilogo*, e tantos outros.

O que o pensador colhia na recolta das idéas, o jornalista logo transfundia em conceitos adaptaveis ao facto e ao momento, fazendo ruir as cidadellas dos erros e das aberrações, ao troar sonoro de sua trompa de combate a estrugir nos ares as notas vibrantes de uma gloriosa marcha de guerra. Tal foi a sua tarefa, a partir de um jornalzinho manuscripto que manteve, ainda em criança, na cidade do Cabo, de parceria com Luiz Porto Carreiro, e outros de cujos nomes não me recordo, seguindo-se-lhe *O Progresso*, (1875—77); *A Idéa Nova*, (1880); *A Folha do Norte*, (1883—84); a *Revista do Norte*, (1887); *A Republica*, (1888); e finalmente *O Norte*, (1889); além de grande numero de artigos publicados na *Gazeta da Tarde*, n.^o *A Cidade* e no *Jornal do Recife*.

Tomando a summula de todos os seus ideaes, uma serie ininterrupta de vibrações, como se o seu *esthos* se submettesse a descargas electricas seguidas, deixando-se possuir de 'uma especie de allucinação alheatoria do seu proprio ser, dominando as massas pela influencia da palavra, o arrojo da imagem, a correnteza sussurrante e musical da phrase, sem 'que disso tivesse percepção;—eis o Martins orador. Sua oração era flamejante, incisiva, correcta, não mettida na pragmatica fria e somnolenta da oratoria anglo-saxonia de periodos previamente escolhidos e enfileirados de certo modo, visando um certo effeito; mas, ao contrario, solto de peias dogmaticas, retumbante e vibratil a cachoeirar, a descer, a cahir do alto dos seus labios, num conti-

nuo cascadear de phrases, e de ideas, de imagens e de trópos, num redemoinho celere de ondas sonoras, rugindo no alto, e rolando a esmagar, a derruir, a esbarrondar, como enorme cata-pulta arrojada por mãos de barbaros contra formidaveis muralhas de cidades antigas, de castellos feudaes alcandorados nas grimpas das montanhas, formidavelmente armadas para criminoso apoio dos erros e refugio dos anegrados crimes seculares.

As suas orações, das quaes somente nos deixou um volume de *Discursos* pronunciados na Camara Federal, nos davam nitidamente a idea de um rio de longo curso, a descer tenue fio a principio, dos pincares da serra, avolumando aos poucos, enchendo, engrossando as aguas, até se tornar caudal immensa, alastrando-se por florestas e prados, fecundando as terras, combalindo rochas, desaggregando resistencias, vencendo obstaculos, até se lançar victorioso e sereno, da serenidade victoriosa dos vencedores, no grande oceano da consciencia humana, que o poderoso orador dominava até o delirio, o entusiasmo frenetico das multidões.

Filho do livre e audaz Brasil, era audaz e liberrimo nos tropos que serviam de opulenta roupagem magnifica ás suas orações sorprendentes pelo flammejamento, o conceito seguro, o doutrinamento são, e o entusiasmo de guerreiro a incitar cohortes á lucta. Dahi a nota predominante de suas qualidades civicas: —a propaganda. Como cidadão foi sempre um agitador, bandeirante dos novos ideaes, a se internar pela selva das consciencias, onde projectava a luz clara e purissima das suas convicções.

Que novas ideas trouxe para o grande peculio espirital do seu povo, que volumosa corrente opiniatica domou e transpoz, que poderosa e vencedora escola fundou o illustre morto? Talento ao mesmo tempo assimilador e productur, abeberando-se nos mestres e creando tambem como mestre, elle nos deu, em poesia, uma nova formula; em presa, um novo processo de forma; em philosophia e em direito, elle nos transmittiu, depurado atravez do crivo de sua analyse, o que de melhor e de mais profundo se pensava e conhecia no mundo do pensamento; no jornal e na tribuna elle se nos affigurava um gigante, de maça em punho, a esmagar cohortes, a derruir phalanges, ficando sobre destruições o labaro das liberdades civicas e intellectuaes soltas das ferropieas das tradições, dos abusos da velha sciencia theocratica e das robustas formulas de direito, e livre dos moldes das instituições antiquadas, em nome do rei, sempre com a fé inabalavel de um apostolo e a visão augusta e mystica de um vidente.

Em toda a sua obra espirital predominam as faculdades imaginativas; elle foi antes de tudo e sobre tudo um poeta, sem tomar o vocabulo no sentido restricto de fazedor de estrophes espartilhadas em rimas e quartetos. Scindiu de vante á ré a superficie tranquilla e sôrna da corrente intellectual do seu tempo, que se arrastava monotona e soturna, como as aguas de um mar-morto; agitou-as, revolveu-as, soprou-lhes á tona o vento das

tempestades, desencandeiou os relâmpagos das reformas, e forte e convicto, como um antigo deus do Olympo, presidiu ao banquete dos deuses que se lhe achegaram e beberam na mesma taça, que elle empunhava gloriosamente, victoriosamente, o nectar dos eleitos.

Vede-o no verso lampejante e sonoro; vede-o na prosa vibratil e opulenta, enrijada pela trama de ouro do estylo, e revestida da purpura da forma; vede-o no jornalismo, apocalypticico e propheticico, relembrando, não raro, o velho Hugo e as suas visões; admira-o em seus livros de critica e de direito,—enorme floração de ideas novas transplantadas, mais vivas, mais luxuriosas, sob o sol vermelho dos tropicos, á luz deste ceu sempre claro, á margem destes rios sempre caudalosos; escutae-o na tribuna dos comicios, no parlamento e na cathedra de mestre, catadupejando-lhe a palavra fluente e cantante, convincente e mascula, revestindo a imagem de sedas farfalhantes e recamando-a de gemmas preciosas; tomae-lhe de per si cada manifestação, tomae em conjuncto toda a sua obra;—e concluireis que sobre toda ella sopra ás vezes, um vento do deserto, desolador e quente; outras, uma brisa das montanhas, saturada de oxygenio, vivificante, e bõa; agora um vendaval raivoso, a se desencandeiar sobre florestas; mais logo um euro tenue e perfumoso, deleitando os sentidos com a essencia subtil a evolar-se, e a musica dulçorosa, trinando nos ares....

Toda a natureza, o universo inteiro vibrava para elle no mesmo canto de paz e de amor, de força e de trabalho, num hymno perenne, saudavel e forte, augusto e magestático, a tudo quanto engrandece o homem pelo estudo, desde o abrolhar do lyrio, perfumando o valle, até o envelhecer do pau d'arco nas cumiadas da serra; desde o infusorio inapercebido nas aguas, até o sol a gravitar no alto do ceu; desde o balbucio da creança inconsciente e gárrula, até o cerebro do homem, complexo e multiplo, a resolver as applicações da mechanica, a definir os postulados da arte, a desdobrar as questões da sciencia. ou fosse, no mundo material, o esforço necessario para collocar na sua posição o individuo e a especie; ou fosse, no mundo intellectual e moral, a summula de cellulas somaticas de cujo total resultasse o homem posto na sua verdadeira categoria, no tempo e no espaço, como factor da sociedade e da religião, da mesma sciencia e da mesma arte, forças que sobre elle agem e reagem, no constante equilibrio de principios oppostos a se solicitarem e a se completarem fatalmente.

□ De rija e fortissima envergadura das aguias dos aloantis andinos, o grande intellectual galgou, num surto victorioso e seguro, o pincaro azulado da montanha da luz, e de lá, num soberbo espedicio de forças, num lançar fóra de nababo phantasioso e despreoccupado da existencia, deixou cahir, uma a uma, as joias preciosas do thesouro que amontoara no cerebro,—estas pelas regiões do direito; essas pelos meandros intrincados da philosophia; aquellas pelas paragens luminosas da oratoria; umas pelos dominios escabrosos da jornalística, outras pela cidade mysteriosa e augusta da poesia, num incendio phantastico de rutilancias, de

fulgurações, de claridades mirabolantes, a illuminar-lhe o transito curto da limitadissima vida.

Vede-o agora, na paz da morte, no silencio do tumulo. Medilhe a estatura moral, prescrutae-lhe as qualidades civicas, perquiri-lhe as manifestações do talento assombroso, pela variedade de um ideal fixo, superior e supremo, e chegareis a concluir :— Inda é maior do que em vida se affigurava !

THEOTONIO FREIRE.



No tumulto de Martins Junior

Nada se cria e nada se perde no universo

Succumbiste ? Duvido : apenas a materia
Cumpre o fero rigor da transitoriedade.
Póde a fome voraz da larva deleteria
Impedir-te o voejar para a Immortalidade ?

Operario do Bem, vaes receber a feria,
Conquistada a lutar pela Fraternidade.
Não consegue envolver a Tenebra Funerea
Um Sol que projectou, fulmineo, a Liberdade.

Dorme o sommo lethal, na terra dos Palmares,
Onde outr'ora uns Titans, indomitos jaguares,
Bravejaram, reveis á macula européa !

As palpebras, cerrando, ao prefulgir da Gloria,
Deixaste repousar, nas paginas da Historia,
A fronte varonil que sementava a Idéa !

DURVAL DE BRITTO.



Martins Junior
Phase da redacção do Jornal do Recife (1891)
Drs Ribeiro de Britto, Argemiro Aroxa e Graciliano Martins.

Martins Junior

(INTIMO)



IS-ME preso no gabinete de Arthur Muniz, para escrever este artigo destinado ao numero especial d'«A Cultura Academica», que a delicada amizade de Frota e Vasconcellos quiz consagrar á memoria de Martins Junior.

Tenho que dizer d'elle, do morto querido, encarando-o pelo lado intimo, abrindo com a chave da minha prosa fria o cofre de sandalo do seu coração, por que se derramem por estas paginas as gemmas e as perolas da sua affectividade doce e magoada.

Entra pela janella, tão alta, o sol inda mais; cõa-se a luz pelo crivo das camadas aereas, como uma poeira de ouro esmoído, que fadas invisiveis decantassem em peneiros tramados de gazes.

Uma saudade infinita aperta-me o coração, e o espirito trabalhado pela dôr debruça-se sobre o papel, com o desfallecimento de um condemnado.

Dize-me tú, morto querido : nos transe angustio-

sos da nossa vida, nas horas mais peçadas de escuridão, nos instantes mais ricos de magoas, qual de nós alguma vez cogitou teria de escrever do outro estas paginas doridas, mais choradas que escriptas, mais molhadas de pranto que de tinta, mais nascidas do coração, soluçando, do que do cerebro, pensando? Na lyra sympathica do teu sentimento a dôr tinha todos os accordes; não a penduravas nunca nos salgueiros do silencio para calar a ruina dos nossos sonhos.

Das notas dos teus gorgeios jorrava sempre o manancial do conforto, e das tuas pennas humidas de pranto por vezes sahira o vôo da esperanza.

A lyra da minha alma, porem, tem somente a corda do desespero.

Mergulho, vestido de luto, voluptuosamente, na dôr. Gozo a minha amargura, como se houvera sellado um noivado com a Morte.

E nas aperturas desse abandono, o unico prazer, que na verdade me sabe, é o de abandonar-me e soffrer.

Em 1898, graças á famigerada *politica dos governadores*, Martins foi excluido da Camara dos Deputados.

Este facto o acabrunhou profundamente, não pela perda dos sacrificios que o elegeram á representação do paiz, mas pela traição de amigos e correligionarios da propaganda.

Deus me preserve de ainda ver nesta Republica uma quadra de tamanha rebaixação do character politico.

Vinha-me então, insensivelmente, á memoria o verso enojado de Hugo:—*l'histoire a pour égouts des temps comme le nôtre...*

A celeberrima commissão de reconhecimento dera a Martins umas escassas vinte e quatro horas para defender a sua eleição.

Era um prazo irrisorio...

— *Este praso, declarou Martins, não me chëga para a defeza perante juizes, mas me sobra para o protesto perante carrascos.*

E na hora aprazada, vimos todos o nobilissimo pa-

tricio, em duas rajadas de logica processual esfarelar no cerebro ankylosado de Manoel Caetano, da Bahia, o ponto edificio das bestiarias theorias da sua jurispericia, e sahir daquella camara pneumatica do caracter, menos vencido do que os vencedores, cercado de amigos, depois de lançar um olhar de compassiva piedade a um seu discipulo, membro do *conselho de guerra parlamentar*, que, de cabeça baixa e olhar no tapete, se confessára atolado até os cabellos na essencia de Cambrone por ter de negar o seu Mestre, e...corajosamente o negára.

Tempos depois, Severino Vieira com um traço de penna expulsa esse mesmo Manoel Caetano da lista de deputados...

Senhor! dae mil felicidades a Severino Vieira,—foi o *parce sepultis* da minha dôr por essa inhumação partidaria.

A vida de Martins tinha que se alterar, e tomar outro rumo.

Os parcos vencimentos de lente não o habilitavam a sustentar com decoro a sua posição politica, no Recife.

Era-lhe indispensavel expatriar-se.

Disputavamos o preclaro amigo, para hospital-o, eu e Bellarmino Carneiro; Martins, porem, precisava mais dos carinhos da familia, que de conforto material. A minha casa o attrahia: a minha bibliotheca, já bem abundante e escolhida, para o estudo calmo; os meninos, e dentre elles o seu afilhadinho José Izidoro, com a sua garrulice eterna retramando-lhe no peito o ninho desmanchado da alegria; minha mulher — a sua irmã extremosa, — preenchedo-lhe na vida a lacuna de que d'ahi por deante não mais se queixou — a falta de uma irmã; e junto de tudo isto, palpitando com elle, soffrendo com elle, e lutando com elle, o coração de um amigo, cuja alegria maior era querer-lhe e admiral-o.

Arranjámos as cousas deste modo: Martins apenas teria commodo, na pensão da rua do Bispo, para a noute; os dias seriam meus, sua a minha mesa, seus os meus livros, até que eu encontrasse uma casa maior, para a qual nos mudassemos.

Isto organizado, Martins foi se encaminhando para a advocacia, tomando conta de algumas causas, sem todavia abrir escriptorio, o que só fez, ha pouco mais de anno.

Aluguei depois a chacara da rua de Santa Alexandrina, onde lhe preparei commodos; elle veio ao Recife e levou uns dois caixões de livros; annunciou escriptorio á rua da Alfandega 25, e pôz-se a trabalhar com ardor.

Os seus habitos de vida se modificaram, tiveram mais regra, mais disciplina. Ja o isolamento das *pensões* não o impellia para a rua; adormecia cedo, acordava cedo entre as seis e sete horas.

Aproveitava as manhãs no trabalho; almoçava ás onze horas, e ao meio dia estava na cidade, na labuta da vida.

Foi ainda como hospede da pensão da Rua do Bispo, logo após o seu não reconhecimento, que Martins compareceu ao Congresso Juridico Sul Americano.

No seu quarto só havia um livro—o *Dr. Paschoal*, de Zola.

Falou contra a these do Dr. João Monteiro, o actual Director da Faculdade de Direito de S. Paulo, que enunciava um conceito duplice da soberania, ao mesmo tempo residindo na União e nos Estados.

Não fui ao Congresso por medo. O abatimento moral em que estava o meu amigo, a situação um tanto embruscada dos horizontes da sua vida, a ausencia dos seus livros, da sua bibliotheca, desse ambiente de gabinete indispensavel ao surto do pensamento e ao lavor da obra, tudo isso me agourentava uma empresa, que n'outras condições se me afiguraria facilima á capacidade admiravel do palinuro.

Fiquei por alli, pelo Largo de S. Francisco, á espera dos primeiros congressistas que sahisses para ter novas.

Fôra um successo....

Durante trinta minutos Martins prendeu a escolhida assembléa, na seducção de um discurso scientifico, rigorosamente entretecido nos syllogismos da logica, sem uma hesitação na exposição dos mestres,

citando na sua propria lingua os allemães, os inglezes, os italianos e os francezes, como se houvera sahido da vigilia de noites e noites passadas sobre os livros.

D'elle, d'ahi em diante, os velhos professores se acercaram com admiradora estima, e os moços juristas do Congresso com entusiasmo e respeito.

Todos pensavam que elle era apenas um tribuno e um poeta, e elle se lhes revelava um Mestre.

A vida do meu querido morto casara-se entretanto indissolovelmente com a tristeza.

Não sei que amargura do inferno a devorava, que as suas alegrias se apagavam mal lhe afloravam n'ama, e a vida toda se lhe dobrava para a dôr, como se a um ministerio da morte a houvera votado.

Que doces e encantadoras horas passamos, no emtanto, n'aquella chacara de Santa Alexandrina, sentados no terraço, á luz suave do luar do sul, luar que não é o nosso, quasi dia, mas que desce pallido das montanhas e das pedreiras, como se tivesse medo de illuminar, e se cõa na alma da gente com uma tal deli cadeza, que a gente tem vontade de lhe dizer—obrigado!

Elle, advogado; eu, juiz; no terreno do direito, das hypotheses emergentes dos autos, se continha em regra a nossa palestra.

Permutavamos ideias, consultavamo-nos, e mutuamente nos auxiliavamos nas mil necessidades do fõro.

Tinha-me um affecto tão grande, e eu lh'o não pude recompensar, em dedicação, em carinho, em silencioso e calado sacrificio, justamente quando soffria no seu ultimo leito....

Trouxera-me a Pernambuco doença gravè em minha senhora; deixei a casa muito grande e muito isolada de Santa Alexandrina por uma casinha á rua do Riachuelo, «a gaiola do 232» como elle me dizia em sua ultima carta. Era uma especie de Republica de estudantes, sem tanta desordem aliás.

Ficaram com Martins duas creadas—a que creou minha mulher, e uma outra, que dormia fóra.

Perto, no n. 84, mora Bellarmino Carneiro, a

cinco minutos dos largos de S. Francisco, Carioca, e Praça Onze de Junho, a tres dos theatros diarios.

Na minha ausencia fôra dormir em nossa casinha o Dr. Paranhos da Silva, amigo dedicadissimo de Martins; os outros o visitavam sempre, de modo que raramente lhe seria possivel ver-se só, sem companhia, e um simples recado lhe traria em cinco minutos á casa o nosso Bellarmino.

Para distrahir-o e confortal-o, é que eu escolhi essa casa; mal pensava eu que a escolhia para a sua morte....

Nestas linhas lançadas de um jacto, perturbado o espirito, alanceado o coração, não tenho a pretensão de ter traçado a característica de Martins, intimo.

Fal-o-hei um dia em que a calma me voltar ao espirito, e a dôr se tiver apasiguado.

O que podemos por ora fazer é semear nas lagrimas...

Deus escolherá os que recoltarão na alegria.

Recife—30--8--904.

VIRGILIO DE SÁ PEREIRA.





Martins Junior
Capitão do Batalhão patriótico "6 de Março" (1894).

Martins Junior

(MEIO EM QUE APPARECEU)



Q S homens são os vehiculos de todas as transformações sociaes : ou sejam os grandes espiritos os operadores unicos d'esta revolução, como quer e ensina o tresloucado aristocratismo de NIETZSCHE, ou seja a massa anonyma e obscura, a zymosis onde fermentam todos os palpitantes problemas relativos ao desenvolvimento historico dos povos, segundo a opinião democratica de TOLSTOI, o que é fora de duvida é que a todos os grandes acontecimentos assignalados por um grau de ascensão e de progresso, está sempre ligada a actividade indefessa e laboriosa do espirito humano.

Para possuirmos uma noção justa de uma epocha qualquer com todas as suas duvidas e suas incertezas, com todo os seus sonhos e suas utopias devemos buscar a luz esclarecedora e o criterio seguro nos vultos dos grandes homens que foram os seus iniciadores, n'esta «élite de homens superiores», segundo a denominação de G. LE BON, que constituem propriamente o elemento vital de um povo; devemos procurar surprender em seus cerebros o reverbero nitido e scintillante de todas as especies de causas que encrespam a superficie mansa e desenrugada d'aquelle determinado momento historico.

Do mesmo modo se tivermos necessidade de uma

apreciação exacta sobre uma individualidade forte e suggestiva, nada mais facil do que procurarmos vela em acção, conhecermos o scenario em que se ensaiaram as suas energias mais viris e se exercitaram livremente as suas mais nobres preoccupações.

O estudo do ambiente social, com todos os seus complexos e multifarios elementos constituintes, ministra-nos, em que peze a HENNEQUIN, senão um criterio infallivel, pelo menos uma base mais ou menos estavel, para a reconstituição do perfil de um homem que tenha recebido o seu influxo poderoso e tonificante.

Para que a figura de MARTINS JUNIOR ainda mais se destaque, num relevo luminoso e triumphal, é necessario lancemos um golpe de vista sobre as idéas do seculo e da humanidade em que o seu espirito sadio e forte se abeberou, sobre a athmosphera mental, em summa, em que elle respirou a longos e revigorantes haustos.

Não se lê impunemente os livros de SCHERER, de SAINTE-BEUVE ou de TAINÉ. E' verdade que cada um d'aquelles insignes mestres procura definir e accentuar uma individualidade com o auxilio de processos especiaes. Se um prefere estudar e conhecer um grande homem, pelos seus dictos espirituosos, pelos seus pequenos e insignificantes incidentes da vida diaria, se outro procura alicerçar seu ponto de vista no estudo do meio creado pelos primeiros amigos entre os quaes se desenvolvem e se formou o seu espirito, o seu character, se est'outro prefere ver no grande homem o resultado da acção poderosa e inevitavel do meio social, que lhe molda o pensamento e lhe imprime uma direcção determinada nos vãos de sua *psyché*, se, repito, cada um tem seu methodo peculiar e differente, requeira, todavia, de seus processos uma idéa geral: a do estudo do individuo jungido sempre ao meio em que elle viveu, aquecido sempre por aquella « temperatura moral » de que nos falla TAINÉ, e não como um producto isolado, esporadico, apparecido archigonicamente, sem determinações historicas, no seio das sociedades.

A grande revolução operada na vida mental da hu-

manidade por EMMANUEL KANT, na Allemanha e mais logo por AUGUSTO COMTE, em França, foi o escolho firme e inabalavel d'encontro ao qual quebraram-se, impotentes, as pretensões dos supernaturalistas e dos illuminados que acreditavam ver pairando serenamente por sobre a magestosa harmonia dos mundos, principios immateriaes e entidades incorporeas e hypersensiveis.

COMTE, seguindo as piugadas do egregio pensador allemão que já tinha banido, de vez, o absoluto dos dominios da philosophia, resultado, aliás, que não era mais do que uma conclusão fatal e inevitavel, dadas as premissas segurissimas estabelecidas por BACON e DESCARTES e sustentadas por LOCKE, SPINOSA, LEIBNITZ e outros, COMTE, repito, hierarchizando as sciencias segundo a ordem de complexidade crescente e generalidade decrescente, e estabelecendo a lei dos tres estados para a interpretação scientifica dos phenomenos sociologicos, deu o golpe ultimo e fulminante nas ideações estereis do metaphysicismo, abrindo um campo vastissimo que devera ser, mais tarde, largamente arroteado pelos mais eminentes espiritos e pelos mais infatigaveis e pacientes obreiros que a Humanidade já tem possuido.

As sciencias da natureza que, até então, viviam cruelmente ajoalhadas nas angusturas de theorias acanhadas e estreitas, impulsadas pelos espiritos vigorosos de MOLESCHOTT, BÜCHNER, VOGT, sentiam-se livres das pês que lhe entravavam os vôos arrebatados e altaneiros: uma seiva nova e revigorante haurida na experiencia e na observação—matrizes fecundas d'onde se originaram as prodigiosas construções scientificas que foram o assombro d'este derradeiro quartel de seculo—circulava impetuosa e ardente renovando as raizes apodrecidas do conhecimento humano e injectando-lhe nos vasos depletos um sangue novo e forte.

Dado este grande impulso pelo inclityo pensador francez e ajudado pelo genio hyperpotente de HERBERT SPENCER, o gigante do pensamento britannico, facil é de prever que perspectivas soberbas, inundadas d'uma luz estranha e desconhecida, se descortinaram ás vistas pasmas e assombradas dos sabios e dos estudiosos: era o brilhante periodo de renascimento, em que tinha

toda applicação a maxima de RENAN, em 1848, ao deixar os bancos do Seminario : « A sciencia é uma religião. »

A biologia viu, com espanto, alargarem-se desmesuradamente os seus dominios : as leis, fundamentaes que LAMARCK, HUXLEY, DARWIN, WALLACE, encontraram, para a explicação do desenvolvimento dos seres desde as mais infimas e rudimentares manifestações da vida até a sua floração mais seivosa e exuberante, o homem que desde esse momento deixou de ser um *punctum stans* no meio da mobilidade universal—encontraram applicações magistraes nas mãos cyclopicas de ERNST HAECKEL.

A' luz intensissima escurrida dos methodos da biologia, renovadas pelo egregio professor de Jena e a que elle emprestava o fulgor diamantino de seu genio, illuminaram-se todos os outros departamentos do saber humano.

A historia, constituida definitivamente em sciencia com methodos e processos de investigação peculiares, vasara-se em moldes novos : as idéas expendidas por VICO, BOSSUET, HERDER, KANT, CONDORCET, e revigoradas pelas profundas e laboriosissimas generalizações de GUIZOT, BUCKLE, COMTE, LITRÉ, encontravam um terreno propicio ao seu desenvolvimento completo : as profundas pesquisas sobre as mythologias, religiões, linguas, etc, devido aos esforços de um MAX MÜLLER, de um SCHLEICHER, eram o florão que rematava a magestosa construcção historica ; o determinismo social tornara-se o subrogado do acaso cego e inconsciente que, até então, se acreditara presidir, a seu talante, a marcha da humanidade.

A psychologia, renovada por SPENCER e desenvolvida extraordinariamente pelos estudos de ALEXANDER BAIN, STUART MILL constituiria-se, definitivamente, em sciencia livre e independente, pela observação aturada dos phenomenos psychophysiológicos, não deixando ensanchas a um agente hypersensível destinado á explicação da actividade cerebral em sua tripla manifestação affectiva, mental e volitiva.

O direito nas mãos de VON JHERING e HERMANN POST assumia uma feição nova graças aos processos da biologia, que lhe imprimiam um character mais scienti-

fico que as defeituosas interpretações de SAVIGNY e PUCHTA e ainda mais que as caducas e esfarrapadas doutrinas do direito natural.

A arte também não poudo furtar-se à renovação geral que tudo empolgava; soffreu egualmente o influxo benefico dos methodos novos: HYPOLITE TAINE, illuminado pelo espirito superior de STENDHAL, reconstrue a esthetica sobre novas bases, sujeitando-a ao « movimento geral que approxima as sciencias moraes das sciencias naturaes. » (1)

Era uma verdadeira renascença scientifica: uma lufada poderosa e ardente de renovação e de destruição perpassava por sobre toda a vasta congerie do saber humano, varrendo impiedosamente os phantasmas metaphysicos e as entidades abstractas que eram forçadas, como a sombra ao sol victorioso, a ceder o passo á soberania das leis naturaes.

O velho Continente sentia em suas veias o estuar impetuoso das novas idéas que seduziam todos os cerebros e arrebatavam em sua caudal immensa todos os espiritos avidos de luz e soffregos da verdade.

O Brasil recebia um pallido e sobresaltado reflexo d'este fóco immenso de luz: foi TOBIAS BARRETTO que, brandindo furiosamente a clava de luctador e esborcelando os vetustos idolos consagrados pela rotineira, sciencia official da Academia Pernambucana, projectou para o pensamento brasileiro aquelle clarão resplendente que fulgia em scintillações astraes, na Allemanha, na França, na Inglaterra, na Italia.

O encanto de sua palavra robusta e eloquente o ardor com que evangelizava os seus principios e as suas convicções e, ao mesmo tempo, a soffreguidão de perspectivas novas e desconhecidas, o desejo de perlustar mundos ignorados e mysteriosos, faziam vibrar freneticamente o coração dos moços, que suspeitavam a existencia d'este Far-West, cuja vista lhes fóra sempre vedada pelas densas nuvens peçadas de preconceitos e prejuizos e que se sentiam, todavia, fascinados pelos encantos velados á sua curiosidade irrequieta.

Foi aquelle mestiço genial, com cujos arrojos e ar-

(1) *Philosophie de l'Art*, tome I, pag. 13, Paris, 1901.

rebatamentos a mediocridade escrupulosa e fradesca ainda se não pode avezar, quem os iniciou, tremulos e palpitanes, nos mysterios do seculo e da humanidade: foi elle, com o seu grande espirito aberto sempre aos novos ideaes, quem, n'um movimento de impiedade e de rebellião, lhes tirou a casca do fructo prohibido.

E MARTINS JUNIOR foi o chefe da phalange audaciosa que, á sombra da flammula revolucionaria do inclyto sergipano, ousara proseguir, aventureosa, pelas trilhas ignoradas que elle lhe desvendara, cheias de encantos e de seducções.

Com o espirito vivo e scintillante, dotado d'aquelle mesmo ardor entusiastico de PREVOST-PARADOI, (2) que era o tormento de TAINE o seu joven e bom amigo, apto para a assimilação das grandes correntes mentaes que agitavam o seculo, embora inaccessible ás seducções insidiosas dos systemas e das theorias, foi MARTINS JUNIOR philosopho, jurista e poeta, e em qualquer d'estas tres facetas rutilantes de seu espirito, encontra-se um caracteristico que facilmente o destaca de seus companheiros de lutas—a originalidade, um certo modo especial de ser ferido pelas questões que elle abordava, uma tal ou qual propriedade de descobrir sempre em todos os problemas que cahiam sob a alçada de seu juizo, uma face não conhecida, ou, pelo menos, ainda não de todo estudada.

MARTINS JUNIOR filiou-se á reduzida cohorte dos que perfilhavam as doutrinas monisticas e a pregavam com a mais ardente e fervorosa convicção: o Universo era, para elle, esta Unidade immensa e gigantesca, regida por leis immutaveis e eternas, de que a força e a materia, em todas as suas formas, não eram mais que modalidades sujeitas, todas, á lei de causação e do determinismo e subordinadas á lei da transformação constante e sempiterna: para elle o Direito era, consequentemente, um aspecto da phenomenalidade social e,

(2) *Les maitres de la pensée contemporaine*, par J. BOURDEAU, pags. 28 - 36, *passim*. Paris, 1904. Sempre notei uma tal ou qual affinidade na *psychè* entre PREVOST-PARADOI e MARTINS JUNIOR. O livro de GREARD deixára-me fundamentalmente radicada esta impressão, accrescida agora com a leitura do cit. livro de J. BOURDEAU---capitulo sobre TAINE.

portanto, sujeito às leis da evolução e do progresso: o seu espirito, fortemente saturado da positividade dos conhecimentos systematizados por COMTE e do mecanismo inconsciente das theorias monisticas, chefiadas por HAECKEL, não podia conceber uma essencia suprema da justiça, pairando, serena e immutavel, no meio do escoamento perpetuo das cousas. Se, nos principios geraes a que elle se filiou, não se encontra rastro de originalidade, e seria estulticia exigil-o, descubresse, ao contrario, em questões particulares, o seu espirito subtil e delicado, expandindo-se em soluções inesperadas e tingidas de uns leves tons de paradoxo, que, entretanto, desapparecem ao calor de sua argumentação cerrada e precisa e de sua dialectica nervosa e scintillante.

Poeta, foi MARTINS JUNIOR um resultado completo do seu meio e das condições especiaes de seu espirito aristocraticamente educado nas grandes verdades da Natureza. Cahido por terra o ultimo reducto do Romantismo em poesia, tão denodada e brilhantemente defendido pelos seus dous chefes intemeratos e incontestados, TOBIAS BARRETTO e CASTRO ALVES, morio o *condoreirismo* que desferira as suas melhores notas e se estafara depois na imitação servil e sem originalidade, o Brasil soffrera a influencia das novas correntes poeticas que cresciam e se avolumavam vagarosamente por sobre os escombros do Romantismo—o parnasianismo, a poesia socialista e a scientifica.

MARTINS JUNIOR deixou-se arrastar por esta ultima corrente, que melhor condizia com a sua educação mental cuidada e apurada: preferiu vestir as grandes ideas da sciencia e da philosophia, as magestosas concepções do Universo, com as roupagens de sua imaginação cheia de ardor e de entusiasmo, e ser um dos continuadores do velho LUCRECIO, que ministrara o imperecivel paradigma da poesia scientifica com o seu poema monumental *De natura rerum*, a *torrente de ouro fluido*, segundo a comparação de MOMMSEN.

Na Europa, e especialmente em França, o scientificismo encontrara asseclas decididos: depois de LAMARTINE as idéas philosophicas e sociaes começavam a fazer a sua entrada triumphal nos dominios da poesia.

Já com ALFRED DE VIGNY, a alma do poeta tinge-se de uns tons turvos de scepticismo, começam as imprecações que se vam exaltar na *psyché* morbidamente sensível e delicada de ALFRED DE MUSSET e com VICTOR HUGO já encontramos em algumas de suas paginas a intuição segura da poesia scientifica.

Mas é somente graças aos esforços de SULLY PRUDHOMME, que vamos encontrar as idéas hauridas na philosophia, na sciencia, etc., integradas nos departamentos da imaginação.

MME. ACKERMANN, de quem diz LANSON que «expressiu com mais energia do que arte o amargo pessimismo de uma alma que não pode escapar nem resignar-se a uma concepção irreligiosa e positiva do Universo» (3) tambem contribuiu poderosamente para a propagação das idéas pregadas pelo auctor do *Vase Brisé*.

E' verdade que em menor escala do que elle, de quem não possuia o sentimento que velava não raro a crueza e nudez da idéa, e com muitissimo mais proveito do que RICHEPIN, que, consoante o dizer de GUYAU, «escreveu um volume inteiro de anathemas e pretendeu pôr o materialismo em verso» (4) e onde, a meu ver, primam as idéas repugnantes postas em versos de uma impeccabilidade admiravel. Foram, pois, aquelles dous grandes mestres incomparaveis que tiveram o poder extraordinario de seduzir MARTINS JUNIOR.

E podemos, em synthese, dizer que elle, poeta ou philosopho, jurista ou orador, politico ou jornalista, foi incontestavelmente um producto do ambiente social em que elle teve a dita de apparecer: os seus defeitos e as suas virtudes eram os defeitos e as virtudes sua epocha.

Ahi está, em ligeirissimos traços, delineado o scenario em que elle agia; que os competentes lhe analysem cada um dos varios papeis que se incumbiu de representar em sua curta, mas infatigavel, jornada pelo nosso Planeta.

(3) *Histoire de la Litterature française*, pag. 047---Nota 1. Paris, 1902.

(4) *L'art au point de vue sociologique*, pag. 278, 5me. edition, Paris, 1902.

A nós, resta, apenas, conservarmos sempre vivida a sua memoria: os seus despojos tornaram ao laboratório universal, ao cadinho da natureza—a mãe comum; mas acima d'isto paira a recordação de seu espirito, indestructivel e immortal, sem embargo das eternas transformações da materia.

« Lembrai-vos, advertia CAMILLE BELLAIGUE, a colmar um estudo sobre EUGENE FROMENTIN, lembrai-vos da flôr delicada e pura com que perfumava as suas vigílias o velho bordador algeriano. A obra de FROMENTIN se lhe assemelha. Devemos sempre tel-a junto a nós, como uma flôr. » (5)

A figura de MARTINS JUNIOR ha de tambem permanecer eternamente ao pé das almas sonhadoras, como uma recordação saudosa de epochas que se foram, como um perfume a evocar tristes reminiscencias de um passado que não volta mais, porem que serve de estímulo e incentivo para um futuro mais feliz e bonançoso.

Guardemol-a, a sua memoria, como uma flôr, no mais intimo do nosso Coração.

MDCCCCIV.

A.-G. ARAUJO JORGE.



(5) *Impressions musicales et litteraires*, pag. 449. Paris, Ch. Delagrave.

Mater inconsolabilis

PERANTE O FERETRO DE « MARTINS JUNIOR »

« Tes talents, tes vertus, voilà tes seuls miracles. »

A. MATHIEU.

Só pensavas no Bem, nos teus scismares,
Consagravas ao Povo—idolatria,
E o teu Povo nem sempre percebia,
Que pregavas doutrinas salutares ;

Separado de nós, noutros logares
Conquistaste profunda sympathia,
E contigo morreu nossa alegria
Quando voltaste morto aos patrios lares !...

Confirmaram-te a antiga nomeada :
De Jesus foste em vida um corollario,
Tens por sobre o talento um alma honrada !

Teu Jazigo tornou-se um relicario !...
Mas a Nossa Mãe Patria desolada
Assemelha-se á Virgem do Calvario !

4—Setembro—904.

BIANOR DE MEDEIROS.



D. Dina Martins e Celina, viuva e filha de Martins Junior.

Martins Junior

(SUA INFLUENCIA NA VIDA MENTAL BRASILEIRA)



AROS homens de letras no Brasil terão tido carreira tam assignalada, quanto a de Martins Junior, por acontecimentos de importancia capital, correspondendo a tantas outras phases de evolução do espirito humano dentro do mesmo periodo historico.

Bem se vê que me refiro aos homens da geração literaria, nascida entre nós por volta de 1870.

E' simplesmente admiravel o phenomeno dessa repercussão sociologica entre a marcha das idéas peculiares a um individuo perdido no seio duma collectividade politica sem caracteristica definida e o espirito de seu tempo que, entre a febre da conquista e a ancia das reformas, se desfazia de chimericos sonhos, instituindo em seu logar o culto da verdade e da critica.

Eu disse repercussão, quando era consonancia o que tinha em mente.

Para proval-o, basta um pouco de paciencia na constatação dos factos.

Martins nasceu em 1860.

Essa data é característica nos annaes da litteratura comparada.

Já os queimores românticos e a exaltação entusiasta de 1830 haviam diminuído, lentamente, nos peitos e 1850 fica assignalando o inicio de uma phase totalmente nova na historia das idéas.

Nova no dominio da Arte Escripta, e nova na pura região do pensamento especulativo.

E' a transformação completa de uma sociedade frivola de declamadores e sermonarios a golpes de penna e esputos de rhetorica, numa sociedade positivamente volvida ás cogitações da vida pratica.

As massas têm sede de expansão democratica e, descendo o avido olhar sobre as imperfeições da machina politica, exigem pela palavra e pelos actos o completo nivelamento das condições sociaes.

Que importa, que ainda em 1859, Michelet publique *La Femme* e Hugo *La Légende des Siècles*?

Approxima-se a hora da morte do idealismo, e não mais á poesia e ao drama, porém ás sciencias naturaes, á critica e á philosophia, vae passar a suprema gestão da consciencia publica e dos espiritos novos.

Na pura região litteraria, pertence a voga ao romance natural e ao humorismo inglez. São George Eliot, Thackeray e Dickens que dominam desde 1855. Tres annos depois, é a vez de Darwin com a *Origem das Especies*, vertida para o Francez.

Só esse nome assignala a maior e mais profunda revolução historica, promovida no seculo XIX. Igual, só a teve o seculo XVIII, chefada por Emmanuel Kant.

Será preciso relembrar, ainda com referencia á Inglaterra de 1850 por deante, a profunda influencia da *Revista de Westminster*, adquirida pelo livreiro Chapman e em torno da qual se congregavam homens como Huxley, Mill, Lewes, Carlyle, Grote e vinte outros corypheus do livre pensamento?

Spencer acabava de entregar ao publico illustrado a *Estatica Social*. E' entre 1852 e 1853, na mesma data em que Renan tinha já prompto o manuscripto do *Futuro da Sciencia*; posto que A. Thierry e Sacy o de-

movessem de publicar essa obra admiravel, attento o seu espirito de livre exame e severidade.

Isso, pelo que toca ás direcções do pensamento.

Na Arte da Ficção propriamente dita, cumpre não silenciar aqui dous factos maximos e indicativos da proxima transformação radical da Esthetica. Um, a morte de Balzac em 1850, depois de lançar n' *A Comedia Humana* as bases do romance e da novella moderna. O segundo, foi o apparecimento em 1857 da *Madame Bovary* de Flaubert; de onde costuma fazer-se datar a carta dos direitos do « impessoalismo » na arte de pintar e descrever as almas com suas paixões, suas quedas e seus triumphos.

Em letras, em sciencia, nas proprias relações da vida, observa-se uma curiosidade intensa que nada de tem ou satisfaz.

A pretexto de novo, duvida-se de tudo; até da propria duvida. Cancellam-se todas as tradições. Não ha verdades adquiridas, como não ha direitos intangiveis. Reabrem-se as questões já resolvidas.

Todo esse memoravel decennio de 1850 a 1860 vale bem os 50 ou 40 annos restantes do seculo.

1860...

São 24 annos da morte de Stuart Mill e 3 da de Augusto Comte. Mas, em compensação, Hæckel tem apenas 26 annos e já deslumbra nas prelecções de Jena a mocidade alleman;— Pasteur, entra nos 38, e sabem todos o que fazia nessa época; Claudio Bernard está no apogeu da gloria, fundando o methodo experimental e assombrando o mundo culto com as suas descobertas geniaes. E no emtanto não passava ainda dos 47 annos. A Chimica Organica está nas mãos de Berthelot, então na aurora dos 33 annos. O determinismo absoluto é o feito de Hippolyte Taine em philosophia. Tinha elle 32 annos apenas e ultimava a sua grande *Historia da Literatura Inglesa*.

Que digo eu? 1860 é ainda Buckle aos 34 annos de idade; Scherer aos 45; Sainte-Beuve aos 56; Emerson aos 57; Littré aos 59; Ranke e Thierry aos 65; Villemain aos 70 e Guizot aos 73.

Na ordem politica e social, que metamorphoses, que rapida mudança! E' nos Estados-Unidos a elei-

ção de Lincoln á presidencia e o signal da guerra de secessão; mas, é tambemlo prefacio brilhante da emancipação dos servos na Russia; a gloriosa lucta da Italia contra a Austria, por sua unificação politica, iniciada por Cavour e concluida por Garibaldi e Victor Emmanuel.

Bismarck traceja com pulso de ferro o plano da futura confederação germanica.

Sente-se no ar, presente-se na marcha das cousas uma como desagregação da supremacia politica e espirital da França.

* * *

Tal o espirito novo, o concurso de circumstancias que vão presidir o nascimento e influir na direcção do genio de Martins Junior.

Collocado entre um mundo que se dissolve e um mundo que se refaz, elle será por assim dizer, o centro focal das nossas tendencias e aspirações mentaes, um precursor do futuro, um sementeiro incançavel de idéas no sólo intellectual da patria.

E,—cousa digna de nota!—a morte o acompanhará desde o nascimento, á proporção que a vida o fôr continuamente disputando á morte.

Os vultos do romantismo vão tombando fóra e dentro da patria, emquanto vão correndo os annos da infancia de Martins.

Logo em 1861, morrem Scribe e Henry Murger; em 1863 Vigny; em 1864 Gonçalves Dias; em 1869 Lamartine; em 1873 Castro Alves; em 1874 Michelet; em 1875 Varella e Edgard Quinet; em 1876 George Sand; em 1885 Victor Hugo. Dahi em deante é sempre essa ironia da morte a seguir os triumphos do poeta.

As influencias locaes foram relativamente secundarias e superficiaes na formação de seu genio.

A meu ver, só uma exerceu directa e profunda acção. Elle devia contar 14 annos, quando Tobias Barretto publicou em 1874 sua famosa carta aberta ao redactor da *Deutsche Zeitung*. Nenhum de nós pode furtar-se a essa especie de infecção, que era a bravura

intellectual do Grande Mestre, ensinando-nos a ter a coragem de nossa idéas e a proclamar as verdades novas sem attenção ás convenções retrogradadas, nem ao clamor dos pêcos ou dos nullos.

O heroísmo, fosse qual fosse a natureza delle, constituiu sempre a nota dominante do temperamento de Martins Junior.

Assim me explico a orientação politica, philosophica e literaria de seu espirito. Assim, quando prefere Tobias a qualquer outro pensador nacional; Zola, a qualquer outro romancista; Hœckel, a qualquer outro philosopho, comquanto não desdenhe Littré ou Comte; —Jhering, aos demais juristas; Mme. Ackermann, Sully Prudhomme e Herédia, a quaesquer outros poetas; a republica, ás demais fórmãs de governo.

Dahi a linha ascencional, sem desvios, de seu espirito. Era um agonyclito em face da violencia, como um iconoclasta em face da mentira. O interesse não o prendia; o effeito esthetico muito menos. Fazer adeptos, não lhe tirava o somno, porém, dar o exemplo do mais desinteressado devotamento a uma causa, a um ideal; isto sim, tinha para elle a dôce voluptia dos primeiros sonhos.

Dizia eu ainda ha pouco, —e o dizia convictamente, das circumstancias historicas preparatorias da eclosão dessa personalidade literaria.

Falta-me agora mostrar a sua acção sobre a cultura nacional. Primeiramente, porém, faz-se preciso delimitar suas relações geraes com a cultura de seu tempo.

« Der Litterarhistoriker, welcher die jüngste, in die unmittelbare Gegenwart herübergreifende Epoche einer Litteratur behandelt, hat mit Schwierigckzeiten zu kâmpfen, welche die Litteraturgeschichte der Vergangenheit nicht kennt. » São palavras de Rudolf von Gottschall, que encerram uma profunda verdade nem sempre respeitada pelos historiadores literarios. A epoca do apparecimento de Martins Junior é justamente uma dessas mais « recentes e mais ligadas á actualidade, » para a apreciarmos com desinteresse e

isenção de animo. Os factos são de hontem; cada um de nós esteve mais ou menos envolvido nelles. A chronica, a phantasia e a propria legenda entram por muito na historia desse periodo, que podemos chamar com justeza nosso periodo literario de «Lucta e de Assalto», como os Allemães denominaram a um dos seus.

Nessas condições, tentarei apenas esboçar a largos traços o assumpto em questão.

Como viu o leitor, não podia Martins tomar por modelo o romantismo em dissolução, pertencendo elle a uma phase inteiramente nova do espirito humano. Bem que de Portugal recebessemos até então o santo e a senha literaria, começa todavia em 1862 nossa differenciação e independencia mental. Dessa data a 1870, Portugal ainda se nutre da literatura phantastica de Heine, de Poe e de Hoffmann. Depois veiu Michelet, veiu Hugo, veiu Baudelaire, veiu Flaubert, vieram os mais.

Bem ao contrario, nós outros no Brasil entravamos com Topias na phase do nacionalismo poetico, e em 70 na alta cultura philosophica, disciplinadora do pensamento. A guerra franco-alleman attrahira nossa attenção.

A patria de saber já deixára de ser para nós a França. Deslocára-se o axe do mundo das idéas, e fomos de roldão com o espirito do tempo, agerrimamente, num bater do azas audazes em busca da luz, attrahidos na hypnose da gloria pelo sol nascente. Foi esse o grande feito da «Escola do Recife» e cujo heróe se chamou Tobias Barretto de Menezes.

Caracteres dessa escola foram e são ainda hoje: o dom da generalização ousada e firme; o culto da natureza — que é nosso mestre; a espontaneidade — que é nossa força; a concepção symbolica de quanto é vago e indefinido; — nosso defeito e nossa fraqueza; emfim a rebeldia moral contra as convenções de escolas.

Tobias encarnou tudo isso, e Martins, vindo na terceira phase da Escola do Recife, completou a obra inicial do Mestre. Quero dizer, que um representou o espirito de combatividade, outro o de solidariedade: Um era demasiado pensador e homem, para se embalar nos sonhos de uma communhão fraternal entre o meio so-

cial e as letras. O outro era demasiado artista e poeta, para descrever da influencia das idéas.

Por isso, ao passo que Tobias em suas relações geraes com a cultura de seu tempo ficou sempre um individualista genial, Martins tornou-se um socialista inconsciente, ou, se o preferem: um humanitarista sequioso de justiça e de verdade, sem que o soubesse.

Tobias quer a regeneração da patria pela cultura intellectual. E' germanico, é radical nesse poncto. Martins quer mais: a cultura da intelligencia vale nada sem a cultura do character. Um povo politicamente escravo, terá gigantes do pensamento, como a Russia; porém, jamais, como a França, concentrará o governo espirital do mundo numa hora de crise e decadencia historica. Puro sentir latino.

Insisto demais talvez nessas pequeninas e subteis distincções.

Todavia, nem sempre as causas mais superficiaes dos phenomenos literarios revelam todo o mysterio de uma individualidade.

Cada um de nós é ao mesmo tempo auctor e actor desse drama interior de nossa personalidade, que constitue o interesse da historia e o tormento da psychologia.

Em Martins, o cidadão e o artista eram um e o mesmo individuo a serviço de um ideal supremo. Toda sua Obra uma vida e toda sua vida um poema do character, uma idealização perenne de civismo. Não teve de Schiller o dom prophético a serviço de sua musa romana. De Tolstoi, a fé robusta numa religião social, destinada a purificar o mundo presente. Nem estylizou, num formalismo desencantador e secco, á imitação de Stendhal, a Arte Escripta de seus dias, confinando-a no estreito campo de uma curiosidade morbida. Nietzsche muito pouco o affectou. Renan deliciava-o sem o empolgar. Ibsen o apaixonava; mas Ibsen fazia patriotismo palavroso e propunha como solução ás misérias sociaes versiculos da Biblia.

Desses mestres da Arte Literaria do seculo não perfilhou o methodo esthetico e a philosophia da vida.

Por isso era o Daute o seu poeta querido, Hugo

o seu escriptor poderoso, Littré seu philosopho methodologico e Emilio Zola seu novellista mais amado.

A razão é simples: todos eram de linhagem intellectual profundamente latina. Uma alta finalidade os solicitava em todas as suas creações: a Verdade, a Belleza moral, as grandes visões impessoaes, acalentadoras e salutaes.

Produziu pouco. Mas agiu muito. Deu-se totalmente em corpo e alma á sua patria e nada reservou para si.

Coube-lhe, porém, a gloria de fundar uma escola poetica. A mais original, a meu ver, que o Brasil teve depois da de Conçalves Dias. Foi elle ainda quem fundou uma escola jornalistica de reacção doutrinaria, sem precedentes neste paiz; quem fundou uma escola tribunicia, de que não deixou discipulos e foi o unico instituidor.

Fez mais: criou duma só peça a disciplina de um departamento novo do Direito.

E ahí têm a Obra inteira de Martins; Obra vivida e a maior de quantas concebeu a geração literaria de seu tempo.

As outras se conhecem pela maior ou menor bagagem livresca em circulação. Nasceram das simples cogitações vulgares á producção intellectual.

A sua não se faz valer pelo numero dos volumes.

Parte della ficou-nos em fragmentos admiraveis, como os trophéos gloriosos duma batalha sangrenta. Outra parte, levou-a comsigo para o tumulo.

Nem podia acontecer o contrario; porque sua Obra se me afigura uma desaggregação carinhosa e continua de seu amor á Patria, de seu culto á Verdade, de sua fascinação pelos nobres ideaes de nossa especie.

A melhor de suas obras foi elle proprio.

Com elle perdemos a fê numa grande causa social. Perdemos o doutrinador de nobres ideaes estheticos. Seu maximo triumpho, como pensador e letrado, consistiu em ter educado a Alma Nacional na grande escola das supremas aspirações sociaes.

Tal a caracteristica de seu genio e o genio de sua Obra.

Dizendo o que com elle se perdeu, julgo ter dito qual a sua influencia na vida mental brasileira.

Numa these que é ao mesmo tempo uma antithese, giron o genio de Martins.

Pertenceu a um seculo de critica e de analyse ; mas que foi tambem o inicio d'uma phase de transição na marcha evolucionald da humanidade. Vem d'ahi toda essa febre de iniciativa do seculo XIX em todos os dominios da vida. E Martins foi principalmente, maximamente, um espirito iniciador.

No meio de sua intensa sede de verdade, quanto sonho, quanto ideal nutriu a sciencia e a arte dessa idade maravilhosa ?

Por isso a acção de Martins sobre a nova geração intellectual do paiz, foi a mais integral.

Elle, sem ser exclusivamente o artista e o pensador, conseguiu entretanto achar a regra de ouro, o dom por excellencia e a ultima modalidade de uma nação que pensa : o consorcio da Energia e do Ideal na vida pratica.

* * *

Até quando resistirá sua influencia mental ?

Essa questão ociosa não me preoccupa neste momento.

Não foi uma critica, nem uma biographia ; sim uma constatação de factos, qua se me pediu !

Bem ou mal, já o fiz.

Eu disse que a melhor obra de Martins foi o proprio Martins.

A sua glorificação posthuma é a prova do meu aserto.

Se, porém, tanto maior é a apothese do genio, quanto mais rapido será o curso de sua memoria entre os vivos.—como estamos vendo com as de Voltaire, Lamartine e Hugo,—resta-nos ainda uma consolação e um conforto.

Fez-se uma bôa acção.

Ao exemplo que deu um grande espirito, respondeu o povo com outro exemplo ainda maior, tornando-se cumplice de suas idéas e aspirações mais nobres.

Parece que o povo, sem saber nada de literatura, nem de arte, teve o instincto « adivinhatorio » desta profunda sentença de Mœterlinck no *Le Temple Enseveli*: «Le corps disparaît, mais le palais qu'il a bâti reste intact, et l'espace qu'il a conquis ne se referme pas. Or, préparer des demeures pour les vérités qui viendront, maintenir em bon état les forces qui devront les servir, faire en soi l'espace, c'est um travail qui n'est pas stérile et une œuvre à laquelle il ne faut jamais renoncer.»

Já é uma compensação para os que duvidam da justiça da historia e descrêm das convenções sociaes...

Nem por isso deixa Martins de ser um dos maiores entre os filhos dos homens, numa epoca em que é tam raro produzir um homem.

FRANÇA PEREIRA,





Celiça
A innocente filhinha de
Martins Júnior.

O ultimo poeta da Republica



ERNAMBUCO elevou-se agora á altura de seus dias mais gloriosos com as manifestações de apreço á memoria de seu filho illustre.

Deu prova exuberante de que não está morto o sentimento patriótico e de que existe ainda alguma cousa capaz de fazer vibrar a alma deste povo heroico.

Ainda bem. Pernambuco não esquece jamais o seu papel de guarda avançada da liberdade, e o demonstra sempre que seja necessario, como agora, revelar-se o incontestado factor da integração da Patria Brasileira.

Commovente, esse spectaculo soberbo de uma terra que se ergue unanime para honrar as cinzas de um cidadão, fallecido longe do berço natal,

longe dos afagos da fortuna, longe dos bafejos do poder.

A divida enorme que haviam contrahido os Pernambucanos para com a pessoa de Martins Junior começou tardiamente a ser resgatada... Ah! por desgraça, mui tardiamente: quando lhe não podemos fitar mais do que o *vanum simulacrum*, na phrase do poeta latino; e só lhe temos que admirar os reflexos do genio em seu legado scientifico e litterario, as repercussões longinquas de sua palavra apaixonada, os remotos perfumes de sua grandeza d'alma.

A terra Pernambucana sentiu-se devedora para com essa immaculada memoria, e foi rezar unisona o seu *pœnitet* ao pé do tumulo, erguido á pressa pela mão do indifferentismo egoista.

Porém ha em toda esta saudade nossa pela individualidade de Martins a vibração alta e eloquente de um sentimento mais profundo que a simples nota emocionadora da magua produzida pela ausencia eterna: ha uma afirmação solenne do principio da nossa autonomia, o testemunho da nossa vitalidade no terreno das idéas, de que elle mais do que nem um outro, foi o apóstolo e o martyr.

Facto eloquente e significativo: o que não têm conseguido as altas suggestões do interesse ao serviço da prepotencia, as intimações da força pelo cerceio das liberdades publicas e pela confiscação do trabalho honesto,—acaba de obtel-o por um milagre do sentimento um singelo phenomeno physiologico, semelhante ao desfolhar das arvores no outono: *a morte de um poeta*.

O abalo brutal duma fatalidade cruel ao ver-se privada do filho, que lhe concretizava as esperan-

ças e a crença ainda numa regeneração brasileira, esse abalo acaba de mergulhar num vasto abysmo de dôr sincera esta pequena Patria que lhe assistiu á evolução do espirito e da intelligencia, e o acompanhou solícita nas conquistas do talento, desde os bancos da escola até a cáthedra de professor, desde as tribunas litterarias até o capitolio de suas glórias politicas, desde os pipillos timidos de ave implume até os inasculos gorgeios das *Visões de Hoje*.

Porém os ultimos carinhos prestados por Pernambuco ao despojo sagrado de Martins Junior significam ainda mais do que homenagem :—crystallizam a reivindicação do mais santo dos direitos,—o direito ás lagrimas.

Esta morte abriu um parentese luminoso a todos os nossos outros males ; deixou ver, por entre a caligem uma nesga azul do ceu da democracia ; projectou como que um raio de sol incidindo na agua clara de todas as consciencias ; e revelou os thesouros escondidos no fundo da alma popular.

E a vontade do povo falou por entre as lagrimas compungidas que regaram o cadaver de Martins desde o berço dolente das vagas do oceano até o seio escuro da bôa terra dos seus Maiores.

Ninguem impediu essa expansão e ninguem poderia impedil-a ; era a unica que se nos permitia perante o momento politico e diante da terrivel realidade.

Orphão dos grandes ensinamentos moraes de Martins Junior, Pernambuco não pode furtar-se á commoção dessa perda irreparavel. E recordando-lhe o brilho do talento e a lealdade estoica por elle guardada aos seus proprios ideaes,

a Patria Pernambucana procura no vacuo a fôrma daquelle perfil de verdadeiro illuminado, e chora sua derradeira esperança, porque chora em Martins o ultimo poeta da Republica.

Setembro—1904.

CARLOS PORTO CARREIRO.





O Snr. José Zidoro Martins e sua esposa D. Francisca Martins,
paes de Martins Junior.



Martins Junior

(O JORNALISTA)



Quando ao convite que me foi gentilmente feito afim de escrever sobre a influencia de Martins no jornalismo, um dos pontos cardeaes para que primeiro desabrochou a viçosa flor do seu espirito.

Aos 15 annos, quando ainda não abrolhara o veio crystallino da sua inspiração poetica, e até mesmo a sua palavra era titubeante e descolorida dos tons arrebatadores que haviam de revestir no futuro os seus brilhantes improvisos, já o homem de letras, que elle foi, fundava, de parceria com Rodolpho Araujo, Leovigildo, Campello e Gercino Ferreira *O Progresso*, jornalzinho de estreiantes, em que a fibra do combatente ainda não está em relevo.

Na Faculdade, Martins redigiu, em companhia de Clovis e Clodoaldo de Freitas, -- *A Ideia Nova* -- periodico litterario e politico que se impoz ao meio academico pelo seguro methodo critico dos seus jovens redactores.

Era desgraçadamente o tempo em que o assombroso Tobias Barretto havia dicto, com um saibro de pessimismo não de todo isempto de verdade: -- «A candidatura do Brasil aos fóros de nação culta é um phenomeno morbido: -- alguma cousa de semelhante ao disparate dos loucos que se julgam reis».

A pobreza das letras no Recife dava lhes realmente direito a figurar na ordem mendicante dos franciscanos, com as alpercatas e o burel do uniforme.

Martins, preso ainda ás ideias de Littré,—o discípulo discrepante da *Philosophia* de Augusto Comte, começava em todo caso a formar o patrimonio scientifico destinado a ser o oasis fecundo, onde elle deveria, uma vez por outra, restaurar as forças do espirito arfante na travessia calmosa da vida.

A *Idea Nova* não foi um jornal exclusivamente politico, «contendo apenas dissertações rhetoricas sobre theses constitucionaes, e ás vezes, em paragraphos soltos, á moda norte americana, pequenas verrinas condensadas», como as folhas academicas do periodo olindense; nem tambem foi a expressão esteril do saber puramente litterario que serviu por muito tempo nas Academias de «medida intellectual por excellencia».

Corria-lhe nas arterias um sangue novo, um sopro de vida propria sob o ponto de vista da litteratura e da sciencia, correspondendo litteralmente o seu programma ao titulo suggestivo.

Martins escreveu, então, dois bons artigos sobre *A Philosophia Positiva e o seu desenvolvimento no Brasil*, reclamando para o nobre torrão pernambucano as honras da prioridade no acolhimento das novas conquistas intellectuaes da Europa.

E' um ensaio substancioso em que concomitantemente se revelam as suas aptidões incontestaveis para a imprensa, o seu criterio de pensador, o seu methodo seguro de critico e as suas tendencias inconfundiveis de propagandista.

Ao lado de Clovis ainda appareceu Martins na imprensa periodica da Academia com o *Stereographo* e o *Escalpello*, revistinhas mensaes, em que os dois ora escreviam secções destacadas, ora em commum, á guisa de Queiroz e Ramalho n'*As Farpas*.

As revistinhas não tinham o tom à *la diable* da sua familia litteraria, e, a trechos, tomavam o ar sisudo de um apostolado; os seus redactores não dispunham do humor alegre e desabctoado do famoso Edmond About, nem do pennacho vermelho dos escriptos de *Rochefort*; mas elles possuam um solido preparo philosophico a

que não se subordinou jamais o redactor da *Lanterne*, e um aferro aos seus ideaes de que não deu provas o folhetinista das *Causeries* nas seguintes palavras:—«*la republique est un bien joli gouvernement. mais qu'il faut prendre le temps comme il vient et tirer le meilleur parti possible du gouvernement que l'on a*».

E' que Rochefort nos ultimos dias do 2.º Imperio, fôra simplesmente um agitador, sem as preoccupações do philosopho, e Edmond About, na vida jornalística, foi um plethorico de saber encyclopedico discreteando sobre todos os assumptos, com um dispendio de actividade e aptidões universaes que muitos julgayam uma prova de estouvamento e leviandade; ao passo que Martins e Clovis estreiavam n'um circulo de pequeno diametro, é certo, mas havendo traçado primeiro o caminho a seguir e o ponto de chegada.

Estavamos na madrugada alviçareira de um rejuvenescimento das letras academicas, e, da idade de ouro que ia surgir pouco tempo depois, Martins seria o porta-bandeira do corpo discente, quando Tobias Birretto houvesse de abater com as armas da sua ironia demolidora a arvore dos preconceitos doutoraes.

De facto, em principios de 1883, reconhecendo a necessidade imprescindivel de grupar n'um cenaculo escolhido as forças dispersas da juventude estudiosa, o poeta das *Visões*, resolve empenhar-se na fundação de um jornal que, representando o espirito da Academia, se dirigisse, entretanto, ao grande publico.

Não podendo, porém, a empresa viver, sómente da intelligencia superior de Martins, porque o dinheiro é em tudo um elemento indispensavel, Francisco Cappello promptificou-se a fazer, á sua custa, a montagem da typographia, e o auctor d'estas linhas, aproveitando-se das suas relações no interior da provincia, offereceu o concurso de assignantes pagadores.

Destruídos os impecilhos, surgiu a *Folha do Norte*, jornal que, sendo sisudo na obediencia ao seu programma, não excluia a casquinada e a troça de rapazes, quando era preciso rir do ar serio e grave de politicos que representavam na scena dos partidos nacionaes a caricatura dos estadistas inglezes.

A imprensa do Recife n'aquelle anno da graça, era

um pouquinho mais, na forma e no conteúdo, do que as *acta diurna*, de Roma:—alguma cousa menos reduzida do que as *Notizie scritte* que no seculo XVI o governo veneziano mandava ler nas praças publicas para dar conta ao povo das guerras com a Turquia; um kágado menos moroso do que a *Gazeta de França*, ao tempo de Luiz XIII e de Richelieu, dando novas de Constantinopla, de dois em dois mezes, e inserindo correspondencias de Vienna com trinta dias de atrazo, tudo isto dentro das suas nove pollegadas de altura, aos sabbados.

Mas se o confronto que acabo de fazer com os tres specimens citados dá a virente palma da victoria á imprensa do Recife, devo dizer, no entanto, por um certo pudor de chronista, que as vantagens não iam muito além.

Estavam, então, na liça o *Diario de Pernambuco*, o *Jornal do Recife* e o *Tempo*, n'aquelle periodo tres alçados das lettras de fôrma.

O *Diario*, mudava, como o camaleão, de côr, reflectindo as *nuances* do governo, e *mourejando*, segundo uma phrase sua que a brejeirice dos criticos tornou celebre, em *radigosas lides*: o *Jornal* entrara no pleno dominio da tesoura misericordiosa que lhe fazia as despesas quotidianas; e o *Tempo* gaguejava todo o santo dia o breviario do seu partido na prosa chouteira dos obsecados.

Não havia quasi serviço telegraphico na imprensa e o noticiario era mirrado como os atuns seccos.

Toda ella coloria-se com o verniz do bom senso beato que é o pae espirital do *primo vivere*, sem que, em todo caso, excluísse as referencias ignobeis e as chanfretas de capadocio nas sarrafuscas pessoases.

A *Folha do Norte* veio, portanto, preencher uma grande lacuna creando no Recife o typo espirituoso e alegre do jornal moderno.

Nas suas columnas Martins abriu uma tenda espacosa aos da litteratura, em todas as suas modalidades, aos da sciencia, nos seus diversos ramos, e aos que desejassem ter livres expansões na politica.

A tolerancia era um lemma da sua bandeira, sem que Martins abrisse mão dos seus direitos de critico

litterario ou scientifico sempre que as opiniões sustentadas por seus collaboradores fossem de encontro ás boas doutrinas.

A *Folha* reuniu sob o seu tecto, n'um cenaculo brilhante, a fina flôr da juventude academica, e alli estreiraram muitos talentos que estão hoje brilhando nas letras patrias. Teve tambem a collaboração de Tobias Barretto, José Hygino, Souza Pinto, Clovis Bevilaqua, Cyridião Buarque, Arthur Orlando, Ayres Gama, Virgilio Brigido, Clodoaldo de Freitas, todos, ao tempo, figurantes na vida publica.

Discutia politica, de um ponto de vista superior, sem preoccupações rasteiras de campanario; discretaava com sisudez sobre a escravidão e as finanças; punha o ferro em bráza nas chagas vivas da monarchia; denunciava o analphabetismo e o *laissez aller* das classes directoras da sociedade brasileira; mas abria valvulas de respiração aos competentes de todas as procedencias, e ria, com o bom riso da saúde, de tudo o que era comico.

Desde as tragedias até as pantomimas do governo, tudo passava pelo crisol de sua critica.

Republicana, verberou a cobardia com que militares armados e em grupo assassinaram o infeliz jornalista Apulchro de Castro; abolicionista intransigente, não tinha odios á lavoura, e ao contrario, reclamando medidas que assegurassem o regimen do trabalho livre, concluia: « E' preciso resolver a questão abolicionista, de maneira que, reparando uma falta do passado, não tenhamos de commetter uma outra contra o futuro. »

Ainda estava nos nevoeiros dos factos porvindouros o gabinete Dantas e o generoso movimento em prol dos captivos, em Pernambuco, foi iniciado na *Folha do Norte*.

Até então o *Club Abolicionista* se restringia a solemnizar o 28 de Setembro com as cartas de liberdade obtidas á custa do fundo geral de emancipação.

Martins abriu na imprensa uma verdadeira campanha pelos escravos e os protestos echoaram dentro e fóra do recinto da Faculdade.

Era a primeira vez que em Pernambuco se discutia com tanto desembaraço a questão irritante que

ameaçava o Recife de um assalto dos cannaviaes, como, na tragedia de Shakespeare, a floresta, segundo o aviso das feiticeiras, deveria mover-se no dia em que Machbet estivesse perdido.

Entretanto, a semente lançou raizes.

Na Academia os *clubs* e as sociedades emancipadoras pullularam. Desde o *Club Ceará Livre*, de que eu tive a honra de ser o orador, até a *Emancipadora Piauhyense*, os rapazes, reunindo-se em colonias, conforme as provincias do seu nascimento, entravam na liça, armados de todos os enthusiasmos juvenis.

Tão suggestivo quanto esse movimento piedoso da juventude, foi, no mesmo periodo, a creação da *Ave Libertas*, composta de um gentilissimo grupo de senhoras das mais distinctas familias pernambucanas.

E desde que o elemento feminino, com a delicadeza dos seus affectos e a volatilização do seu perfume, entrava em campo, podia-se dizer que a hora da abolição se approximava.

Entretanto, não foi este o unico beneficio trazido pela *Folha do Norte* ao meio pernambucano.

Os moldes velhos do jornalismo foram completamente alterados n'aquelle jornal. Era o tempo em que o *Diario* não admittiria, por interesse algum, do mundo, que os garotos o andassem apregoando pelas ruas; e quem o quizesse comprar teria de ir ao seu escriptorio buscal-o respeitosamente, a 320 rs. o numero.

A *Folha do Norte* annunciou-se um jornal barato, para todas as classes, a 40 rs, como um prato de sabor predilecto a todos os paladares, offerecendo aos seus leitores o maior numero de informações uteis, ao envez do *Diario* que era o orgão do governo e o informante exclusivo das classes abastadas, em cujo gremio era recebido com o chapéo na mão.

No seu artigo programma dizia não ser orgão de partido, *coterie* ou grupo de qualquer natureza; não vir á luz para defender este ou aquelle interesse designado; não ter compromissos com individuos ou corporações, nem se propor a fazer propaganda de um certo numero de ideias assentadas de antemão: e terminava declarando acreditar nas forças impulsivas do jornalismo no tocante á evolução humana.

Era o jornal moderno, encabrestado apenas pelos escrupulos da intelligencia e do character do seu redactor chefe.

Por isto, ao meu ver, Martins annunciou-se jornalista na *Folha do Norte*, dirigindo a opinião com um criterio que a muitos pareceria incompativel com a sua idade e os seus tons romanescos de poeta.

Morto aquelle orgão, após dezeseis mezes de vida gloriosa, o seu redactor chefe não esmoreceu, e algum tempo depois escrevia no *Jornal do Recife* brilhantes artigos, sob o titulo *Na Brecha*.

N'esse periodo de collaboração encontramos ainda na mesma columna, discutindo assumptos palpitantes de actualidade.

A phase dos seus concursos na Academia, no intuito louvavel de obter uma cadeira de mestre, affastou-o da imprensa e deu ao seu espirito operoso a atmosphera do gabinete, onde a planta preciosa do seu talento deveria fortalecer-se com o humus poderoso do Direito.

Quando em 1889, elle fundou o *Norte*, não poderia dizer, como nos bons tempos da *Folha* citada, que não representava grupos nem *coteries*. Era um jornal de partido, preso ás conveniencias e aos odios. Foi um meteoro pelo seu brilho e rapida passagem e não chegou a ver a terra da Promissão, porque fez ponto dias antes do 15 de Novembro.

No actual regimen, Martins escreveu para o *Jornal do Recife*, na qualidade de seu redactor chefe, alguns artigos no periodo de um anno, brilhantes na forma, mas sem o calor de outros tempos. E' que o seu temperamento delicado e affectuoso não se coadunava com o estylo que precisasse tirar sangue da reputação alheia no bico da penna. E o fogo das paixões partidarias não permittia no momento outro alvitre.

O mesmo succedeu na *Gazeta da Tarde*, onde a sua collaboração pessoal foi escassa, deixando ás mais das vezes a outros a incumbencia irritante da troca de doestos.

São de sua lavra n'esse orgão vespertino os artigos contra o Governador Barbosa Lima, publicados depois em folhetos, bem como uns outros em defesa

de sua coherencia, quando accusada por um seu ex-correligionario.

Ao tempo em que eu fui director d'A *Concentração*, Martins era um dos chefes dos partidos pernambucanos á sombra d'aquella bandeira.

A folha começara com uma redacção de grande valor intellectual e, em sua maioria, acostumada a escrever *au jour le jour*.

Como succede, quasi sempre, a redacção foi decrescendo em enthusiasmo e em numero, no correr dos dias. Restavamos eu e Adelino Filho, que se bateu ao meu lado até o ultimo dia de combate.

De uma vez, Adelino retirou-se da cidade e eu adoeci gravemente, sem que tivéssemos substituto.

A folha sahio pobre durante alguns dias, deixando as questões á margem. Quando eu desci pela primeira vez á rua, na convalescença, encontrei Martins, e tive meios de leval-o até o escriptorio da redacção. Pedi-lhe que escrevesse alguma cousa para o dia seguinte, e, como a hora estivesse adiantada, o meu nobre amigo, sentando-se á minha mesa, traçou alli mesmo, rapidamente, um artigo vibrante.

O editorial causou sensação, e aos que me procuraram depois da folha publicada no intuito de dar-me parabens, eu tive de descobrir o auctor para não me enfeitar com as pennas da aguia.

Conto esse incidente caseiro de um jornal, no proposito de mostrar que Martins foi verdadeiramente um jornalista, porque dispunha da facilidade de produzir, sem que esquecesse as linhas do programma e o ponto de vista da arte.

E' preciso não confundir o que faz simples chronicas, cheias de ironia e de torceios da phrase, no seu gabinete, Anatole France ou Jules Lemaitre, com o jornalista, o que escreve de um jacto a sua tarefa, quando a figura sinistra de administrador da typographia lhe vem dizer que o jornal precisa do artigo de fundo, á hora de ter começo trabalho da paginação.

Por isto, eu digo que Martins não foi um simples chronista.

Com a maleabilidade de espirito necessaria para fazer todas as secções do jornal, desde a noticia ao

folhetim, dos versinhos picantes ao solemne artigo de fundo, tudo isto arranjado nos impetos da improvisação, sendo preciso, eu julguei-o sempre um jornalista no sentido tecnico do termo.

Ao jornal deu elle os primeiros rebentos do seu espirito, a fibra superior do seu patriotismo, a limpeza da sua alma nas grandes noitadas da imprensa.

Soldado heroico da propaganda, foi nos desvãos do prelo que elle armou o seu reducto, e d'alli elle fez as melhores pontarias contra o regimen decahido.

Tinha talento, e, sobretudo, a fortaleza do caracter—o que eu considero as qualidades primaciaes do jornalista.

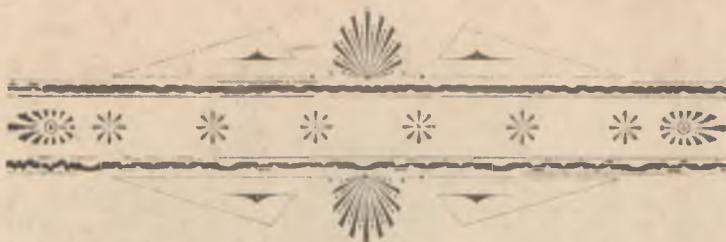
Por isto, a imprensa foi o terreno em que elle reuniu adeptos fervorosos, systematizou os seus principios, fez-se director da opinião, esgrimiu de maneira fidalga as armas com que defendeu brilhantemente os ideias modernos.

Nos dias da mocidade ruidosa, no periodo primaveril da alma e da saúde, em que eu fui seu companheiro de jornalismo, elle, na ascensão victoriosa da intelligencia, pregava o evangelho da Patria aos do seu tempo, em vez de ensinar, como diria Jules Simon, o scepticismo aos ephébos.

D'ahi, porventura, o carinho commovente com que a imprensa de todo paiz tem feito essa piedosa romaria ao seu tumulo, cantando-lhe, n'um côro magestoso, o hymno triumphal da immortalidade.

PHAELANTE DA CAMARA





Martins Junior



Derradeiros Vôos

(Poesias ineditas)





*Cherubim de minh'alma
Vamos voar ?...*

Tobias Barretto

*Pintam o amor alado e eu não lhe vejo as azas,
Tendo amor, muito amor...
Se Elle as tivesse... então teríamos voado
Ha muito, minha flôr!*



A bordo...

(Durante uma viagem por mar.)

*Escarnecem de mim o mar e a noite,
Riem de mim o céu profundo e a lua,
Zomba o vento de mim no seu açoite
E gargalha-me em face a vaga nua.*

*Veem que eu prefiro as vagas do teu seio,
Do teu cabelo a noite luminosa,
Do teu olhar a luz misteriosa
E o teu halito bom, de aroma cheio...*

*E vingam-se, crueis... Quizera eu ter-te
Agora junto ao peito que me estúa,
E zombara também, só por querer-te,
Do mar, do céu, do vento cru, da lua!*





Noites de ausencia

1^a Noite

*Tudo negro na terra e na minh'alma! Desce
Sobre mim o negror de uma saudade enorme
Que attinge ao desespero e que cresce, que cresce,
Que agrilhôa, que dóe, que tortura e não dorme!*

2.^a Noite

*Cahe a chuva lá fóra e estende-se a neblina
Pelos montes de alem, pelas desertas ruas,
Em minh'alma tambem, como cruentas púas,
Chovem tristezas mil e a saudade ferina!*

3^a Noite

*Ella escreveu-me... Emfim a luz fez-se em meu peito
E parece que o céu deixou de ser escuro.
Já não sinto que cahe o temporal desfeito,
Dóe menos minha dôr e tudo é branco e puro!*

4^a Noite

*Como me bate alegre o coração! Lá fóra
Pode tudo morrer na sombra e na tristeza,
Ella por sua vez tem saudades e chora...
Como a noite está clara e cheia de belleza!*



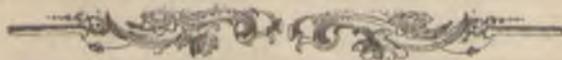


Se azas inda possues, alma! podes abril-as
Pela azulea amplidão dos sonhos encantados!
Podes sorver a luz que reverdece os prados,
Podes mirar dos céos as rufilas pupillas!

Podes librar-te, exul, podes cantar gloriosa,
Podes ter força e fé, podes illuminar-te
Com o sereno clarão da nobre lua d'Arte
E pairar, e viver na esphera radiosa

Da creadora Illusão! Tu resurgiste, ó alma!
Tu sahiste do pó, da modorra, da morte,
E vibras dentro em mim como ao tufão a palma!

Já me sinto viver de novo como um forte,
Já não me afundo mais em somnolenta calma:
Tenho ambição e amor, tenho idéal e norte!





Num cartão postal

(A pedido do Bilac.)

*Como em circo romano o athleta subjugava
Em contorsões de musculo as feras da Iduméa,
— Na idéal arena d' Arte hei de eu fazer escrava,
Presas ao nervo do Verso, a implacavel Idéa!*

1902.



Cartão Postal

A. Mme. Souza Bandeira.

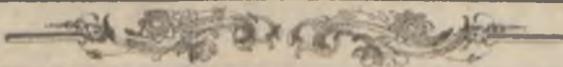
*Na gaiola gentil deste cartão, apenas
Caberia, se tanto, um beija-flor dourado;
Nunca o passaro exul do Verso atormentado
Que do meu Idéal esvoaça nas gehenas!*

Agosto—1903.





*Nesta estrada sombria uma só luz avisto
Que meu incerto passo alumia e orienta.
— É fogo fatuo exul? Ou astro que fermenta?
É vagalume? é sol? é santelmo?... Desisto
De sondar-lhe o fulgor, de examinar-lhe a essência..
— Mariposa febril, vou morrer-lhe na ardência!*





*Podem perante mim passar todas as glórias
Da belleza e do fausto, esturdias ou serenas,
As historias do amor, do amor as mil historias...
Ah! tudo passará! Ficarás tu apenas!*

*Ficarás como um sol dominando um planeta,
Ficarás como um céu arqueado sobre um mundo,
— C mundo de minh'alma estridula, inquieta,
— C planeta do amor luzindo em céu profundo!*



Recife, 22 de Setembro de 1904

O Correio Acadêmico

Numero especial consagrado à Memoria de Martins Junior

Assignatura

REDACTOR

Publicação

Gratis

J. E. da Frota e Vasconcellos
Bibliothecario da Faculdade de Direito.

BIMESTRAL

Martins Junior



Hoje como hontem, amanhã como sempre, repercutirá dolorosamente a noticia da morte do notavel brasileiro Dr. José Izidoro Martins Junior.

Ha mortos que passam depressa, cuja memoria se apaga com brevidade no lusco-fusco da distancia; outros ha cuja recordação, apesar do fluxo e refluxo do movimento social, mais

se intensifica em nossas memorias e em nossos corações.

Aquelles que souberam aproveitar a existencia em prol de existencias alheias, que viveram exclusivamente para o Bem e para o Bello, legando aos do seu tempo e aos da sua Patria, lições e exemplos edificadores, certamente, continuarão a viver a vida subjectiva nos recessos do ser moral de cada um de nós.

O Dr. Martins Junior, a quem a *Cultura Acadêmica* rende hoje inteira homenagem de Justiça e Amor, está nessas condições.

Em todos os departamentos da actividade humana, em todos os terrenos onde o homem pode distribuir o ouro do cerebro e o arminho do coração, o glorioso pernambucano extincto deixou os maiores documentos de cerebral e de affectivo inextinguíveis.

Poeta, orador, jurista, philosopho, jornalista, mestre, politico—Martins Junior foi, como raros o têm sido, um dos vultos mais salientes do nosso Paiz.

E' que elle tinha as *qualidades immortaes* de que falava

Schelling, as quaes só possuem os *cleitos*, os continuadores da obra dos ancestraes illustres—vivos sempre no espaço e no tempo.

E' difficil, e muito, quando rareiam os espiritos superiores. --devido não só ao crepusculo da nossa raça como tambem á infelicidade da direcção que se está imprimindo em a nossa educação moral, esthetica e civica, encontrar-se uma organização intellectual igual á d'elle, capaz de resistir impavida e serena aos embates d'uma sociedade em via de dissolução.

O Dr. Martins Junior foi um dos raros do Brasil do nosso tempo, razão pela qual o maior elogio que se lhe pode fazer é o seguinte : aquelles que almejam ser puros e grandes leiam os seus livros e sigam os seus exemplos.

Na Capital Federal

A morte de Martins Junior realizou-se no dia 22 de Agosto, depois de 19 dias de uma molestia rude e traiçoeira. Adoecido no dia 3 de Agosto, foi medicado pelo Dr. Fajardo que diagnosticou pneumonia dupla. Tres dias depois foi chamado o Dr. Azevedo Sodré, que combinou com o tratamento proporcionado pelo seu collega e mais tarde o Dr. Carneiro da Cunha que tambem se mostrou de completo accôrdo com o tratamento seguido. Como, porém, a molestia augmentasse progressivamente, tornou-se necessario, em virtude de telegramma da familia do Dr. Martins Junior, chamar o Dr. Joaquim Murтинho, que, como sabemos, nada conseguiu infelizmente. Afinal, no dia 22, cerca-

do de seus mais intimos amigos, veiu a expirar. O Dr. José Marianno, que estava á cabeceira do enfermo, poz-lhe a vela na mão, no momento em que exhalava o ultimo suspiro.

Logo em seguida á morte do Dr. Martins Junior chegou a sua residencia o Dr. Quintino Bocayuva, que poz á disposição dos seus amigos e parentes não só os seus prestimos pessoaes como tambem os do *Paiz*.

Ao propalar-se a noticia da morte do egregio republicano, começou a afluir para a rua do Riachuelo, grande numero de pessoas, amigos politicos, admiradores, etc.

Ficaram velando o cadaver os Srs. Drs. Sampaio Ferraz, Joaquim da Silva Rocha, capitães Rodrigues Junior, J. Manoel Alves, Dr. Alberto Maia, Diaulas de Abreu. Joaquim Tassura, Dr. João Rodrigues da Costa, Jeronymo Lessa, Drs. Arthur Maracajá, Euclides Quinteiro, Jesuino Gusmão e João Wanderley.

Por autorização do ministerio da Guerra, o corpotinha de ser depositado, até o dia do embarque para Pernambuco, na capella do antigo arsenal de guerra.

A trasladação da rua do Riachuelo para o Arsenal revestiu-se da maior imponencia.

O corpo do Dr. Martins Junior vestido de casaca e botinas de verniz foi collocado em um rico ataude de arariba com meia tampa de crystal.

A's 5 horas da tarde foi o ataúde retirado da sala de visitas, transformada em camara ardente, e levado até a porta da rua pelos Drs. Lima Drummond, Rosa e Silva, Lauro Sodré, J. J. Scabra, Quintino Bocayuva, Leonel Loreti, Luna



Após o desembarque — Condução do corpo para a Faculdade de Direito



Freire, Edmundo Muniz Barreto, Floriano Pinto, Euclides Quinteiro, e alguns outros.

O extenso prestito começou a pôr-se em movimento logo depois de collocado o corpo na carreta que vinha abrindo o cortejo: logo após a banda de musica do corpo de bombeiros e pessoas carregando grinaldas. Seguia-se o coche funebre, puxado a seis cavallos, trajando os cocheiros libré a Luiz XV. Fechava o prestito a banda de musica do 3.^o batalhão da brigada policial.

A's 6 horas e 10 minutos o prestito chegava ao Arsenal, sendo recsbido o corpo pelos officiaes da Administração, composta dos Srs. coronel Candido Jacques, major Rego Barros, capitães Telles Pires e Xavier de Britto, tenentes Costa Filho e Deschamps Cavalcanti, alferes Sant'Anna Benthemulere Durval de Abieu e Bustamant, que o conduziram até o catafalco erguido na capella do Arsenal.

Ahi, depois de collocado o esquife sobre o catafalco, falou o Dr. Lauro Sodré, que fez o panegyrico do illustre morto.

Durante varios dias ficou o corpo depositado na capella, velado dia e noite pelos seus amigos, até que, afinal, se cambinou o embarque no *Maranhão*, paquete da Companhia Lloyd Brasileiro.

No dia 29 foi o corpo entregue pelos Srs. Bellarmino Carneiro, José Marianno, Leopoldo Cirne, capitão Rodrigues Junior e Manoel Alves, a commissão designada para recebê-lo que se compunha dos deputados Pernambucanos Drs. Bricio Filho, Moreira Alves, Julio de Mello, Herculano Bandeira,

Pedro Pernambuco e Pereira de Lyra.

Depois de fallarem os Drs. José Marianno, que pronunciou uma brilhante allocução sobre a vida nobilissima do morto querido, Pereira de Lyra, Euclides Quinteiro e Thiago da Fonseca, poz-se o prestito em marcha.

Para bordo do Maranhão foi o corpo trasladado pela lancha *Tayuly* do Arsenal de Guerra, acompanhando-o os Srs. Drs. José Marianno, Euclides Quinteiro e Luiz Benedicto Ottoni, Armando Pereira, Francisco Coelho, Menezes Prado, Francisco Bastos Mello, Joaquim da Silva Rocha e Jarbas Loreti.

A's dez e meia atracava a lancha no *Maranhão*, ao tocar de commovente marcha funebre, sendo o esquife transportado pelo pessoal de bordo, para a camara ardente armada no primeiro camarote de boreste.

Falou nessa occasião o Dr. Moreira Alves, deputado, que fez o elogio do Dr. Martins Junior, seguindo-se-lhe com a palavra os srs. Jarbas Loreti e Augusto Macario, e deixando de fallar um Academico commissionedo pela Faculdade de Direito, pois o paquete tinha necessidade de por-se em marcha.

No congresso

Logo que chegou a noticia da morte do eminente republicano á Camara dos Deputados,, o Dr. Barbosa Lima, que se achava discutindo o projecto de reorganisação naval, suspendeu o seu discurso em homenagem ao grande morto.

Em seguida o Dr. Pereira de

Lyra, deputado de Pernambuco, manifestamente commovido depois de orar algum tempo salientando os dotes peregrinos que exornavam a sympathica individualidade do Dr. Martins Junior, terminou que fosse lançado na acta um voto de pezar por tão luctuoso acontecimento.

O Dr. Moreira Alves, secundando o seu companheiro de bancada, pediu que a Camara não sómente lançasse um voto de pezar, como também suspendesse a sessão e enviasse uma commissão para representá-la no enterro.

Em ultimo lugar o Sr. Oliveira Figueiredo, em nome da bancada fluminense, rememorou os grandes serviços prestados pelo Dr. Martins Junior ao Estado do Rio de Janeiro, ao lado de Quintino Bocayuva, na qualidade de secretario do interior.

Logo depois, approvados alguns requerimentos foi levantada a sessão sendo nomeada para acompanhar o enterro a seguinte commissão: Moreira Alves, Oliveira Figueiredo, Eduardo Ramos, Paula Ramos e Homem de Carvalho.

O senado em sessão de 23 de Agosto deliberou inserir na acta um voto de pezar profundo pela morte de Martins Junior. Requereu-o Dr. Rosa e Silva pronnunciando as seguintes palavras: «Sr. Presidente V. Exc. e o Senado já tem sciencia do golpe pungente que feriu o estado de Pernambuco, a Patria e a Republica, fallecendo hontem victimado por atroz pneumonia, o benemerito propagandista da Republica, o Dr. José Izidoro Martins Junior.

Naõ me proponho fazer o historico dessa fulgurante exist-

tencia. Moço ainda, o Dr. Martins Junior já era um nome feito na politica, nas letras e na sciencia.

Venho apenas pedir ao Senado o voto de sua homenagem ao grande morto, que tanto honrou a Patria quanto elevou o nome Pernambucano. Requeiro que seja inserido na acta um voto de profundo pezar pelo infausto e prematuro passamento do preclaro pernambucano, a quem a Patria e a Republica devem inolvidaveis serviços, prestados com talento, brilho, aenegação e patriotismo inexcediveis.»

O requerimento foi unanimemente approvado.

Durante a Viagem

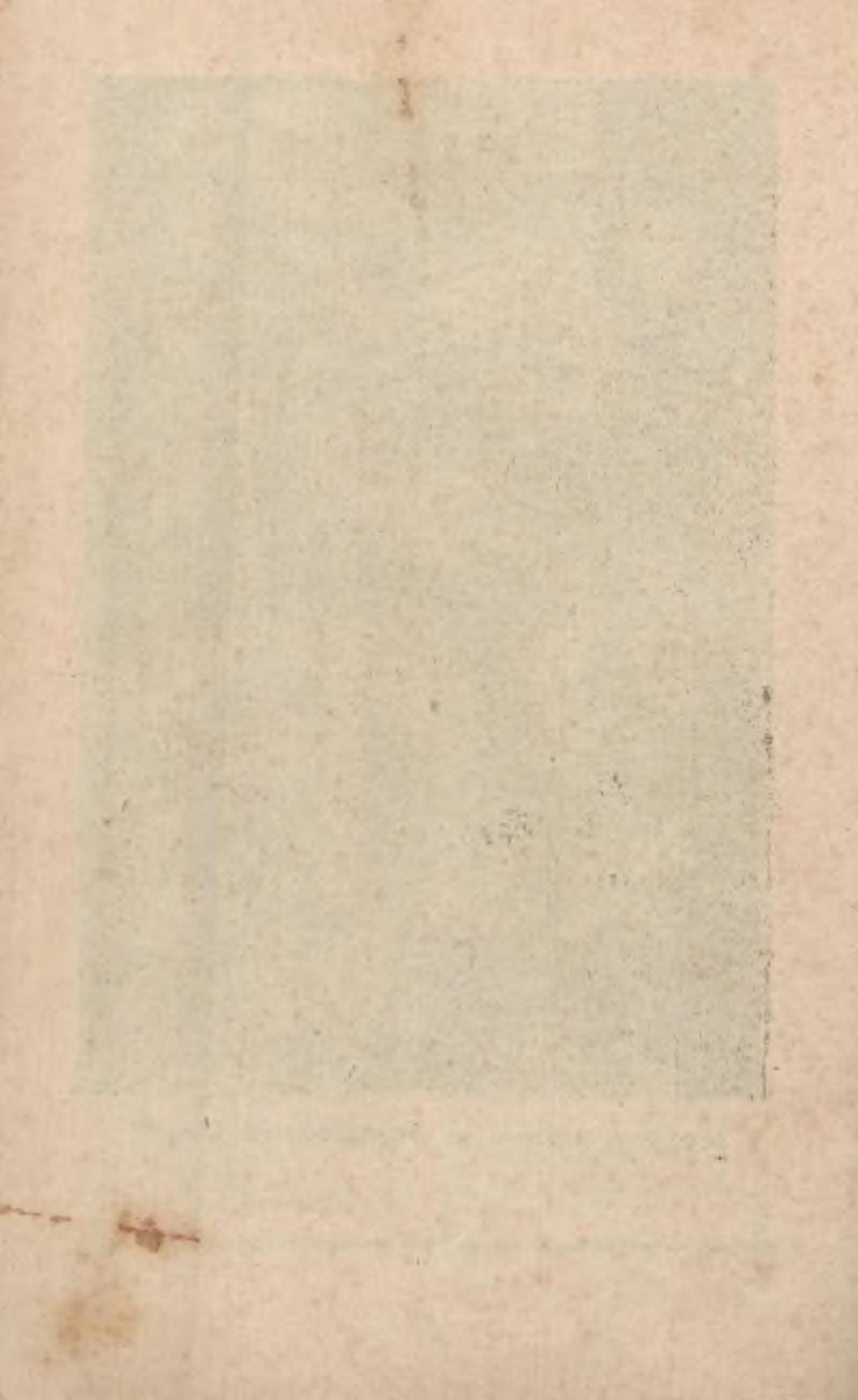
As manifestações de pezar que acompanharam a morte de Martins Junior, não se limitaram exclusivamente ao Rio de Janeiro, onde seu nome ficou brilhando eternamente.

Em cada um dos portos, onde tocava o paquete conductor do corpo do eminente republicano, era de ver a extraordinaria romaria de todas as autoridades superiores, civis e ecclesiasticas, representantes da imprensa, etc. No Espirito-Santo, durante as poucas horas que o «Maranhão» demorou no porto, foi constantemente visitado.

Na Bahia, desde o momento em que ancorou o navio, uma multidão immensa affluia n'uma infinidade de escaleres, lanchas e saveiros para ver uma ultima vez os despojos d'aquelle que, tantas vezes em suas consecutivas viagens, consagrava sempre horas preciosas em visitar a Princeza das Montanhas.



Camara ardente na Faculdade de Direito.



Todos se sentiam compungidos perante o morto illustre, tam cedo roubado a gloria de sua terra, e, involuntariamente, deixavam rasar-se os olhos de lagrimas ante a imponencia d'aquella manifestação posthuma tributada a uma das figuras mais vultuosas nos dominios das sciencias e letras brasileiras. A Colonia pernambucana da Faculdade de Medicina foi deplor, cheia de respeito, sobre o feretro de seu compatricio inolvidavel as homenagens de sua admiração.

A's 4 horas largava o «Maranhão» em demanda de Maceió, onde se reproduziram as mesmas visitas, cheias de tristeza e compunção.

A redacção do «Gutemberg» mandou por um dos seus representantes, depositar um bellissimo ramo de flôres artificiaes sobre o esquife do grande mestre: o *Club Radical Pernambucano* tambem se fez representar por meio de um de seus membros.

No dia seguinte ancorava o *Maranhão* no porto do Recife, aguardado ansiosamente por todos quanto tiveram o prazer supremo de conhecer pessoalmente ou por tradição os inexcitaveis serviços prestados á Patria, por quem sempre trabalhou e por amor de quem consumiu a melhor de suas energias.

Ancorado o navio ás 7 horas da manhã, somente ás 10 horas poude ser feito o desembarque na flotilha offerecida gentilmente pelo *Club Nautico*: durante as poucas horas que precederam ao desembarque, velava o cadaver a commissão mandada ao Rio pela Academia de Direito e Club Academico, composta dos snrs. Araujo Jor-

ge, Layette Lemos e Carlos Pentes.

NO RECIFE

A penna não pode bosquejar, dar uns *longes sequer*, do que foi a apothese feita por esta gloriosa terra ao seu glorioso filho - Martins Junior.

Ha acontecimentos tão extraordinarios na vida de um povo, que embora se procure por meio da palavra escripta ou falada dar uma idea do que elles foram — não se consegue nem mesmo tocando aos cimos do exaggero !

A apothese de Martins foi um acontecimento inenarravel, representou uma excepção no meio das manifestações posthumas trabalhadas em homenagem aos nossos mortos immortaes !

Pernambuco deu grandes provas de carinho e amor ante os tumulos de Nunes Machado, Severino Barbosa, Maciel Pinheiro, José Maria, Aprigio Guimarães e Paulo de Arruda, mas, a nenhum destes deu mais do que ao inexecucido poeta das *Visões de Hoje* !

A imprensa de todo Paiz sem distincção de cor politica, os homens publicos notaveis em todos os sitios do saber humano, curvaram-se, religiosamente, ante a memoria do jurista da *Historia do Direito Nacional*.

Soluçou em toda Patria um gemido só, todos os corações brasileiros fundiram-se n'um só coração, todos os cerebros estreitaram-se n'um só cerebro: — houve, portanto, um só

sentimento e um só pezar nacional!

No dia 22 de Agosto, ás 2 horas da tarde, um telegramma descido do Rio de Janeiro, afirmou aos filhos desta terra o perecimento do grande Pernambucano!

Vimos, com os olhos cheios de lagrimas, o quanto impressionou a noticia de desgraça tamanha, pois, por encanto, todo Recife nada mais fez n'aquelle dia do que commentar amarguradamente o luctuoso facto, que encheu de tristezas profundas uma população inteira.

Na Faculdade de Direito o lente Dr. Phaelante da Camara ao lado do Director Dr. Joaquim Tavares tomou as providencias necessarias em semelhante emergencia; reuniu aquelle os estudantes afim destes reclamarem o cadaver do Mestre extincto, alvitre que foi abraçado pelo Director da Faculdade, o qual sem demora telegraphou ao Sr. Ministro do Interior em nome dos corpos docente e discente, communicando-lhe o desejo da mocidade academica e dos collegas do morto-querido.

Immediatamente, o Dr. Phaelante da Camara acompanhado dos academicos de Direito chegou ao Palacio do Governo, e pediu ao Dezembargador Sigismundo Gonçalves para telegraphar tambem aos Poderes da União, afim destes autorizarem o embalsamamento do cadaver do adorado Martins e prestarem-lhe as considerações funebres a que tinha direito como um dos maiores vultos da Republica.

O Governador do nosso Estado in-continenti attendeu á com-

missão solicitadora, dizendo-lhe merecer Martins Junior toda a veneração de sua Patria.

A partir d'ahi, a imprensa indigena, as associações de toda a natureza, todos os filhos desta terra—desde o intellectual até o operario, desde o dinheiroso até o homem do povo -- começaram unisonos, n'um crescendo de sempre, a dar áquelle que tão cedo partira— a *aguia morta*—na phrase do brilhante Carlos Porto Carreiro, as maiores provas de Amor e Justiça.

A alma de Pernambuco tinha, naquelle momento, apenas uma vibração, esquecera todos os sentimentos que lhe esmaltam o amago, para só vibrar, para só sentir—a Dôr causada pela morte do seu filho adorado que lhe soubera adorar sempre!

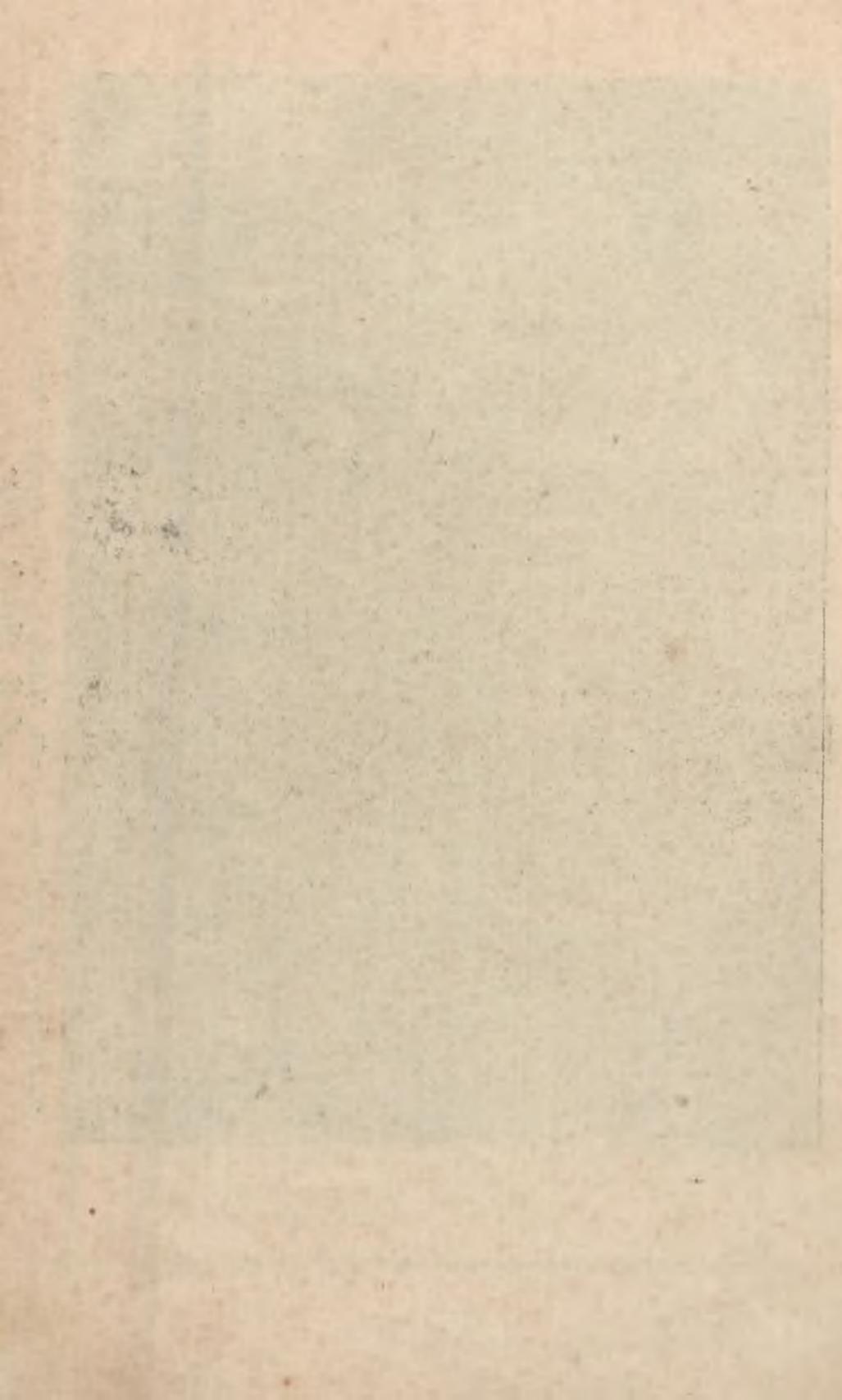
No dia 3 de Setembro do corrente mez, depois de atravessar o mar que o embalava quatro dias com a musica de suas vagas, chegou a esta capital o corpo de Martins transformado pela sciencia medica n'uma estatua; ao vel-o, o nosso amor julgou, que das quatro taboas do feretro onde jazia, seria tirado e conduzido para uma praça publica, afim de representar erecto e terso---o symbolo da Verdade!

Não ha pincel que debuxe, não ha buril que delinee, não ha penna que rascunhe, a imponencia da trasladação do corpo do *morto sempre vivo*--do caes do pateo do collegio para o salão nobre da Faculdade de Direito transformado em camara ardente!

Foi supremamente doloroso



*Na Faculdade de Direito por ocasião de sair o prestito funebre e quando orava o bacharelado
A-S. Araujo Jorge*



mas, foi tambem supremamente bello, aquelle acto !

Entre a massa compacta formada pelo povo, que, de chapéo na mão, abrija alas, subiu os degrãos da escada da Faculdade de Direito, e logo depois os do catafalco armado no salão nobre, o corpo do valoroso propagandista da Republica-guardado num feretro custoso, o qual era envolvido carinhosamente pela bandeira nacional.

Um silencio profundo se estabeleceu então, e do seio desse silencio magestoso ergueu-se a voz do Dr. Jarbas Loreti, que, naquelle momento inesquecivel, entregou á Faculdade de Direito, em nome do Rio de Janeiro, os despojos queridos de tão querido extincto.

O silencio vinha de ser perturbado pelo psalmo das lagrimas !

Ao Dr. Jarbas Loreti respondeu o Director da Faculdade, Dr. Joaquim Tavares, que com a magestade dos seus cabellos brancos e superioridade do seu espirito de escol—jurou guardar os despojos do Pernambucano que lhe eram confiados até o momento da partida para o tumulo.

Desse dia até o dia seguinte, quando chegou a grandeza de Pernambuco perante a grandeza do morto tão amado.

Ao chegar elle ao tumulo—o sol atufou-se no occaso, e começou a chover :—a natureza chorava, acompanhava-nos no pranto !

Ao ser collocado no *ultimo pouso* do poeta, fallaram : Dr. Bianor de Medeiros, Dr. Arthur Muniz, Orris Soares, Dr. João Teixeira, Ulysses Vianna Filho, Antonio de Góes, Dr. Jarbas Loreti, Charles Koury, Dr. Aristarcho Lopes, Dr. Feliciano Gomes, José de Barros Lima, Alcebíades Lima, Renato Phaelante

gregação comprehendeu que era impossivel lhe dar o *ultimo adeus* no salão nobre, resolveu conduzir para a praça publica a tribuna destinada ao seu orgão. Ahí, ao ar livre, o Dr. Phaelante da Camara em nome dos seus collegas, acompanhado por uma orchestra de violinos á surdina pronunciou um discurso esculptural como os sabe burilar a sua penna privilegiada. Em seguida, representando o corpo discente, falou o bacharelado Arthur Araujo Jorge—um dos maiores da geração academica do seu tempo—que do alto da tribuna com a sua cabelleira revolta, o seu *pince-nez* de vidros de crystal, fez-nos recordar Martins com a sua phisionomia *sympathica* e attra-hente.

Depois das duas orações, seguiu caminho do cemiterio de Santo Amaro, o corpo do adorado Martins acompanhado de vinte mil pessoas, segundo a estatística da imprensa indigena a receber em todas as ruas por onde passou, vivissimas demonstrações de subido apreço : flores, lagrimas, discursos e phrases entrecortadas de soluços !

E' impossivel descrever até

onde chegou a grandeza de Pernambuco perante a grandeza do morto tão amado.

Ao chegar elle ao tumulo—o sol atufou-se no occaso, e começou a chover :—a natureza chorava, acompanhava-nos no pranto !

Ao ser collocado no *ultimo pouso* do poeta, fallaram : Dr. Bianor de Medeiros, Dr. Arthur Muniz, Orris Soares, Dr. João Teixeira, Ulysses Vianna Filho, Antonio de Góes, Dr. Jarbas Loreti, Charles Koury, Dr. Aristarcho Lopes, Dr. Feliciano Gomes, José de Barros Lima, Alcebíades Lima, Renato Phaelante

da Camara, Dr. Ap'igio Castro, Joaquim de Góes, Cleto Campello, José Campello, Octavio Lessa, Symphronio Magalhães, Domingos de Oliveira, Belerophonte Chaves, Ferreira Junior, Monteiro Pessoa, Dr. Pereira Junior, Dr. Ribeiro de Britto e Henrique de Figueiredo.

A's sete horas da noite terminou a apothose de Martins Junior, a maior que temos feito em nosso período historico.

Que o espirito do grande morto continue a guiar os guerrilheiros do Bem, do Bello, em prol do nosso Paiz.

NOTAS

Ao ter conhecimento do desejo da familia do Dr. Martins Junior que desejava receber o corpo embalsamado do Rio de Janeiro, o nosso distinctissimo amigo Dr. Manoel Cicero immediatamente dirigiu-se ao Dr. Costa Ferraz, ordenando o embalsamamento e responsabilizando-se por todas as despesas feitas. Esta sua resolução coincidiu com a dos moços da Academia e do corpo docente que, por telegramma, requisitaram o cadaver embalsamado do glorioso mestre.

Consta que o Dr. Henrique Martins, digno irmão do Dr. Martins Junir e secretario da Faculdade de Direito do Recife, pretende reunir em volume, todos os escriptos consagrados á memoria do inesquecido poeta, philosopho e jurista. Este livro será prefaciado pelo notavel homem de letras pernambucano Theotonio Freire, amigo intimo do morto que tambem lhe

prefaciou um livro de versos de sua lavra sob o titulo «Lavas».

Diariamente continuam a affluir ao cemiterio de Santo Amaro, inumeras pessoas a visitar o tumulo do grande Mestre.

E' extraordinario o sentimento que ainda reina por todas as classes sociaes, em razão da morte do eminente pernambucano.

Publicaram-se inumeros cartões postaes illustrados com o retrato de Martins Junior. A acreditada photographia Oliveira, alem dos retratos, photographou tambem em diversas occasiões, o grande prestito que acompanhava a carreta portadora dos despojos do illustre pernambucano.

Ao ter noticia do fallecimento de Martins Junior, o nosso director, Dr. J. E. da Frota e Vasconcellos, telegraphou immediatamente ao Dr. Manoel Cicero, pedindo-lhe para que fizesse representar a «A Cultura Academica» nas exequias do illustre pernambucano.

Os trabalhos publicados neste numero da *A Cultura Academica* não obedeceram de modo algum á preferencia a esta ou aquella individualidade.

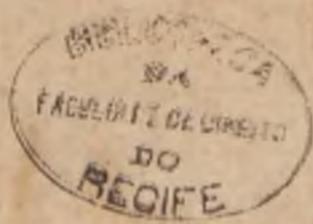
Foram typographados a proporção que nos iam chegando ás mãos, motivo porque não conseguimos estabelecê-los n'uma ordem determinada, como preferenderamos.

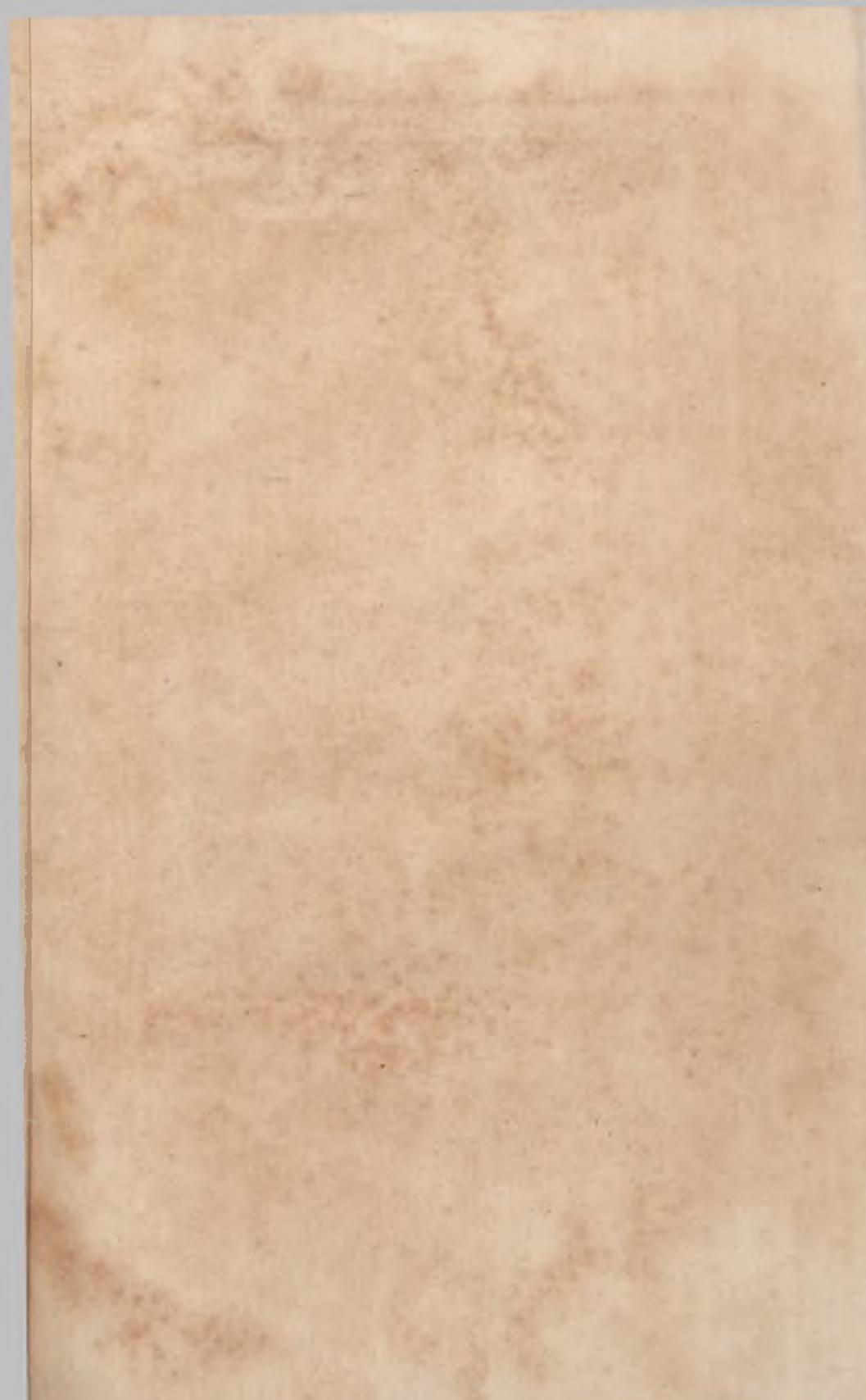
N. R.

Imprensa Industrial



Passagem do prestito pela Rua do Hospicio







Ino: 122

340.05 =

0968

1904

P262

S.1

